

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – TRADUÇÃO INGLÊS

HISLLA SUELLEN MOREIRA RAMALHO

**TRADUÇÃO E ANÁLISE DE *A PRIVATE EXPERIENCE* E *THE THING*
AROUND YOUR NECK DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Brasília – DF

2017

HISLLA SUELLEN MOREIRA RAMALHO

**TRADUÇÃO E ANÁLISE DE A *PRIVATE EXPERIENCE* E *THE THING*
AROUND YOUR NECK DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso de Letras – Tradução Inglês, sob orientação do Prof. Bruno Carlucci da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília – DF

2017

“O que me move é a vocação divina da palavra, que não apenas nomeia, mas que inventa e produz encantamento.”

Mia Couto

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus; sem Ele não poderia ter chegado aqui.

Aos meus pais, João Ramalho e Eridan Moreira de Azevedo Ramalho, pelo amor, compreensão, paciência e apoio.

A minha irmã, Hallana Moreira, pelos conselhos e chatices.

À minha família, em geral, pelo amor e carinho.

A todos os meus amigos queridos por compartilharem momentos tão inusitados.

Aos meus professores, que me orientaram em cada disciplina e que tiveram paciência comigo.

Ao meu orientador Bruno Carlucci, pelo auxílio.

A todos que de qualquer forma me ajudaram, em algum momento, nessa caminhada.

Muito Obrigada!

Hislla S. M. Ramalho

RESUMO

Este projeto tem como escopo a tradução e análise de dois contos do livro *The Thing Around Neck* de Chimamanda Ngozi Adichie que são *A Private Experience* e *The Thing Around Your Neck* de acordo com algumas teorias e teóricos dos estudos pós-coloniais e da tradução. Entre eles estão: Said com a temática da alteridade; Spivak com a da posição do subalterno e da mulher; Tymoczko com a da tradução de textos pós-coloniais; Bassnett com a da tradução, Benjamin com a da conservação da forma e outros. O foco real desta pesquisa é a tradução estrangeirizadora, conservadora de uma forma original, como forma de resistência, que também é uma característica dos textos pós-coloniais. Para além disso, este trabalho visa a saída de um foco eurocêntrico na academia e uma singela contribuição para os estudos da tradução.

Palavras- chave: Literatura Africana; Tradução; Estrangeirização.

ABSTRACT

The aim of this project is the translation and the analysis of two short stories from Chimamanda Ngozi Adichie's book *The Thing Around Neck* which are *A Private Experience* e *The Thing Around Your Neck* according some of the postcolonial and translation theories and theorists; among them are: Said with the topic about alterity, otherness; Spivak with the position of the subaltern and the woman; Tymoczko with the postcolonial texts translation; Bassnett with translation concepts; Benjamim with the maintenance of a text form and others. The real focus of this research is the foreignizing translation, the conservation of an original text form as a way of resistance which is also a characteristic of postcolonial texts, in general. Furthermore, this work aims to be a way out of the academic eurocentrism and a contribution to translation studies.

Keywords: African Literature; Foreignizing; Translation.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Procedimentos Metodológicos	8
2.1. A obra.....	9
2.2. A autora e seu projeto de escritura.....	10
3. Referencial Teórico	10
3.1. Análise de <i>A Private Experience</i>	14
3.2. A estrangeirização na tradução de <i>A Private Experience</i>	17
3.3. Relatório e Justificativa de Tradução - <i>A Private Experience</i>	18
3.4. Análise de <i>The Thing Around Your Neck</i>	27
3.5. A tradução como criação e original.....	29
3.6. Relatório e Justificativa de Tradução - <i>The Thing Around Your Neck</i>	30
4. Considerações Finais	35
Referências	37
Anexos	38
Anexo A 1º Versão de Tradução de <i>A Private Experience</i>	38
Anexo B 2º Versão de Tradução de <i>A Private Experience</i>	53
Anexo C 1º Versão de Tradução de <i>The Thing Around Your Neck</i>	67
Anexo D 2º Versão de Tradução de <i>The Thing Around Your Neck</i>	81

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho diz respeito à tradução e análise de dois contos do livro “*The Thing Around Your Neck*” intitulados *A Private Experience* e *The Thing Around Your Neck*. Esses, trazem à tona (em seu original) o contexto linguístico e sociocultural nigeriano; em outras palavras, os usos do igbo juntamente com o inglês; as situações interacionais de assimilação e choque cultural entre um ou mais personagens; as críticas ao governo e ao sistema colonialista Ocidental. Ambos os contos tratam essencialmente da questão do deslocamento e das diferenças culturais, da situação de vulnerabilidade em que a mulher negra africana está em relação ao processo migratório, a própria sociedade etc.

Apesar de hoje as literaturas africanas serem mais conhecidas pelo público brasileiro do que eram há algum tempo, ainda existe uma carência de produção de análise nesse campo. Por essa razão, considero importante a saída do foco literário eurocêntrico e a partida para outras perspectivas literárias ainda não tão pesquisadas no campo da tradução.

A autora do livro, Chimamanda, é nigeriana e trabalha em suas obras várias questões sociais como a lógica colonialista, o feminismo, a religião, as classes sociais e as estruturas e instituições políticas e sociais em geral. Nos contos traduzidos a escrita original é marcada pela utilização do narrador onisciente, com mistura de tempo cronológico e psicológico; utilização de marcas de oralidade e marcas culturais do Igbo com Inglês e utilização de descrição detalhada de ambientes sendo notada a adjetivação constante de objetos, lugares e pessoas.

Estando estas características presentes na obra da autora, é essencial a conservação desses pontos ao se realizar a tradução, uma vez que esta pesquisa objetiva não só a preservação do original, mas também a oportunidade de apresentar literaturas africanas, que de certa forma fogem de um padrão eurocêntrico, a um público que precisa de outras perspectivas e de aumentar a produção acadêmica nessa área de estudos que se seguiram logo após a colonização.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi realizado a partir das seguintes etapas: seleção, tradução, análise e teorização dos contos escolhidos - *A Private Experience* e *The Thing Around Your Neck*. A seleção

foi realizada a partir dos seguintes critérios: literatura nigeriana, utilização de registros diferentes e línguas de matriz africana como Igbo (hibridismo), forte inserção de aspectos culturais regionais no texto e afeição pelas obras.

Depois dessa classificação, passou-se para um segundo estágio: a tradução. A partir desse ponto as questões relevantes para a análise e teorização foram estabelecidas; a tradução de um dos contos (*A Private Experience*) já tinha sido iniciada assim como um diário de tradução que facilitou a elaboração de um tema mais específico e de referenciais bibliográficos para a fundamentação teórica do projeto.

Realizados os principais estágios do projeto, foi realizada a análise de tradução e uma segunda seleção mais detalhada e específica do material teórico que seria utilizado no embasamento do trabalho. Sendo esse, agora baseado nas teorias de estrangeirização, de gênero, da tradução etnocêntrica, do colonialismo e epistemicídio.

Em suma, foram escolhidos dois contos do livro *The Thing Around Your Neck* (*A Private Experience* e *The Thing Around Your Neck*), e a partir da prática tradutória pôde-se realizar a análise e justificativa de tradução, para além disso, a teorização das principais *Double Binds* encontradas no processo tradutório de acordo com as teorias antes selecionadas. Com o projeto concluído em todas as suas etapas, foram feitas a revisão e a formatação para a entrega e defesa do projeto.

2.1. A OBRA

O livro *The Thing Around Your Neck* (2009) de Chimamanda Ngozi Adichie é uma coleção de doze contos que relatam problemas familiares, sociais, migratórios; relatam também a vulnerabilidade da mulher africana especificamente num contexto de imigração entre a Nigéria e os Estados Unidos. O título faz referência a essas várias situações conflitantes e asfixiantes em que os personagens narrados estão e que, para além disso, afetam o leitor de forma impactante, despertando nele a crítica e os próprios sentimentos dos personagens.

The Thing Around Your Neck / A coisa envolta do teu pescoço (tradução minha) não é apenas uma coleção de contos, é antes e também o reflexo e o relato de umas das realidades da

mulher negra africana no processo de imigração, num contexto diferença cultural e étnica; é a descrição do sentimento preso no fundo do peito e do nó na garganta quando há um choque cultural que é sexista e racista e que causa danos na pessoa que o sofre.

2.2. A AUTORA E SEU PROJETO DE ESCRITURA

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 15 de setembro de 1977 em Abba, na Nigéria. É uma escritora reconhecida e popular por escrever sobre temas polêmicos como por exemplo: diferenças culturais, religiosas, sociais e principalmente sobre a sua visão feminista que fomenta quase todas as suas narrativas. Adichie quebra a tradição, traz um discurso moderno com temáticas dicotômicas, além disso, escreve em inglês com usos do Igbo.

Seu primeiro romance, *Purple Hibiscus (Hibisco roxo)* foi publicado em 2003 e fez muito sucesso sendo premiado como melhor Primeiro Livro em 2005. O segundo romance, *Half of a Yellow Sun (Meio sol amarelo)*, foi assim intitulado em homenagem à bandeira do Biafra, foi publicado pela editora Knopf/Anchor em 2006, e ganhou o *Orange Prize* para ficção em 2007. *The Thing Around Your Neck* foi o seu terceiro livro, sendo este uma coletânea de doze contos lançados pela Knopf/Anchor em 2009 e este ano foi publicado no Brasil.

Adichie possui uma forma de escrita e de construção gramatical bem estruturada e que põe em questão os preconceitos e estereótipos sobre a mulher negra africana, a imigrante, sobre as mulheres em geral. A escrita de dela é híbrida, crítica e, de certa forma, resistente. Nos contos escolhidos, ela utiliza traços de tempo cronológico juntamente com o psicológico. A descrição detalhista de situações, olhares, cores, climas e fatos, que muito provavelmente aconteceram com a própria autora, trazem certa consistência aos contos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Antes do período colonial, a tradução era vista como uma atividade importante para a comunicação, para a difusão de obras, como por exemplo, a bíblia, e/ou como uma atividade etnocêntrica. Durante o período colonial, sabe-se, claramente, que as colônias eram vistas como

inferiores em relação aos seus colonizadores e assim também eram (e muitas vezes são ainda) consideradas as traduções em relação aos seus originais.

Os originais eram vistos como a “*fonte pura*” do texto, como a verdade sagrada e as suas traduções eram apenas réplicas que, por maiores e grandiosas que fossem, seriam apenas réplicas de um original. Essa noção de tradução colocava e ainda coloca um peso em vários tradutores ao realizarem um processo tradutório focado na fidelidade ao original. Devo confessar que, o mesmo ocorreu na realização deste trabalho, involuntariamente, inicialmente.

No período do processo de descolonização latino e africano que aconteceu de um a dois séculos atrás, essa idéia de tradução como sendo inferior ao original foi se tornando obsoleta, em uma visão mais moderna do mundo, nos campos científicos também tradutórios e outros mais. Cada tradução é única, é uma criação, uma vez que toma toda uma forma de um texto que já possui em si a intertextualidade e o reflexo de uma cultura exterior, e transpõe para uma língua e cultura diferentes, criando assim um novo texto transposto, tecido, traduzido.

Sendo assim, quando, neste trabalho, se propõe a tradução de contos nigerianos pode-se pensar na complexidade que há em traduzir contos pós-coloniais. Simplesmente, agora, *The Empire Writes Back* e a escrita pós-colonial já é e deve ser considerada em si uma tradução. De acordo com Tymoczko (1999), escritora, teórica de tradução e professora na Universidade de Massachusetts, escritores pós coloniais estão transpondo uma cultura para ser entendida como uma língua, um sistema cognitivo, uma literatura, uma cultura material, um sistema social e uma estrutura legal, uma história e assim por diante.

Essa escrita não deve ser considerada inferior ou menos relevante pela sua densidade e complexidade. Pelo contrário, essa escrita é legítima e reflete, como um espelho embaçado, uma realidade histórica, cultural etc. Segundo Ndongo (2013) que é escritor, jornalista e político da Guiné Equatorial, as literaturas africanas são legítimas mesmo essas sendo expressadas em línguas ocidentais; o idioma antes imposto agora é parte própria e autônoma dos africanos e por esta razão uma grande parte dos escritores negro-africanos não se consideram, de forma alguma, “ladrões” de línguas”. As línguas utilizadas na escrita da literatura são vivificadas e enriquecidas servindo como valorosos instrumentos de comunicação uma vez que carregam as emoções, as histórias, as culturas e as línguas africanas.

A escrita pós colonial pode construir em si a resistência do texto. Nesse caso, em uma tradução dessa categoria já deve-se ter em mente que nenhum texto pode ser totalmente traduzido em todos os aspectos. Escolhas, adições e omissões podem ser feitas no processo a depender da proposta e do objetivo principal.

Traduzir envolve todo um processo de pesquisa e de escolhas complexas. De acordo com o tradutor, teórico, crítico literário e professor universitário da Universidade estadual de Campinas Márcio Seligmann (1999) “traduzir e resolver os problemas de tradução traz a melancolia, traz uma crítica do eu – contra eu,” trata-se aqui do ser como uma tradução infinita de si mesmo e que consiste numa rede de contraposições entre o eu e a sua autolimitação, o contra eu, que se desenrola *ad infinitum*. Pode se afirmar, então, que existe uma zona de desconforto onde o tradutor tem de optar por algo as vezes que vai de encontro a sua vontade.

Ao escolher e iniciar a tradução de contos literários nigerianos, faz-se um apontamento relevante: o eurocentrismo acadêmico. Em outras palavras, a escolha de traduzir contos que estão inseridos em contextos complexos de imigração e são considerados pós-coloniais diz respeito a um certo apagamento, a um epistemicídio das literaturas não ocidentais em geral. Segundo a filósofa, escritora e ativista do movimento social negro brasileiro, Sueli Carneiro,

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.[...] É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. (CARNEIRO, 2005 p.97)

O epistemicídio abafa as possibilidades de entendimento da lógica colonial e por consequência, do racismo; traz a ideia de que os negros/ africanos são culpados pela sua própria escravidão. Ele ressalta a supremacia intelectual da racialidade branca (ocidental), e é observado

através da subjetivação de saberes e de poderes, nesse caso, da literatura, da cultura negra e africana. A partir desse conceito pode-se pensar e analisar o que é traduzido, como foi traduzido, as causas e efeitos da tradução, as posições tomadas pelo tradutor etc.

A tradução envolve muito mais que língua, ela está mergulhada em sistemas políticos, culturais e históricos e é em si uma realidade histórica. Até os dias de hoje, ela é um meio de conter as realizações artísticas de escritores em outras línguas consideradas não relevantes, e de garantir a supremacia da cultura europeia dominante. De acordo com Tymoczko (1999, p.31) “Patrons determine the parameters of what is translated just as they determine parameters of what is published [...] Studies of translation are increasingly alert to the circumstances under which books are chosen for translation and translations are published ...”

É importante saber então que apesar de Chimamanda poder representar uma literatura pós-colonial que possui certa resistência e logo barreiras de acesso ao leitor estrangeiro, ela não representa o todo em sua totalidade nem todas as vozes a serem ouvidas. Ela também faz parte de um cânone literário cuja raiz enfatiza estranhamente a hegemonia eurocêntrica.

Felizmente, nos últimos anos o fluxo de obras de autores e autoras negros (as) e africanos (as) traduzidos e publicados no Brasil tem crescido, mas ainda não foi nem é suficiente para que haja enfim um equilíbrio de produções e uma saída de um foco ocidental. A escolha de traduzir contos nigerianos diz respeito a utilização da tradução como criação e a conservação da forma como resistência e não como maneira de propagar o conceito do “Outro Exótico” que segundo Gentzler (2009 p. 218) “teve um impacto dramático não só sobre a compreensão por parte do Ocidente das chamadas culturas do” “Terceiro Mundo”, mas também sobre a compreensão que muitas nações emergentes teriam de suas próprias culturas” Ainda segundo ele, as relações de poder colonial se perpetuam e as estruturas sociais imperiais se verificam ainda no período pós-colonial.

A tradução é uma atividade manipuladora e também serviu (e ainda serve), ao longo da história, como instrumento de perpetuação e manutenção da hegemonia. De acordo com Bassnett e Trivedi em sua introdução no livro *Post-Colonial Translation – Theory and Practice* (Tradução Pós-Colonial – Teoria e Prática – *tradução minha*)

Translation does not happen in a vacuum, but in a continuum; it is not an isolated act, it is part of an ongoing process of intercultural transfer. Moreover, translation is a highly manipulative activity that involves all

kinds of stages in that process of transfer across linguistic and cultural boundaries. Translation is not an innocent, transparent activity but is highly charged with significance at every stage, it rarely, if ever, involves a relationship of equality between texts, authors or systems.(BASSNETT, TRIVEDI, 1999, p.2)

Tendo a tradução como algo que atinge estruturas profundas sendo elas linguísticas ou culturais as manipulando de forma estrangeirizadora ou domesticadora, neste trabalho, busca-se não somente a tradução do sentido, mas a conservação de toda uma forma do texto original que resulta em uma nova criação. Segundo Benjamin o que é essencial na tradução não é a comunicação nem o enunciado. Ou seja, "...a tradução que pretendesse transmitir algo não poderia transmitir nada que não fosse comunicação, portanto, algo de inessencial."(p.102, 2008).

A tradução que preserva a forma do texto original e, que estrangeiriza é a mais coerente na tradução destes contos nigerianos de Adichie. Pois o projeto dela é de uma escrita híbrida e resistente (possui barreiras de acesso) onde o leitor consegue perceber um pouco da cultura nigeriana, entender a utilização do Igbo misturado ao inglês; sentir a insegurança, a agonia, a vulnerabilidade da mulher africana deslocada culturalmente por uma necessidade maior; resgatar, nos recessos de sua memória, lembranças, sensações e emoções que são despertadas apenas quando trata-se da própria pessoa, do indivíduo.

De acordo com Sommer (1994) textos inflexíveis levantam questões, que são como "perguntas de acesso", e que produzem um tipo de "incompetência" no leitor. E a resistência não é necessariamente um sinal de um impasse epistemológico, que em uma estratégia ético estética posiciona o leitor dentro de limites. A questão do texto não é o que os "críticos" ou os "leitores" podem saber e sim como essas posições se constroem sendo incomensuráveis e conflitivas.

3.1. ANÁLISE DE A *PRIVATE EXPERIENCE*

A Private Experience narra uma experiência privada que uma jovem cristã, Igbo e de classe social privilegiada tem com uma mulher muçulmana e pobre justamente quando uma revolta entre ambas religiões acontece e essa é a temática principal da trama. Na cidade de Kano, Nigéria, um homem cristão é decapitado depois de ter passado por cima do Alcorão sagrado. O enfoque do

conto é exatamente falar da interação conturbada, da confusão que acontece nas ruas, ou seja, no público, e dessa mesma interação entre as duas personagens representantes de dois lados diferentes dentro de uma loja pequena; também, falar da experiência pessoal de cada uma ao sentir as dores emocionais da perda de entes queridos.

Acredita-se que a proposição de Chimamanda nesse conto é dizer que apesar das diferenças culturais, étnicas, religiosas etc, somos todos iguais e tanto um lado quanto o outro sofre com as guerras, as brigas, as perdas que são consequência do preconceito, da ignorância e intolerância. Adichie pode propor o respeito entre as diferenças. Na narrativa há um exemplo forte desse aspecto quando Chika diz o nome de sua irmã desaparecida: Nnedi, e a mulher o pronuncia com afabilidade, como se a garota também fizesse parte dela.

Ao longo dessa narrativa, Adichie se utiliza de um narrador onisciente quase personagem porque está presente enfaticamente. Esse narrador revela o futuro e quebra uma possível sequência linear que o texto pudesse ter, em outras palavras, mostra a triste realidade, faz o leitor sentir e saber que Chika nunca encontrará Nnedi depois dessa revolta. Todavia, impressionantemente, ele não revela se a mulher encontrará Halima, ou mesmo qual será o futuro da mulher. Infere-se que a posteridade dela não é tão relevante. Será Chika a representação do “*Eu superior*” e a mulher do “*Outro, exótico*”?, ou até mesmo do colonizador hegemônico e das colônias menosprezadas?

De acordo com Spivak, há uma violência epistêmica controlada através de um projeto heterogêneo para constituir o sujeito colonial do “outro”. O subalterno, se tiver a oportunidade, pode falar e saber sua condição perante a sociedade e perante o sistema? “*Can the subaltern speak?*”. Pode a mulher falar e ser bem representada no conto? Absolutamente não. Será essa a crítica da autora ao deixá-la sem nome e sem voz? Mostrar que mesmo depois da colonização e de um tempo aparente de democracia liberal as vozes da minoria ainda não estão sendo realmente ouvidas?

Ainda segundo Said o Oriente foi uma invenção europeia, pois desde a antiguidade tem sido um lugar de romances, seres exóticos, caçadas, paisagens e de experiências extraordinárias. Said (2003) diz que o oriente era a maior, mais rica e mais velha colônia da Europa e possui uma profunda e recorrente imagem do “Outro” exótico e misterioso.

Como característica do conto e do estilo de Chimamanda, geralmente, há uma situação

conflitante, uma dicotomia que alimenta todo o enredo. Quando o motim está acontecendo se inicia uma experiência privada entre ambas mulheres e é exatamente nesta ocasião em que há o reconhecimento das diferenças e das similaridades dessas. No conto, os pensamentos de Chika sobre a mulher, sobre aquele ser *estranho*, são o do “Eu” e o “Outro” que são tão diferentes, e, ao mesmo tempo tão iguais.

Os tempos verbais no presente e no presente contínuo trazem um aspecto real à trama e fazem o leitor ser, de certa forma, construtor ativo e participante da história, ou seja, ter um olhar crítico sobre a corrente situação. A descrição e o detalhamento dos fatos também contribuem para tal. A utilização da repetição como mecanismo oral enfático das adjetivações são outra característica marcante e presente como por exemplo: *big-big* ou *small-small*. Outro fato crucial na narrativa, já citado, é o registro da língua utilizado quando a mulher fala, que no caso é uma marca identitária do inglês hauçá presente na Nigéria. Por exemplo: “*I am trader*” ao invés de “*I am a trader*” A reprodução proposital dessas marcas na tradução são e foram em si um duplo desafio.

A leitura desse conto tira o leitor da zona de conforto, pelo tempo verbal utilizado, pelo narrador onisciente, pela adjetivação, pela revolta, pelas diferenças e similaridades, sim. Todavia, gostaria de chamar atenção para o fato de a mulher muçulmana não ter nome, não ser de classe privilegiada, não utilizar registros padrões. A reprodução, no conto, desses estereótipos são um risco e por vezes soam um tanto racistas, por que a partir daí pode-se analisar o lugar de fala de uma mulher que não tem voz no conto. O narrador vai tratar de falar, mais detalhadamente, dos sentimentos e das sensações de Chika, que é um tanto arrogante e preconceituosa, do que dos da mulher.

Adichie usa esse mecanismo para criticar a sociedade e dizer que o outro lado não está sendo ouvido; ou ela está reforçando em certo nível um preconceito já existente em relação às muçulmanas? Por que Chika não tem a fala marcada e sim a mulher? Por que não uma inversão de papéis? De certa forma, a importância é dada a menina que é rica, jovem, colonizada, estuda medicina e tem um final concreto. A mulher passa pela trama como algo um tanto abstrato.

Uma das grandes questões dos contos vem de um questionamento complexo – Pode o subalterno falar? Segundo Spivak (1988) a mulher não é suficientemente representada nem representável, não tem uma voz e é utilizada como modo de exploração e capital. Se, num contexto pós-colonial e atual, o subalterno não tem história e não pode falar, a mulher está em uma sombra

ainda mais profunda. E justamente, acredita-se que, esse é o objetivo de Chimamanda, criticar uma sociedade que não ouve as suas minorias.

3.2. A ESTRANGEIRIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DE A *PRIVATE EXPERIENCE*

Como já afirmado, a tradução envolve um processo de escolhas e estas essas colocam, de certa forma, o tradutor em uma situação de desconforto até o fim da prática tradutória. Um universo de possibilidades e criações é a tradução, sendo assim pode-se dizer que não existe uma linearidade em seu processo.

Inicialmente, ao escolher as obras pensei em duas possibilidades de tradução: uma em que o texto fosse fluente na língua meta ao ponto de não haver um reconhecimento de que o texto traduzido fosse uma tradução; e outra em que o texto traduzido transparecesse que é uma tradução pelas estruturas, pelos estranhamentos presentes e pelos indicadores dessa transposição.

Para Venuti (1995) que é um teórico da tradução e tradutor americano, o método domesticador é uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para os valores culturais da língua alvo, trazendo o autor de volta para casa, para sua língua; e a estrangeirização é um certo desvio dos valores da cultura padrão para outras, para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, enviando o leitor para o “exterior”.

Observando essas vertentes, pude considerar que um texto pós-colonial que é em si resistente requer uma tradução coerente com seu propósito. Sendo assim, a estrangeirização, a preservação de uma forma que se deixa transparecer no texto traduzido foi proposta, aqui, reafirmando assim uma barreira de acesso no ato da leitura, uma resistência. Venuti diz

I want to suggest that insofar as foreignizing translation seeks to restrain the ethnocentric violence of translation, it is highly desirable today, a strategic cultural intervention in the current state of world affairs, pitched against the hegemonic English-language nations and the unequal cultural exchanges in which they engage their global others. Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations. (VENUTI 1995, p. 20)

Como já afirmado, a escrita pós-colonial já é uma tradução e uma forma de resistência. Sendo assim, a tradução estrangeirizadora é uma maneira de manifestar e ampliar esse foco. Penso que a estrangeirização une as alteridades, une “Eu” e o “Outro” dentro de um domínio textual que reflete as culturas pelas quais a tradução passou. No caso de *A Private Experience* a escrita é em inglês com utilizações do *broken english* (pidgin) traduzidas para o português, essa estrangeirização atravessa as fronteiras linguísticas e culturais daquela língua e é transposta para o português sem ser, de todo, apagada.

3.3. RELATÓRIO E JUSTIFICATIVA DE TRADUÇÃO – *A PRIVATE EXPERIENCE*

A tradução de *A Private Experience* resultou em inúmeras *Double binds*. As primeiras hipóteses sobre o texto dizem respeito a dificuldade de transportar toda esta bagagem e história que até hoje acontece na Nigéria - conflitos entre cristãos e muçulmanos; a resistência do texto em relação ao leitor; aos aspectos linguísticos e socioculturais intrínsecos no texto que marcam a divisão das classes sociais de cada personagem.

Essas hipóteses foram aos poucos sendo confirmadas uma vez que tive dificuldades primeiramente com o título do conto, depois; com a fragmentação de algumas estruturas o que faz com que a narrativa tenha um forte traço de oralidade; com tempos verbais no presente, passado e passado contínuo; com as falas da mulher muçulmana, que representam a história da colonização através da língua e que deixam evidente de qual classe social essa pertence; com a sequenciação dos fatos sem que os tempos verbais os deixassem desconexos ou confusos; com as adjetivações e descrições do texto etc.

O primeiro desafio já se encontra no título “**A Private experience**” que pode ser traduzido como “**Uma experiência privada, pessoal, particular**”. Na primeira e segunda versão optei pela palavra “*privada*” por que quando a ouvimos logo remetemos a “*público*” e penso que também foi uma das razões da própria autora ter utilizado a palavra “private” em vez de “personal” ou até mesmo “singular” uma vez que o conto faz essa contraposição e jogo de narrativa sobre a revolta que acontece em público e da experiência privada e no privado que Chika tem com a mulher muçulmana.

O pretérito em inglês, por vezes, foi traduzido por um pretérito mais-que-perfeito pela

indicação de que algo passado aconteceu anteriormente ao passado simples. No exemplo a seguir, a loja estava deserta antes das revoltas começarem. Observe:

<i>“The store looks as if it was deserted long before the riots started;”</i>	<i>“A loja parece que estivera deserta muito antes que os motins comessem;”</i>
---	---

Na primeira versão traduzi a palavra *“riot”* por *“motim”* porém, ao consultar o dicionário, pude observar que essa tem um significado um tanto político, o que não é o caso do conto que trata de uma manifestação coletiva não organizada; de uma grande agitação. Por essa razão, na segunda versão preferi a palavra *“revolta”* que traz um sentido mais literal em relação ao original; uma revolta entre cristãos e muçulmanos aconteceu por que um homem que “por acaso” era cristão passou em cima do Alcorão sagrado e em seguida foi decapitado.

Outros desafios encontrados foram as adjetivações utilizadas pela autora na descrição dos elementos; essas são um tanto exacerbadas e trazem certa dificuldade de coerência e coesão porque é necessário conectá-las ao nome principal para não causar ambiguidade no leitor. Por exemplo:

<i>“the empty rows of wooden shelves are covered in yellow dust”</i>	<i>“as fileiras vazias das prateleiras de madeira estão cobertas de poeira amarela”</i>
--	---

Decidi, como se pode observar acima, manter a sentença da mesma forma do original, porém traduzi a palavra *wooden* por *de madeira* em vez de *amadeiradas*. A utilização da primeira forma soa mais fluida e traz a impressão que as prateleiras eram totalmente de madeira e não apenas amadeiradas. Em outras adjetivações, não tive muitas opções a não ser tentar organizar uma estrutura em que o leitor conseguisse entender qual é o núcleo da adjetivação. No caso a seguir, troquei a ordem sintática da frase e a mulher é citada depois de relatadas as características de seu sotaque.

<i>“woman’s strong Hausa accent”</i>	<i>“o forte sotaque Hauçá da mulher”</i>
--------------------------------------	--

Gostaria, aqui, de chamar atenção para as adjetivações narradas, e que estão no pensamento de Chika, sobre as coisas e o jeito da mulher. Exótico, esquisito. Essas marcam um estereótipo um tanto inferior na mulher e distanciam ambas as mulheres de uma possível situação de “igualdade”. Observa-se claramente Chika e a Outra, o Outro exótico que serve como uma construção do Eu hegemônico. Observe:

<i>The woman sighs and Chika imagines that she is thinking of her necklace, probably plastic beads threaded on a piece of string.</i>	<i>A mulher suspira e Chika imagina que ela está pensando no colar dela, provavelmente miçangas de plástico enfiadas num pedaço de corda.</i>
<i>It hangs around the woman's neck now, but it was probably wound loosely round her face before, covering her ears. A long flimsy pink and black scarf, with the garish prettiness of cheap things.</i>	<i>Está pendurado em volta do pescoço da mulher agora, mas, estava enrolado provavelmente em torno de sua face antes, de modo folgado, cobrindo as suas orelhas. Um comprido e leve lenço preto e rosa, com a beleza espalhafatosa das coisas baratas.</i>

Esse é o relato inicial de Chika depois do contato de ambos universos diferentes (representados pelas mulheres) colocados juntos por uma revolta. Os adornos da mulher, o colar, o lenço e seu próprio rosto são marcados no conto como sendo diferentes. O primeiro é apenas miçangas de plástico enfiadas numa corda; o segundo possui a beleza espalhafatosa de coisas baratas e a face é fina; a mulher é do norte.

É interessante também observar a utilização e a tradução da palavra “**scarf**” que é um marcador cultural e étnico da mulher e que para Chika é apenas um “lenço”. Numa tradução que procura seguir o projeto do original, traduzi “**scarf**” por “**lenço**” porque a própria autora não considerou relevante dar o nome exato da vestimenta da mulher como *Hijab* ou até mesmo *Burca*.

A marcação proposital da fala da mulher entra em contraposição com toda a narrativa quando o narrador onisciente relata que Chika não pode concordar ou discordar com a mulher quando essa afirma:

<i>“Them got going to small-small shop, only big-big shop and market.”</i>	<i>“Pequena-pequena loja não, só grande-grande loja e mercado eles foi indo.”</i>
--	---

Chika não sabe nada sobre revoltas, infere-se que a mulher saiba, a única coisa que

presenciou foi um comício na universidade a favor da democracia e que focava na necessidade de:

*“talk to students about the importance of
“having our voices heard.”*

*“falar aos estudantes sobre a importância de
“ter as nossas vozes ouvidas.”*

A ironia e a crítica do conto são colocadas nesse ponto chave. As vozes de quem precisam ser ouvidas? De uma parcela da população que tem condições financeiras estáveis para acessar a universidade? Ou de trabalhadoras (es) que são exploradas (os) e são pertencentes às minorias? Ao longo do conto a única voz que ressoa é a de Chika tanto em um discurso indireto como em um direto, e a da mulher é presente apenas no ato de fala- direto, como se não houvesse algo mais além disso.

Esse conto tem o enredo bem estruturado, possui uma riqueza de vocabulários e construções, e desperta várias sensações diferentes no leitor, realmente o tira de sua zona de conforto porque ao mesmo tempo em que o aproxima da mulher e o distancia de Chika pela sua arrogância; também, de alguma forma, cria uma imagem ocidentalmente estereotipada da mulher nesse leitor que pode reproduzir um racismo presente e forte contra africanas (os) que são muçulmanas (os).

Em *An Image of Africa: Racism in Conrad's “Heart of Darkness”* (1977) Achebe afirma que há toda uma psicologia e uma preparação para mostrar o mundo da perspectiva do “colonizador”, se assim pode-se dizer, pois o continente ou país hegemônico só exercem essa hegemonia através de imposição e auto afirmação a todo momento de que “sou o superior” e “o outro é inferior, não existe.”

Para além dessa questão, há uma invisibilidade da mulher. Será essa a crítica irônica da autora? A hegemonia já tem direitos e ainda quer ter as suas vozes ouvidas, mas e as massas oprimidas? e as mulheres desfavorecidas por uma estrutura social corrupta e um sistema cultural sexista? Em seu texto *Can the Subaltern Speak?* (1988) Spivak diz:

“Women outside of the mode of production narrative mark the points of fadeout in the writing of disciplinary history even as they mime “writing as such” footprints of the trace (of someone? of something?- we are obliged mistakenly to ask) that efface as they disclose. If, [...], the mode of

production narrative is the final reference, these women are insufficiently represented or representable in that narration. We can docket them, but we cannot grasp them at all.”

De certa forma, a mulher que não possui nome e por consequência, não tem identidade; é insuficientemente representada talvez por uma crítica ou um ponto aberto (perguntas de acesso) pela própria autora. Pode-se dizer que a mulher é rotulada, está presente, mas os leitores não conseguem entendê-la, ela é parcialmente abstrata.

Na primeira versão da tradução comecei a traduzir as marcações de fala da mulher como estavam no original e depois pensei em achar algum registro em português que marcasse uma história colonial. Todavia, pude observar que a transposição de uma sentença no inglês nigeriano em falta de concordância em gênero e número em português fugiria talvez da proposta inicial do trabalho que é a estrangeirização e a criação através da conservação da forma. Observe:

Original	1° Versão	2° Versão
<i>“No run that way!”</i>	<i>“Não corre por aí”</i>	<i>“Corre por aí não”</i>
<i>“My necklace lost when I’m running”.</i>	<i>“Meu colar perdeu quando eu estou correndo”</i>	<i>“Quando eu estou correndo meu colar perdeu ”</i>
<i>“This place safe,”</i>	<i>“Este lugar seguro,” “</i>	<i>“Seguro este lugar,”</i>
<i>“Them got going to small-small shop, only big-big shop and market.”</i>	<i>“Eles foi indo para a loja pequenininha, apenas lojas e supermercados grandes.”</i>	<i>“Pequena pequena loja não, só grande-grande loja e mercado eles foi indo.”</i>
<i>“Every time when they are rioting, they break market,”</i>	<i>“Toda vez que eles tá fazendo motim, eles quebra o mercado,”</i>	<i>“Quando a revolta eles faz, mercado eles quebra”</i>

Veja que na segunda versão optei por uma quebra sintática, pela inversão e pela repetição dos equívocos no original. Quando não encontrei nenhuma forma de marcar a fala, coloquei um desvio, ou marcação oral corrente no português. O *entendimento* da fala da mulher é extremamente importante na construção dessa narrativa, por isso preferi realizar as técnicas já citadas no início deste parágrafo. Outro detalhe importante é: na segunda versão optei por utilizar uma voz passiva na marcação da voz da mulher porque coloca de forma clara a posição desta em relação a Chika. Veja: *“Quando a revolta eles faz, mercado eles quebra”*, *“Seguro este lugar*, etc.

Com o modernismo, as dicotomias e a alteridade como temática no conto, pude notar a distância estabelecida entre as mulheres inicialmente quando há uma repetição da voz de Chika utilizando enfaticamente “I” e do narrador utilizando enfaticamente “she”, assim como seus respectivos pronomes possessivos. Veja:

<p><i>“I dropped everything” ... “I was buying oranges and I dropped the oranges and my handbag.” [...] “ The woman sighs and Chika imagines that she is thinking of her necklace, [...] Chika can tell she is a Northerner, from the narrowness of her face, the unfamiliar rise of her cheekbones, and that she is Muslim.”</i></p>	<p><i>“Eu perdi tudo”...“Eu estava comprando laranjas e eu perdi as laranjas e minha bolsa.” [...]“A mulher suspira e Chika imagina que ela está pensando no colar dela, [...] Chika pode notar que a mulher é do Norte, pela finura de sua face, pela sua forma estranha de levantar as bochechas, e que ela é muçulmana.”</i></p>
---	---

Durante o desenvolvimento do enredo há uma aproximação das personagens, e logo dos abismos que as rotulam, pelos ternos atos da mulher e também pelos de Chika, em outras palavras, há uma superação de expectativas dentro daquele contato privado porque as rotulações e diferenças que lá fora (na rua) estão vindo à tona em forma de revolta, lá dentro da loja são ignorados por sentimentos maiores como o altruísmo, a compaixão, a dor da perda etc.

Isso faz com que as diferenças sejam, de certa forma, apagadas sendo assim ressaltadas as similaridades de ambas. É relevante atentar também para o exato momento em que Chika mente para a mulher, ela raramente o faz e quando o faz sempre há um propósito, e ela se questiona porque há ali a necessidade de ter uma história semelhante à da mulher. “...Chika lies to draw on a reality similar to the woman’s...” “Chika mente para recorrer a um passado ficcional parecido com o da mulher.” Esse fato concretiza um elo entre ambas, apaga um abismo que antes as separavam.

Outro momento relevante para a união das personagens é quando Chika quer perguntar a mulher se ela já presenciou outras revoltas e não pergunta justamente porque “She does not want a conversation of **naming names.**”- “Ela não quer uma conversa de **mencionar nomes.**” porque no final todos saem machucados, mortos, doentes etc. Ela e a mulher querem a paz.

É de extrema importância, a experiência privada de cada personagem, ou seja, ambas têm seus sentimentos pessoais em meio àquela confusão. Chika sonha acordada com a irmã, pronuncia o seu nome – *Nnedi*-, sai da loja à sua procura, fica tonta e não se conforma com o luto. Já a mulher reza, chora, lembra e conta de sua filha Halima. Ambas têm sentimentos relativamente iguais, mas expressados de maneira diferente, isso as constitui como semelhantes em meio à diferença. Observe:

<p><i>The woman starts to cry. [...] The woman's crying is private, as though she is carrying out a necessary ritual that involves no one else.</i></p>	<p>A mulher começa a chorar. [...] O choro da mulher é privado, como se ela estivesse realizando um ritual necessário que não envolve ninguém mais.</p>
<p><i>The woman wipes her eyes with one end of her blouse. "Allah keep your sister and Halima in safe place," she says. And because Chika is not sure what Muslims say to show agreement- it cannot be "amen"- she simply nods.</i></p>	<p>A mulher enxuga os olhos com uma ponta de sua blusa. "Que em seguro lugar, Allah mantenha sua irmã e Halima," ela diz. E porque Chika não tem certeza o que muçulmanos dizem para mostrar concordância – não pode ser "amém"- ela simplesmente acena.</p>

A tradução deste trecho é crucial no conto, pela unificação das dicotomias. Na tradução da fala da mulher, optei por uma inversão da sentença por que havia a necessidade de um marcador e essa foi melhor solução encontrada; e a adição de *que*; porque mostra a devoção e religiosidade da mulher. Observa-se que nessa fala não há tantas marcas do inglês hauçá quanto nas outras; isso mostra a posição de respeito e reverência à *Allah* por parte da mulher.

No momento em que a mulher ajoelha virada para a Meca e Chika segura o seu rosário de dedos como numa oração interior e de concordância com a mulher. Chika se sente energizada depois da oração e ela percebe que a fundamentação das crenças *vem (na maioria das vezes)* para o bem.

<p><i>[...]The woman clumsily washes her hands and face at the tap, then removes her scarf from her neck and places it down on the floor. Chika looks away. She knows the woman is on her knees, facing Mecca, but she does not look. It is like the woman's tears, a private experience, and she (Chika) wishes that she could leave the store. Or that she too, could pray, could believe in a god, see an omniscient presence in the stale air of the stole.[...]</i></p>	<p><i>[...] A mulher lava as mãos e rosto desajeitadamente na torneira, então ela tira o lenço do pescoço e coloca-o no chão. Chika desvia o olhar. Ela sabe que a mulher está de joelhos, voltada para a Meca, mas ela não olha. É como as lágrimas da mulher, uma experiência privada, e ela (Chika) deseja que ela pudesse sair da loja. Ou que ela também pudesse orar, pudesse acreditar em um deus, ver a presença onisciente no ar rarefeito da</i></p>
--	---

	<i>loja.[...]</i>
<i>She touches the finger rosary that she still wears, sometimes on her pinky or her forefinger[...]</i>	<i>Ela toca o rosário de dedo que ela ainda usa, as vezes em seu dedo mindinho ou em seu indicador[...]</i>
<i>When the woman rises, Chika feels strangely energized.[...]</i>	<i>Quando a mulher levanta, Chika se sente estranhamente energizada.[...]</i>

Adichie coloca religiões consideradas tão distantes em um mesmo patamar de igualdade porque nesse caso a oração da muçulmana e da cristã eram voltadas para o mesmo motivo sendo as crenças diferentes. Compartilhar da oração e da dor naquele momento de preocupação e perda significam união de forças emocionais, espirituais, culturais, religiosas etc. Na tradução, procurei seguir o original sem muitas omissões de pronomes, ou mudanças de palavras que não estavam presentes na narrativa.

O questionamento de Adichie sobre o que causa a guerra, no que resulta a matança e quais são as consequências para ambos os lados é totalmente exposto quando Chika chega a conclusão que “*In the end of the fight there are just dead bodies, there is no religion, Muslim, Christians, Igbo or Hausas.*” Portanto não há ganhadores, todos perdem, sofrem, padecem.

No meio de uma criação de estereótipos há todo um jogo midiático. No final do enredo há a citação de jornais importantes para a disseminação da informação. O que causa em Chika um sentimento de revolta e que ao mesmo tempo a faz quase esquecer a amável atitude da mulher muçulmana. Adichie mostra a manipulação da opinião das massas e a forte estereotipagem em relação a este tema e a vários outros discutidos atualmente. Veja:

<i>Later, Chika will read in The Guardian that “reactionary Hausa-speaking Muslims in the North have a history of violence against non-Muslims,” and in the middle of her grief, she will stop to remember that she examined the nipples and experienced the gentleness of a woman who is Hausa and Muslim.</i>	<i>Mais tarde, Chika lerá no The Guardian que “Muçulmanos reacionários falantes de Hauçá no norte tem uma história de violência contra os não-muçulmanos,” e no meio de sua aflição, ela parará para lembrar que examinou os mamilos e sentiu a ternura de uma mulher que é Hauçá e muçulmana.</i>
---	--

A ignorância ou inocência de Chika ao pedir o lenço da mulher é outro ponto chave no conto porque o véu representa uma característica cultural e religiosa, representa a identidade da mulher. Claramente, Chika pode voltar para casa com seu rosário de dedos ou até mesmo sem ele, isso não implicará em más consequências. Todavia, para a mulher, voltar sem o lenço para o seu meio cultural seria de um grande absurdo. Seria ela aceita em seu meio? Seria ela aceita no meio dos Igbos Cristãos? Me parece que depois dessa experiência privada a mulher volta para casa sem identidade. Sem ser.

O comportamento da mulher quando Chika pede o seu lenço é inquietador – ela a olha estranhamente e depois deixa o véu com a menina. Para Chika isso seria algo normal, por estar durante um tempo na loja e, pelas diferenças serem temporariamente apagadas naquela experiência privada, Chika vê a mulher agora como *igual* á ela, mas não o contrário. Mesmo ingenuamente, Chika ainda é egoísta porque nem ao menos pensa na possibilidade de se encaixar no padrão da mulher.

Então, quando esta pede o lenço esquece ou mesmo ignora o quão importante ele é na religião muçulmana ela mostra esse lado das diferenças e lança o questionamento de como podemos respeitar o outro sem atingi-lo negativamente? Como podemos nos relacionar com o Outro, que ao mesmo tempo nos constitui, sem apagar ou esquecer seus e nossos limites?

<p><i>“Wash your leg well-well. Greet your sister, greet your people,” the woman says, tightening her wrapper around her waist.</i></p>	<p><i>“Sua perna lava bem-bem. Cumprimente sua irmã, cumprimente seu povo,” a mulher diz, apertando a sua capa envolta de sua cintura.</i></p>
<p><i>“Greet your people also. Greet your baby and Halima,” Chika says.[...] But now she turns to the woman and adds, “May I keep your scarf? The bleeding might start again.”</i></p>	<p><i>“Cumprimente seu povo também. Cumprimente seu bebê e Halima,” Chika diz. [...] Mas agora ela se vira para a mulher e acrescenta, “Posso ficar com o seu lenço? O sangramento pode começar de novo.”</i></p>
<p><i>The woman looks for a moment as if she does not understand ; then she nods. There is perhaps the beginning of future grief on her face, but she smiles a slight, distracted smile before she hands the scarf back to Chika and turns to climb out of the window.</i></p>	<p><i>A mulher olha por um instante como se ela não entendesse; então ela acena. Talvez há o começo de uma futura tristeza em seu rosto, mas ela sorri um sorriso leve e distraído antes que ela entregue de volta o lenço para Chika e se vire para sair da janela.</i></p>

Apesar de ter em mente que um texto pós-colonial resistente como o escolhido precisasse ser estrangeirizado, depois de realizar a primeira versão da tradução, pude observar uma tendência a adaptar ou domesticar o texto, o que não sucedeu na segunda versão. Percebi, dessa vez, que

procurei seguir mais atentamente ao proposto neste trabalho, criar um texto traduzido com os modelos do original. Se a autora criou neologismos procurei fazê-lo, se marcou as falas das personagens procurei seguir dessa maneira.

3.4. ANÁLISE DE *THE THING AROUND YOUR NECK*

The Thing Around Your Neck conta a história de Akunna, uma jovem de 22 anos, que ganha a loteria do visto americano e parte da Nigéria para os Estados Unidos em busca de uma vida com condições melhores deixando assim a família, irmãos, amigos e etc. Ao longo da trama, Adichie relata, utilizando a segunda pessoa do singular, a história, o sentimento, a vulnerabilidade, a insegurança, a solidão, o amor e a vida da jovem negra africana.

Os conflitos e choques culturais, o inglês nigeriano, as tranças, o jeito, as roupas de Akunna e a diferença entre as jovens brancas da faculdade comunitária; A posição do “tio” em relação ao estado instável da jovem na América e a tentativa de um abuso sexual que desencadeia na saída de Akunna de um lar que serviu como alegoria do enredo; O emprego mal-remunerado e injusto que servia apenas para o aluguel e para auxiliar nas finanças da família na Nigéria; O relacionamento inter-racial com um rapaz de uma classe social privilegiada e que causa certo impacto na sociedade de Connecticut; são tópicos descritos, abordados e criticados no conto.

A autora escreveu o conto da perspectiva de uma jovem africana que se desloca da sua zona cultural para construir uma vida, que está lidando com o ‘novo e o (de certa forma) desconhecido’ em todas as áreas e sentidos dessa palavra. Durante o conto, Adichie não enfatiza o nome da protagonista, que por sinal é citado apenas uma vez, não cita o nome do pai, da mãe, do tio ou até mesmo do rapaz, porque não há importância em saber desses elementos alegóricos, ou acessórios da trama; é necessário o conhecimento e sentimento (por parte do leitor) dos fatos, dos sentidos e é isso que a autora faz ao narrar a história na segunda pessoa do singular.

O leitor consegue sentir a insegurança, a agonia, a vulnerabilidade da mulher negra africana deslocada culturalmente por uma necessidade maior, consegue resgatar nos recessos de sua memória lembranças, sensações e emoções que são despertadas apenas quando trata-se da pessoa, do indivíduo.

O despertar de um olhar crítico no leitor vem como o resultado de um olhar crítico da protagonista que já é por si só estereotipado. Os fatos que poderiam ser considerados meros detalhes

são os choques e os conflitos, são os pontos de tensão que fazem Akunna chorar, se jogar contra as quatro paredes de seu pequeno e abarrotado quarto; são fatos que saltam ao olhos do leitor porque estão carregados de preconceito e racismo, e ressaltam a posição social, cultural e migratória dessa jovem.

A questão de uma liberdade restrita da mulher africana em relação a escolher o seu parceiro, podendo ser ele branco ou negro, é destacada na narrativa. Nenhum dos lados aceita a relação de Akunna. Nem os brancos e brancas, nem os negros e as negras ricos nem os pobres vêm normalidade em um relacionamento inter-racial. E esse fato aperta o nó na garganta de Akunna podendo estrangulá-la e sufocá-la antes que ela adormeça.

A saudade, as lembranças, os elementos da cultura Igbo são marcações importantes para saber qual a voz, os leitores estão ouvindo e de que ponto ou parte essa voz fala. Os fatos cruciais e complexos são tratados por Chimamanda de uma forma natural e ao mesmo tempo absurda porque quando acontece com uma minoria, no caso, uma jovem negra africana imigrante e pobre, é visto como normal, mas se acontecesse ao inverso, ou seja, com a parte hegemônica seria socialmente e convencionalmente considerado absurdo. Quando a autora relata o sentimento da coisa envolta no teu pescoço ela chama atenção do leitor para o racismo, machismo e xenofobia existentes e ao mesmo tempo os critica.

Talvez a crítica da autora seja feita de uma maneira um tanto diferente, porque ao mesmo tempo que Akunna sofre pelos preconceitos e estereótipos recebidos, ela também tem um olhar estereotipado do Outro. Ao achar que apenas o seu país possui qualidades e criticar o modo como estadunidenses se vestem, comem, se relacionam ou falam; ela assume uma posição complexa na narrativa - sofrer o preconceito e reproduzi-lo.

Claramente, Akunna se sente asfixiada pelas causas estruturais e os racismos que a oprimem, mas em algum ponto essa opressão se torna o próprio escudo da personagem para se ver como Eu, como alguém relevante. O narrador onisciente e que fala na segunda pessoa relata o que a personagem pensa mas não é capaz de realmente dar voz a ela; não há falas diretas. Há descrição de situações e fatos.

É importante dar atenção ao narrador quando este relata a complexa e asfixiante história de Akunna, mas, ao mesmo tempo, é crucial questionar até que ponto ele é coerente e veraz? Porque Akunna é uma mulher estereotipada, mas reproduz, de certa forma, os mesmos estereótipos? Esse jogo de rotulações salta aos olhos do leitor e traz uma série de perguntas de acesso e críticas e

também causa, ao se ler, um sufocamento, uma asfixia, um nó envolto no pescoço e que aperta a personagem e o leitor até a tensão final – Akunna retorna para casa.

3.5. A TRADUÇÃO COMO CRIAÇÃO E ORIGINAL

Sabe-se que um texto pós-colonial e a sua escrita já são e refletem a tradução, mas mesmo um texto sem essa característica *pós-colonial* é também um tecido que foi traduzido uma vez que em um mundo de possibilidades lexicais o autor escolheu palavras para formar aquele texto original. A tradução é complexa e, de acordo com Derrida, possui oposições binárias como por exemplo a sua necessidade e ao mesmo tempo impossibilidade.

Assim como o autor escolhe palavras em sua própria língua, o tradutor ultrapassa àquele domínio linguístico para outro. O tradutor tem o poder de manipular o leitor através de suas escolhas no processo tradutório; ele pode optar pela exotização ou pela naturalidade, pela domesticação ou mesmo estrangeirização; todas essas técnicas levam o leitor para pensamentos e críticas diferentes. Em *The Thing Around Your Neck* a autora por si já exotizou a personagem principal, Akunna, seria então coerente repetir o que fora feito? Ou seria interessante manipular a tradução de tal forma que esse traço característico da obra fosse apagado?

A tradução é um ato político, o tradutor tem um poder imenso na formação de opinião, conhecimento e crítica popular. Antes do período colonial, tradutores foram sentenciados com a pena de morte simplesmente por traduzirem a bíblia de forma *herética*. Em outras palavras, contra a ordem superior da igreja Romana. Segundo Alvarez e Vidal (1996, p.4) a tradução

... Always implies an unstable balance between the power one culture can exert over another. Translation is not production of one text equivalent to another text, but rather a complex process of rewriting that runs parallel both to the overall view of language and of the other people have throughout history and to the influences and the balance of power that exist between one culture and another. (ALVAREZ, VIDAL, 1996, P.4)

Tradução não é apenas a transposição da letra fria, ou até mesmo a equivalência entre os sistemas linguísticos, é antes um processo complexo de reescritura, criação e recriação. Inseridos na língua já estão vários elementos como a visão de mundo, a cultura, o comportamento, a religião e a

tradição, o pensamento crítico do ser etc. Na tradução de um texto de uma língua para outra esses elementos críticos vão aparecendo e gerando a tensão no tradutor que reside justamente em uma zona de simbiose entre sistemas linguísticos, textuais, culturais diferentes.

A tradução como possibilidade de reinvenção e de criação acontece *ad infinitum*. Para Benjamin (2008), existe um sistema linguístico universal mais complexo e uma pequena e prolixa amostra disso é a tradução. Observa-se esse fato pelas diferentes e similares expressões do que é simbolizado e do que é simbolizante, existe um ambiente linguístico mostrado apenas quando um *texto* é traduzido.

Ainda segundo Benjamin, “a verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a pura língua, como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original”(2008, p.115). Seria essa a proposição de uma estrangeirização segundo Venuti? De um texto traduzido que mostre elementos intertextuais, linguísticos e culturais de outro sistema linguístico. A opção de conservação de uma forma *original* na tradução implica em si a criação de outro texto, a criação de outro original que é traduzido. Considerando que um texto seja já a tradução de realidades históricas, linguísticas e culturais.

3.6. RELATÓRIO E JUSTIFICATIVA DE TRADUÇÃO – *THE THING AROUND YOUR NECK*

A partir deste ponto passo a discutir não como uma leitora e crítica, mas como tradutora. Como afirmei, a escrita original de Adichie possui certa barreira de acesso a um leitor comum, como resultado, acredito que a tradução assim o deve fazer; conservar essas barreiras, conservar os nomes em igbo e a forma da descrição do narrador, já que não há falas diretas. Aqui, a estrangeirização, o estranhamento e o reconhecimento de um texto não produzido e não escrito em português são bem-vindos.

Um dos primeiros desafios encontrados diz respeito ao título *The Thing Around Your Neck* - *A coisa em volta do teu pescoço*. A grande questão está em traduzir o pronome possessivo: em *teu* ou *seu*, o primeiro me pareceu bem inquietante e expressa exatamente a pessoa na qual o narrador utiliza na narrativa e além disso alcança a intenção de incomodar o leitor logo na primeira leitura. Já o segundo pronome é referente a terceira pessoa e traz um eufemismo contido além de não alcançar

a intenção do original. A utilização de *teu* aponta para o leitor e imediatamente remete a todas as mazelas sociais causadas pela hegemonia e sofridas pelas minorias.

Um outro ponto importante para a narração é considerar na tradução o pretérito imperfeito ou perfeito. Quando a autora começa a narrar utiliza verbos no passado simples como: *thought, told you, gawped, slipped* e outros verbos que não foram traduzidos no pretérito perfeito, mas sim imperfeito porque dá um tom descritivo narrativo ao conto, expressa um fato passado, posterior a outro já ocorrido. A utilização desse tempo com o futuro do pretérito, e do pretérito mais-que-perfeito (composto) deixam a leitura mais fluida e natural. Veja:

<i>Original</i>	<i>Tradução</i>
<i>You thought everybody in America had a car and a gun;</i>	<i>Você pensava que todo mundo na América tivesse um carro e uma arma;</i>
<i>They told you: In a month, you will have a big car.</i>	<i>Eles te disseram: Em um mês você terá um carro grande.</i>
<i>They gawped at your hair.</i>	<i>Elas ficavam boquiabertas com seu cabelo.</i>

A adjetivação enfática é um marcador da escrita de Adichie e resultou em desafios porque ou se utilizava a preposição “de” como possessivo ou se adjetivava os nomes/ substantivos para que se chegasse a um texto sem truncamentos e sem problemas gramaticais. Na verdade, há uma linha tênue entre a domesticação do texto de Chimamanda e uma tradução estrangeirizadora e conservadora que reproduza em si a riqueza da construção sintática e vocabular presentes no texto original.

A solução encontrada, até o momento, para os seguintes adjetivos: *big, loud, lowered, white, real, parastatal, rust-eaten, wide foreign, crisp dollar bills, extra-virgin olive oil* e outros foi a literalidade. Na maioria destes casos, traduzi literalmente o sentido e a palavra: *grande, alto, baixo, branco, real, parapúblico*, e etc. Por uma questão de fluidez e estilo decidi traduzir adjetivos como: *real e rust-eaten*, por exemplo, como *de verdade, e carcomido de ferrugem*, por darem um sentido irônico e um tanto sarcástico ao texto e remeterem a oralidade do original.

A utilização da segunda pessoa e de um narrador onisciente foi e é um desafio, uma vez que o emprego adequado dos pronomes possessivos e dos pronomes oblíquos átonos podem se misturar entre a segunda e a terceira pessoa do singular como no exemplo abaixo:

<i>Original</i>	<i>Tradução</i>
<i>“...He picked you up at the airport and bought you a big hot dog with yellow mustard that nauseated you...”</i>	<i>“...Ele te buscou no aeroporto e comprou para você um grande cachorro quente com mostarda amarela que te enjoou...”</i>

Se a tradução desses pronomes e a interpretação da referenciação (concordância) forem equivocadas quando feita a leitura do original, a recriação desse texto em português pode ter desvios de concordância, coesão e coerência que resultam claramente em um truncamento e num texto não fluido. Observe:

<i>Original</i>	<i>Tradução</i>
<i>“...You laughed with your uncle and you felt at home in his house; his wife called you nwanne, sister, and his two school-age children called you Aunty...”</i>	<i>“...Você riu com o seu tio e você se sentiu a vontade em sua casa; a mulher dele te chamava de nwanne, irmã, e as suas duas crianças em idade escolar te chamavam de tia...”</i>

Definitivamente, a repetição desses pronomes marcam um estilo e, para além disso, um objetivo: fazer o leitor se sentir no lugar da protagonista, sentir as mesmas emoções, medos e inseguranças. Abrir os olhos do leitor para uma realidade sentida por uma jovem negra e africana nos Estados Unidos.

Outro desafio encontrado ao longo da tradução de *The Thing Around Your Neck* foi o de conservar ou traduzir os nomes de lugares existentes nos EUA. Por momentos optei por ambos porque alguns nomes poderiam ser traduzidos sem causar prejuízo semântico ou lexical. Por exemplo:

<i>Original</i>	<i>Tradução</i>
<i>“He showed you how to apply for a cashier job in the gas station on Main”</i>	<i>“Ele te mostrou como candidatar-se para um emprego de caixa no posto de gasolina na Main”</i>

<i>Street...</i>	<i>Street...</i>
<i>"You ended up in Connecticut, in another little town, because it was the last stop of the Greyhound bus you got on..."</i>	<i>"Você acabou em Connecticut, em outra cidade pequena, porque era a última parada do ônibus da Greyhound que você subiu..."</i>
<i>"...You told him this on a sunny day, when he took you to see Long Island Sound..."</i>	<i>"...Você o contou isso em um dia ensolarado, quando ele te levou para ver o Estuário de Long Island..."</i>

Optei por não traduzir *Greyhound* porque o leitor pode inferir que o ônibus parte ou de uma estação ou rodoviária. Em outras palavras, ele consegue realizar a conexão, fazer a ponte lógica. O termo *Long Island Sound* já foi traduzido em português por essa razão preferi utilizar o termo oficial.

Os nomes em Igbo, foram conservados para seguir o projeto de escritura da autora. Se a palavra apareceu em outra língua que não o inglês ao longo do texto é porque Adichie achou necessário que a sua origem e sua cultura aparecesse lá. Geralmente, a autora explica o termo ou o contextualiza para que o texto fique compreensível e ao mesmo tempo expresse sua resistência. Um fato interessante nessa narrativa é que apesar de ser apenas o relato da narradora, as palavras em igbo expressam um traço forte de oralidade e esse fato foi outro aspecto considerado na conservação da forma na tradução. Observe:

Original	Tradução
<i>"...his wife called you nwanne, sister, and his two school-age children called you Aunty..."</i>	<i>"...a mulher dele te chamava de nwanne, irmã, e as suas duas crianças em idade escolar te chamavam de tia..."</i>
<i>"...and after he ate garri and onugbu soup, he threw up in your sink..."</i>	<i>"...e depois que ele comeu a sopa de garri e onugbu, ele vomitou na sua pia..."</i>
<i>"...Your father looked like nsi. Shit..."</i>	<i>"...Seu pai parecia um nsi. Merda..."</i>

Outra complexidade encontrada foi realizar uma tradução estrangeirizante que não afetasse a riqueza e a fluidez do texto alvo, em outras palavras, uma tradução que não domesticasse, que conservasse o original de forma que não houvesse adaptações. Até o presente momento, decidi

traduzir *Compound* como *Complexo* porque a meu ver não haveria guardas-noturnos uniformizados em uma “casa, quintal, ou fazenda” mas sim em um “complexo de prédios”.

Em alguns momentos traduzi o *just* por *apenas* porque se utilizasse o *só* seria restritivo e anularia as outras possibilidades e opções, e nesse caso, não funcionaria porque Adichie utiliza muito a coordenação “e”. Há uma utilização exagerada desse artigo, o que dá uma impressão de continuidade e até de infinidade. Veja:

<i>...it was also to your friends, and cousins and aunts and uncles...</i>	<i>...era também para os seus amigos, e primos e tias e tios...</i>
---	---

Ao relatar o sentimento da jovem a autora utiliza a palavra *choked* que é uma palavra com o significado forte - *estrangular, asfixiar*.

<i>At night, something would wrap itself around your neck, something that very nearly choked you before you fell asleep.</i>	<i>De noite, alguma coisa poderia se enrolar no teu pescoço, alguma coisa que quase te asfixiasse antes de você adormecer.</i>
---	---

No caso acima, traduzi *choked* por *asfixiasse* porque remete exatamente a falta de ar, a falta de opções, a situação sufocante na qual Akunna se encontra em ambiente que não é “dela” por natureza. Penso que o termo *estrangular* é muito mais forte e mais relativo ao lado físico do que ao psicológico que nesse caso é mais importante.

A alteridade presente nesse conto é característica temática da autora, e analisá-lo é interessante perceber que a narradora, personagem, se refere as pessoas americanas e faz já uma separação entre ela (Akunna) e os Outros (*They*). Veja:

<i>Many people at the restaurant asked when you had come from Jamaica, [...] they thought [...] they loved elephants and wanted to go on a safari.</i>	<i>Muitas pessoas no restaurante perguntavam se você tinha vindo da Jamaica, [...] elas pensavam [...] elas amavam elefantes e queriam ir em um safári.</i>
---	--

Em seus contos, Adichie, coloca parágrafos longos e que podem causar vários truncamentos e discordâncias. Ao longo da tradução separei alguns desses para melhor realização do processo tradutório.

Durante a narrativa a palavra *tell*, por vezes, foi traduzida como *dizer* em vez de *contar* para conservar a fluidez e clareza do texto. Em português, pode-se contar histórias, fatos, notícias, fofocas, mas não, por exemplo, uma informação que a pessoa *dá* ou *diz* ao cliente. Veja:

<i>He talked and talked and you had to tell him it was against restaurant policy. He brushed your hand when you set the glass of water down. The fourth day, when you saw him arrive, you told Juan you didn't want that table anymore.</i>	<i>Ele falou, falou e você teve que dizer para ele que era contra a política do restaurante. Ele acariciou a sua mão quando você colocou o copo de água (na mesa). No quarto dia, quando você o viu chegar, você disse a Juan que não queria aquela mesa mais.</i>
---	---

Claramente, há vários outros desafios destacados ao longo do texto e que por motivo de tempo e das páginas não foram aqui citados. Mas esse fato não os deixa em posição menos relevante. Em suma, as principais inquietações foram em relação ao narrador utilizando a segunda pessoa, o que desencadeou em uma série de dúvidas em relação a utilização de pronomes oblíquos átonos e possessivos; em relação as adjetivações utilizadas tanto para enfatizar quanto para descrever (construção do enredo); a tradução dos lugares existentes nos EUA e a conservação de uma forma original; e os nomes em igbo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente propus a tradução de dois contos do livro *The Thing Around Your Neck* como forma de resistência, como barreira de acesso ao leitor, entretanto, ao longo da revisão de tradução comecei a levantar pontos críticos sobre o original e o que viesse a ser a minha tradução. Qual era a minha posição como tradutora e como uma leitora crítica?

A tradução gera *Double Binds*, e como consequência, traz inquietações para o tradutor deixando o em uma zona de desconforto infinita. Levando em consideração a proposta inicial do trabalho de traduzir de uma forma que o texto traduzido fosse reconhecido como sendo uma tradução, posso dizer que por vários momentos ao longo da tradução me percebi em contradição com a proposta do trabalho e com a minha própria vontade. Por vezes decidia domesticar, adaptar ou simplificar em vez de manter e conservar a forma do original na tradução.

Realizadas a tradução e a análise dos contos *A Private Experience (Uma Experiência Privada)* e *The Thing Around Your Neck (A Coisa Em Volta do Teu Pescoço)*, pode-se afirmar que

a tradução é um processo complexo cujas decisões não são lineares; nem de todo domesticadoras nem estrangeirizadoras. *Double Binds*. Ainda, a partir desse projeto pode-se considerar uma tradução como sendo tão valorosa quanto o original, uma vez que textos são em si tecidos traduzidos e traduções podem ser criações originais; dentro de um universo de possibilidades linguísticas, culturais, históricas etc.

Na tradução dos contos escolhidos para este projeto, foram encontradas várias temáticas e muitos desafios em relação ao igbo; a posição da mulher, sendo ela cristã, muçulmana, igbo ou hauçá, na sociedade nigeriana e americana; a posição de quem tem voz perante o sistema; ao processo imigratório; a tradução histórica etc.

Em *A Private Experience* pode-se encontrar as similaridades e as diferenças de duas mulheres que se encontraram durante uma revolta (entre muçulmanos e cristãos) na cidade de Kano, Nigéria. Na tradução desse conto, desafios de transposição do texto, que é, de certa forma, carregado de barreiras ao leitor; de dicotomias críticas; de estrangeirização foram encontrados dentro dos aspectos culturais de cada uma, nas falas (discurso direto) da mulher muçulmana, e no narrador suspeito que fala apenas da perspectiva de Chika.

Em *The Thing Around Your Neck* o narrador onisciente que relata a história de Akunna em segunda pessoa do singular e em nenhum momento permite que a personagem tenha voz; fala do nó que está em volta de seu pescoço; um processo imigratório, da Nigéria para os EUA, complexo. Na tradução e na leitura crítica desse texto houve muitos questionamentos e críticas sobre o racismo, o sexismo e a reprodução dessa visão por parte da própria personagem. Essa utilização de estereótipos, para uma crítica irônica, no original, causou um desafio imenso na tradução que é também um instrumento de disseminação, comunicação e manipulação.

Em suma, pude observar que a tradução de contos que fazem parte de uma categoria de literatura pós-colonial já resistente precisa de um projeto de tradução um tanto coerente com o objetivo e a proposta original da autora. Nesse caso, a estrangeirização, a conservação de uma forma original através de um outro tecido traduzido foram as técnicas escolhidas e utilizadas desde o início da tradução nas primeiras versões e mais precisamente observadas e definidas nas segundas versões de tradução.

REFERÊNCIAS

- ACHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth & TIFFIN, Helen. **The Post – Colonial Studies Reader**. New York. Routledge 1995,2006.
- ACHEBE, Chinua. "An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'" *Massachusetts Review*. 18. 1977. Rpt. in *Heart of Darkness, An Authoritative Text, background and Sources Criticism*. 1961. 3rd ed. Ed. Robert Kimbrough, London: W. W Norton and Co, 1988, pp.251-261.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The thing around your neck**. New York: Anchor Books, 2009.
- ÁLVAREZ, Román; VIDAL, M. Carmen África (Ed.). **Translation, power, subversion**. *Multilingual Matters*, 1996.
- BASSNETT, Susan. HARISH Trivedi, eds (1999) **Postcolonial Translation: Theory and Practice**.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. Editora 34. Tradução de Susana K. Lages e Ernani Chaves.2008
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BYDYOGO, Donato N. **Literatura como subversión**. *Tribuna Libre*: internet, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. **A Construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.
- CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. São Paulo: Madras, 2009.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Double bind: Walter Benjamin, a tradução como modelo de criação absoluta e como crítica**. *Leituras de Walter Benjamin*, p. 15-46, 1999.
- SAID, Edward. **Orientalism**. 1978. **New York: Vintage**, v. 1994, 1979.
- SOMMER, Doris. **Resistant texts and incompetent readers**. In: *Poetics Today*, 15:4. USA: 1994. p. 523 – 551.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Can the subaltern speak? Can the subaltern speak? Reflections on the history of an idea**, p. 21-78, 1988.
- TYMOCZKO, Maria. Post-colonial writing and literary translation. **Post-colonial translation: Theory and practice**, p. 19-40, 1999.

TYMOCZKO, Maria. **Translation and political engagement: activism, social change and the role of translation in geopolitical shifts.** *The Translator*. v.6, n.1, p.23-47, 2000. Special Issue: Translation and Minority.

VENUTI, Lawrence. **The Invisibility of the translator.** *A History of Translation*. 1995.

ANEXOS

ANEXO A - 1º VERSÃO DE TRADUÇÃO - A PRIVATE EXPERIENCE

Original	Tradução
<p>A Private Experience</p>	<p>Uma Experiência Privada</p>
<p>Chika climbs in through the store window first and then holds the shutter as the woman climbs in after her. The store looks as if it was deserted long before the riots started; the empty rows of wooden shelves are covered in yellow dust, as are the metal containers stacked in a corner. The store is small, smaller than Chika's walk-in closet back home. The woman climbs in and the window shutters squeak as Chika lets go of them. Chika's hands are trembling, her calves burning after the unsteady run from the market in her high-heels sandals. She wants to thank the woman, for stopping her as she dashed past, for saying "No run that way!" and for leading her, instead, to this empty store where they could hide. But before she can say thank you, the woman says reaching out to touch her bare neck, "My necklace lost when I'm running".</p>	<p>Chika entra pela janela da loja primeiro e então segura a veneziana enquanto a mulher entra depois dela. A loja parece <i>que estivera</i> deserta muito antes que os motins começassem; as fileiras vazias das prateleiras de madeira estão cobertas de <i>poeira</i> assim como os recipientes de metal empilhados em um canto. A loja é pequena, menor que o guarda-roupa que Chika tem em casa. A mulher entra e as venezianas da janela rangem <i>enquanto</i> Chika as solta. As mãos de Chika estão tremendo, suas panturrilhas ardendo depois da vacilante corrida do mercado em suas sandálias de salto alto. Chika quer agradecer a mulher, por a ter parado quando ela correu, por dizer "<i>Não corre por aí</i>" e por guia-la para esta loja vazia onde elas poderiam se esconder. Mas antes que ela possa agradecer, a mulher diz esticando-se para tocar seu pescoço descoberto. "<i>Meu colar perdeu quando eu estou correndo</i>"</p>
<p>"I dropped everything", Chika says. "I was buying oranges and I dropped the oranges and my handbag." She does not add that the handbag was a <i>Burberry</i>, an original one that her mother had bought on a recent trip to London.</p>	<p>"<i>Eu perdi tudo</i>" Chika diz "<i>Eu estava comprando laranjas e eu perdi as laranjas e minha bolsa</i>" Ela não acrescenta que a bolsa era uma <i>Burberry</i>, uma original que sua mãe trouxe de uma viagem recente a London.</p>
<p>The woman sighs and Chika imagines that she is thinking of her necklace, probably</p>	<p>A mulher suspira e Chika imagina que a mulher está pensando no colar dela,</p>

<p>plastic beads threaded on a piece of string.</p> <p>Even without the woman’s strong Hausa accent, Chika can tell she is a Northerner, from the narrowness of her face, the unfamiliar rise of her cheekbones, and that she is Muslim, because of the scarf.</p> <p>It hangs around the woman’s neck now, but it was probably wound loosely round her face before, covering her ears. A long flimsy pink and black scarf, with the garish prettiness of cheap things. Chika wonders if the woman is looking at her as well, if the woman can tell, from her light complexion and the silver finger rosary her mother insists she wear, that is Igbo and Christian. Later, Chika will learn that as she and the woman are speaking, Hausa Muslims are hacking down Igbo Christians with machetes, clubbing them with stones.</p> <p>But now she says, “Thank you for calling me. Everything happened so fast and everybody ran and I was suddenly alone and I didn’t know what I was doing. Thank you.”</p> <p>“This place safe,” the woman says, in a voice that is so soft it sounds like a whisper. “Them got going to small-small shop, only big-big shop and market.”</p> <p>“Yes,” Chika says. But she has no reason to agree or disagree, she knows nothing about riots: the closest she has come is the pro-democracy rally at the university a few weeks ago, where she had held a bright green branch and joined in chanting “The military must go! Democracy now!”</p> <p>Besides, she would not even have participated in that rally if her sister Nnedi had not been one of the organizers who</p>	<p>provavelmente <i>miçangas de plástico</i> enfiadas num pedaço de corda.</p> <p>Mesmo sem o forte acento Hauçá, Chika pode notar que a mulher é uma nortista/ do Norte, pelo acanhamento/ estreiteza de sua face, a forma estranha de levantar sua bochecha, e que ela é mulçumana, por causa do cachecol/ hijab/ lenço*</p> <p>Está pendurado em volta do pescoço da mulher agora, mas, antes estava provavelmente enrolado em torno de sua face de modo folgado, cobrindo as suas orelhas. Um comprido e frágil cachecol/hijab preto e rosa, com o estilo espalhafatoso das coisas baratas. Chika se pergunta se a mulher está olhando para ela também, se a mulher puder observar, desde seu aspecto suave ao seu rosário de dedos prateado que sua mãe insiste que ela use, que é Igbo e Cristão. Mais tarde, Chika saberá que enquanto ela e a mulher estão falando, mulçumanos Hauçás* estão golpeando Cristãos Igbos* com facções e os surrando com pedras.</p> <p>Mas agora Chika diz, “Obrigado por me chamar. Tudo aconteceu tão rápido, todo mundo correu e de repente eu estava sozinha e não sabia o que eu estava fazendo. Obrigado.”</p> <p>“Este lugar seguro,” a mulher diz com uma voz tão suave que parece um sussurro. “Eles foi indo para a loja pequenininha, apenas lojas e supermercados grandes.”</p> <p>“Sim” Chika diz. Mas ela não tem motivos para concordar ou discordar, ela não sabe nada sobre motins: O mais próximo que ela chegou foi um comício a favor da democracia na universidade há algumas semanas atrás, onde ela segurou um galho verde claro e uniu-se ao cântico “Os militares devem sair! Democracia Já!”</p> <p>Além disso, ela não teria nem participado do comício se sua irmã Nnedi não fosse</p>
--	---

<p>had gone from hostel to hostel to hand out fliers and talk to students about the importance of “having our voices heard.”</p> <p>Chikas’s hands are still trembling, Just half an hour ago, she was in the market with Nnedi. She was buying oranges and Nnedi has walked farther down to buy groundnuts and then there was shouting in English, in pidgin, in Hausa, in Igbo.</p> <p>“Riot! Trouble is coming, oh! They have killed a man!” The people around her were running, pushing against one another, overturning wheelbarrows full of yams, leaving behind bruised vegetables they had just bargained hard for.</p> <p>Chika smelled the sweat and fear and she ran, too, across wide streets, into this narrow one, which she feared – felt – was dangerous, until she saw the woman.</p> <p>She and the woman stand silently in the store for a while, looking out of the window they have just climbed through, its squeaky wooden shutters swinging in the air. The street is quiet at first, and then they hear the sound of running feet. They both move away from the window, instinctively, although Chika can still see a man and a woman walking past, the woman holding her wrapper up above her knees, a baby tied to her back. The man is speaking swiftly in Igbo and all Chika hears is “She may have run to Uncle’s house”.</p> <p>“Close window,” the woman says.</p> <p>Chika shuts the windows and without the air from the street flowing in, the dust in the room is suddenly so thick she can see it, billowing above her. The room is stuffy and smells nothing like the streets outside, which smell like the kind</p>	<p>uma das organizadoras que foi de albergue em albergue para entregar panfletos e falar aos estudantes a importância de “ter as nossas vozes ouvidas.”</p> <p>As mãos de Chika ainda estão tremendo, apenas meia hora atrás, ela estava no mercado com Nnedi. Ela estava comprando laranjas e Nnedi tinha andado um pouco mais longe para comprar amendoim e então houve gritaria em inglês, em pidgin, em Hauçá, em Igbo.</p> <p>“Motim! Confusão vem aí, oh! Eles mataram um homem!” As pessoas ao redor dela estavam correndo, empurrando uns aos outros, derrubando carrinhos de mão cheios de batatas- doce, deixando para trás as verduras maduras que eles tinham acabado de negociar/pechinchar.</p> <p>Chika sentia o cheiro do suor e do medo e ela correu, também, através das ruas largas, para esta rua estreita, na qual ela temia e sentia que era perigosa, até que ela viu a mulher.</p> <p>Ela e a mulher levantaram silenciosamente por um tempo, olhando pela janela que acabaram de entrar cuidadosamente, suas estridentes venezianas de madeira balançando ao vento/ no ar. A princípio, a rua está calma, e então elas escutam o som de pés correndo. Ambas se afastam da janela, instintivamente, embora Chika ainda consiga ver um homem e uma mulher andando, a mulher segurando seu envoltório acima dos joelhos, um bebê amarrado em suas costas. O homem está falando em Igbo rapidamente e tudo que Chika escuta é “Ela pode ter corrido para casa do tio.”</p> <p>“Fecha janela,” a mulher diz.</p> <p>Chika fecha as janelas e sem o ar da rua fluir, a poeira na sala está tão densa que ela consegue a enxergar, crescendo acima dela. A sala está sufocante não cheira como as ruas lá fora, que cheiram como o</p>
---	---

of sky-colored smoke that wafts around during Christmas when people throw goat carcasses into fires to burn the hair off the skin. The streets where she ran blindly, **not sure** in which direction Nhedi had run, not sure if the man running beside her was a friend or an enemy, not sure if she should stop and pick up one of the bewildered-looking children separated from their mothers in the rush, not even sure who was who or who was killing whom.

Later she will see the **hulks** of burned cars, jagged holes in place of their windows and windshields, and she will imagine the burning cars **dotting** the city like picnic bonfires, silent witnesses to so much. She will find out it had all started at the **motor park**, when a man drove over a copy of the Holy Koran that lay on the roadside, a man who happened to be Igbo and Christian. The men nearby, men who sat around all day playing draughts, men who happened to be Muslim, pulled him out of his pickup truck, cut his head off with one flash of a machete, and carried it to the market, asking others to join in; the **infidel** had desecrated the Holy Book. Chika will imagine the man's head, his skin **ashen in death**, and she will throw up and retch until her stomach is sore. But now, she asks the woman, "Can you still smell the smoke?"

"Yes," the woman says. She unties her green wrapper and spreads it on the dusty floor. She has on only a blouse and a shimmery black slip torn at the seams. "**Come and sit.**"

Chika looks at the threadbare wrapper on the floor; it is probably one of the two the woman owns. She looks down at her own

tipo de fumaça cor do céu que sopra durante o natal quando as pessoas jogam as carcaças da cabra no fogo para queimar o cabelo da pele. As ruas onde ela correu cegamente, **sem saber** em qual direção Nhedi tinha corrido, sem saber se o homem correndo ao lado dela era um amigo ou um inimigo, sem saber se ela deveria parar e pegar uma das crianças que pareciam perplexas separadas de suas mães na correria, sem mesmo saber quem era quem ou quem estava matando quem.

Mais tarde ela verá as **carcaças** dos carros queimados, buracos pontiagudos no lugar de suas janelas e para-brisas, e ela imaginará os carros queimando **pontilhando** a cidade como fogueiras de piquenique, testemunhas silenciosas para tanto. Ela descobrirá que tudo tinha começado no **estacionamento de veículos** quando um homem passou por cima de uma cópia do sagrado Alcorão que estava na beira da estrada, um homem que por acaso era Igbo e Cristão. Os homens próximos, homens que se reuniam o dia todo jogando damas, homens que por acaso eram muçulmanos, o tiraram de sua caminhonete picape, cortaram sua cabeça com um golpe de um facão e o carregou para o mercado pedindo aos outros para participar; o **traidor** tinha profanou o Livro Sagrado. Chika imaginará a cabeça do homem, sua pele cinzenta em morte, e ela vomitou e teve ânsia até que o seu estômago fique inflamado. Mas agora, ela pergunta a mulher, "Você ainda consegue sentir o cheiro da fumaça?"

"Sim," a mulher diz. Ela desamarra a sua embalagem verde e a espalha no chão empoeirado. Ela tem apenas uma blusa e uma coberta preta vistosa e rasgada na costura. "**Venha e senta.**"

Chika olha para o **embrulho** surrado no chão; provavelmente é um dos dois que

<p>denim skirt and red T-shirt embossed with a picture of the Statue of Liberty , both of which she bought when she and Nnedi spent a few summer weeks with relatives in New York. " No, your wrapper will get dirty," she says.</p> <p>"Sit," the woman says. "We are waiting here long time."</p> <p>" Do you know how long...?"</p> <p>"This night or tomorrow morning."</p> <p>Chika raises her hand to her forehead, as though checking for a malaria fever. The touch of her cool palm usually calms her, but this time her palm is moist and sweaty. "I left my sister buying groundnuts. I don't know where she is."</p> <p>" She is going safe place."</p> <p>" Nnedi."</p> <p>" Eh?"</p> <p>"My sister. Her name is Nnedi."</p> <p>"Nnedi," the woman repeats, and her Hausa accent sheaths the Igbo name in a feathery gentleness.</p> <p>Later, Chika will comb the hospital mortuaries looking for Nnedi; she will go to newspaper offices clutching the photo of herself and Nnedi taken at a wedding just the week before, the one where she was a stupid half smile on her face because Nnedi pinched her just before the photo was taken, the two of them wearing matching off-the-shoulder Ankara gowns. She will tape copies of the photo on the walls of the market and the nearby stores. She will not find Nnedi. She will never find Nnedi. But now she says to the woman, "Nnedi and I came up here last week to visit our aunty. We are on vacation from school."</p> <p>" Where you go school?" The woman asks.</p> <p>" We are at the University of Lagos. I</p>	<p>pertencem à mulher. Ela olha para baixo para a sua saia jeans e camiseta vermelha com uma imagem da Estátua da Liberdade ambas nas quais ela comprou quando ela e Nnedi passaram algumas semanas de verão com parentes Em Nova Iorque. "Não, o seu roupão vai sujar," ela diz.</p> <p>"Senta" a mulher diz. "nós estamos esperando aqui muito tempo."</p> <p>"Você sabe quanto tempo...?"</p> <p>" Esta noite ou amanhã de manhã."</p> <p>Chika eleva/põe a mão em sua testa como se examinasse uma febre de malária. O toque de sua palma fria normalmente a acalma, mas desta vez a palma dela está úmida e suada. "Eu deixei minha irmã comprando amendoim. Eu não sei onde ela está."</p> <p>" Ela está indo lugar seguro"</p> <p>"Nnedi"</p> <p>"Hã?"</p> <p>" Minha irmã. O nome dela é Nnedi."</p> <p>"Nnedi," a mulher repete, e o seu acento Hauçá envolve o nome Igbo em uma suave doçura.</p> <p>Mais tarde, Chika vai vasculhar os necrotérios dos hospitais procurando por Nnedi; ela vai aos escritórios de jornais segurando a foto dela e Nnedi tirada em um casamento justo na semana anterior, aquela onde ela estava com um sorriso maroto estúpido na cara porque Nnedi a beliscou um pouco antes de que a foto estivesse tirada, as duas usando vestidos de Ancara de um ombro só combinando. Ela vai colar cópias da foto nas paredes do mercado e das lojas próximas. Ela nunca encontrará Nnedi. Mas agora ela diz à mulher, "Nnedi e eu chegamos aqui semana passada para visitar nossa titia. Nós estamos de férias da escola.</p> <p>"Onde você vai escola?" A mulher pergunta.</p> <p>"Nós estamos na Universidade de Lagos.</p>
---	--

am reading medicine. Nnedi is in political science." Chika wonders if the woman even knows what going to university means. And she wonders, too, if she mentioned school only to feed herself the reality she needs now-that Nnedi is not lost in a **riot**, that Nnedi is safe somewhere, probably laughing in her easy, mouth-all-open way, probably making one of her political arguments. Like how the government of General Abacha was using its foreign policy to legitimize itself in the eyes of other African countries. Or how the huge popularity in **blond hair attachments** was a direct result of British colonialism.

"We have only spent a week here with our aunty, we have never even been to Kano before," Chika says, and she realizes that what she feel is this: she and her sister should not be affected by the riot. Riots like this were what she read about in newspapers. Riots like this were what happened to other people.

"**Your aunty is in market?**" the woman asks.

" No, she's at work . She is the director at the secretariat."

Chika raises her hand to her forehead again. She lowers herself and sits, much closer to the woman than she ordinarily would have, so as to rest her body entirely on the wrapper. She smells something on the woman, something harsh like the bar soap their housegirl uses to wash the bed linen.

"**Your aunty is going safe place.**"

" Yes," Chika says. The conversation seems surreal; she feels as if she is watching herself. " I still can't believe this is happening this riot."

The woman is staring straight ahead. Everything about her is long and slender,

Eu estou **consultando aulas de medicina.** Nnedi está em ciência política." Chika se pergunta se a mulher ao menos sabe o que ir para a universidade significa. E ela se pergunta também, se ela mencionou escola apenas para se alimentar/nutrir à realidade que ela precisa agora-que Nnedi não está perdida em um **motim**, que Nnedi está segura em algum lugar, provavelmente sorrindo com seu jeito relaxado e com a boca toda aberta, provavelmente fazendo um dos seus debates políticos. De como o governo do General Abacha estava usando a sua política exterior para se legitimar aos olhos de outros países africanos. Ou de como a grande popularidade de **apliques de cabelo loiro** era um resultado direto do colonialismo britânico.

"Nós passamos apenas uma semana aqui com a nossa titia, nós nunca tínhamos ido a Cano antes," Chika diz, e ela percebe que o que ela sente é isto: Ela e sua irmã não deveriam ser afetadas pelo motim. Motins assim estavam no que ela lia nos jornais. Motins assim eram o que aconteciam com outras pessoas.

"**Sua titia está no mercado?**" a mulher pergunta

"Não, ela está no trabalho. Ela é a diretora no secretariado."

Chika eleva sua mão para a testa de novo. Ela se agacha e senta, muito mais perto da mulher do que normalmente ela teria feito, de maneira a descansar o seu corpo todo no **roupão**. Ela sente o cheiro de alguma coisa na mulher, alguma coisa **grosseira/forte** como o sabonete do bar em que a empregada costuma lavar a roupa de cama.

"**Sua tia está indo lugar seguro.**"

"Sim," Chika diz. A conversa parece surreal; ela sente como se ela estivesse se observando." Eu ainda não consigo acreditar que está acontecendo este motim."

A mulher está olhando fixamente para frente. Tudo sobre ela é longo e esbelto,

<p>her legs stretched out in front of her, her fingers with henna-stained nails, her feet. "It is work of evil," she says finally.</p> <p>Chika wonders if that is all the woman thinks of the riots, if that is all she sees them as-evil. She wishes Nnedi were here. She imagines the cocoa brown of Nnedi's eyes lighting up, her lips moving quickly, explaining that riots do not happen in a vacuum, that religion and ethnicity are often politicized because the ruler is safe if the hungry ruled are killing one another. Then Chika feels a prick of guilt for wondering if this woman's mind is large enough to grasp any of that.</p>	<p>suas pernas esticadas em sua frente, seus dedos com unhas pintadas de hena, seus pés. "É obra do mal," ela diz finalmente.</p> <p>Chika se pergunta se isso é tudo que a mulher pensa dos motins, se isso é tudo que ela vê neles como – mal. Ela deseja que Nnedi estivesse lá. Ela imagina o marrom chocolate dos olhos de Nnedi reluzindo, seus lábios se movendo rapidamente, explicando que os motins não acontecem em um vácuo que a religião e a etnicidade são frequentemente politicizadas porque o governante está seguro se a fome regulamentada está matando um ao outro. Então Chika sente uma pontada de culpa por se perguntar se a mente da mulher é grande o suficiente para entender algo disso.</p>
<p>"In school you are seeing sick people now?" the woman asks.</p>	<p>"Na universidade você está vendo pessoas doentes agora?" a mulher pergunta.</p>
<p>Chika averts her gaze quickly so that the woman will not see the surprise. " My clinicals? Yes, we started last year. We see patients at the Teaching Hospital." She does not add that she often feels attacks of uncertainty, that she slouches at the back of the group of six or seven students, avoiding the senior registrar's eyes, hoping she would not be asked to examine a patient and give her differential diagnosis.</p>	<p>Chika desvia o olhar rapidamente de maneira que a mulher não verá a surpresa. "Meus pacientes/ cuidados médicos? Sim, nós começamos ano passado. Nós vemos pacientes no Hospital Universitário." Ela não acrescenta que ela frequentemente se sente crises de indecisão, que ela fica desleixada no fundo do grupo de seis ou sete estudantes, evitando o olhar do secretário sênior da universidade, esperando que não fosse solicitada para examinar um paciente e dar a ela um diagnóstico diferencial.</p>
<p>" I am trader," the woman says. "I'm selling onions,"</p>	<p>"Eu sou negociante/negociadora," a mulher diz. "Estou vendendo cebolas,"</p>
<p>Chika listens for sarcasm or reproach in the tone, but there is none. The voice is as steady and as low, a woman simply telling what she does.</p>	<p>Chika espera pelo sarcasmo ou repreensão no tom, mas não há. A voz está tão firme e tão baixa, uma mulher simplesmente contando o que ela faz.</p>
<p>"I hope they will not destroy market stalls," Chika replies; she does not know what else to say.</p>	<p>"Espero que eles não destruam as fileiras do mercado," Chika responde; ela não sabe o que mais falar.</p>
<p>"Every time when they are rioting, they break market," the woman says.</p>	<p>"Toda vez que eles tá fazendo motim, eles quebra o mercado," a mulher diz.</p>

<p>Chika wants to ask the woman how many riots she has witnessed but she does not. She has read about the others in the past: Hausa Muslim zealots attacking Igbo Christians, and sometimes Igbo Christians going on murderous missions of revenge. She does not want a conversation of naming names.</p> <p>“My nipple is burning like pepper,” the woman says.</p> <p>“What?”</p> <p>“My nipple is burning like pepper.”</p> <p>Before Chika can swallow the bubble of surprise in her throat and say anything, the woman pulls up her blouse and unhooks the front clasp of a worn black bra. She brings out the money, ten- and twenty- naira notes, folded inside her bra before freeing her full breasts.</p> <p>“Burning-burning like pepper,” she says, cupping her breasts and leaning toward Chika as though in an offering. Chika shifts. She remembers the pediatrics rotation only a week ago: the senior registrar, Dr Olunloyo, wanted all the students to feel the stage 4 heart murmur of a little boy, who was watching them with curious eyes. The doctor asked her to go first and she became sweaty, her mind blank, no longer sure where the heart was. She had finally placed a shaky hand on the left side of the boy’s nipple, and the brrr-brrr-brrr vibration of swishing blood going the wrong way, pulsing against her fingers, made her stutter and say “Sorry, sorry” to the boy, even though he was smiling at her.</p> <p>The woman’s nipples are nothing like that boy’s. They are cracked, taut and dark brown, the areolas lighter-toned. Chika looks carefully at them, reaches</p>	<p>Chika quer perguntar a mulher quantos motins a mulher presenciou mas ela não presenciou. Ela leu sobre as outras no passado: Zelotes muçulmanos Hauçás atacando cristãos Igbos e as vezes, Cristãos Igbo indo em missões assassinas de vingança. Ela não quer uma conversa de mencionar nomes.</p> <p>“Meu mamilo está ardendo como pimenta,” a mulher diz.</p> <p>“O que?”</p> <p>“Meu mamilo está ardendo como pimenta.”</p> <p>Antes que Chika consiga engolir a bolha de surpresa em sua garganta e dizer qualquer coisa, a mulher levanta a blusa e desprende o fecho da frente de um sutiã preto e surrado. Ela tira o dinheiro, notas de dez- e vinte – naira, enroladas dentro do seu sutiã antes de soltar os peitos cheios.</p> <p>“Ardendo- ardendo como pimenta,” ela diz, segurando os seios e inclinando para Chika como se estivesse oferecendo. Chika desvia. Ela lembra do revezamento da pediatria há apenas uma semana atrás: o secretário sênior da universidade, Dr Olunloyo, queria que todos os estudantes sentissem a 4º fase do sopro cardíaco de um pequeno garoto, que os estava observando com olhos curiosos. O Doutor pediu para ela ir primeiro e ela ficou suada, a sua mente vazia, não mais segura de onde o coração estava. Ela finalmente colocou uma mão trêmula no lado esquerdo do mamilo do garoto, e a vibração do sangue sibilante indo na direção errada brr-brrr-brrr, pulsando contra os seus dedos, a fez gaguejar e dizer “Desculpe, desculpe ao garoto” ao garoto, mesmo que ele estivesse sorrindo para ela.</p> <p>Os mamilos da mulher não são nada parecidos com os do garoto. Eles estão rachados, retesados e marrom escuros, e as auréolas com um tom mais claro. Chika os olha cuidadosamente, se aproxima e os apalpa. “Você tem um bebê?” ela</p>
--	---

<p>out and feels them. “Do you have a baby?” she asks.</p> <p>“Yes. One year.”</p> <p>“Your nipples are dry, but they don’t look infected. After you feed the baby, you have to use some lotion. And while you are feeding , you have to make sure the nipple and also this other part, the areola fit inside the baby’s mouth.”</p> <p>The woman gives Chika a long look. “First time <i>of this. I’m having five children.</i>”</p> <p>“It was the same with my mother. Her nipples cracked when the sixth child came, and she didn’t know what caused it, until a friend told her that she had to moisturize,” Chika says. She hardly ever lies, but the few times she does, there is always a purpose behind the lie. She wonders what purpose this lie serves, this need to draw on a fictional past similar to the woman’s; she and Nnedi are her mother’s only children. Besides, her mother always had Dr. Igbokwe, with his British training and affectation, a phone call away.</p> <p>“<i>What is your mother rubbing on her nipple?</i>” the woman asks.</p> <p>“Cocoa butter. The cracks healed fast.”</p> <p>“<i>Eh?</i>” The woman watches Chika for a while, as if this disclosure has created a bond. “ All right, I get it and use.” She plays with her scarf for a moment and then says, “I am looking for my daughter. We go market together this morning. She is selling groundnut near bus stop, because there are many customers. Then riot begin and I am looking up and down market for her.”</p> <p>“The baby?” Chika asks, knowing how</p>	<p>pergunta.</p> <p>“Sim. Um ano.”</p> <p>“Seus mamilos estão secos, mas não parecem infectados. Depois de você amamentar o bebê, você tem que usar alguma loção. E enquanto você está amamentando, precisa verificar se o mamilo e também esta outra parte, a auréola, cabem dentro da boca do bebê.”</p> <p>A mulher dá uma olhada demorada para Chika. “Primeira vez, <i>que isso acontece. Estou tendo cinco filho.</i>”</p> <p>“ Foi a mesma coisa com a minha mãe. Os mamilos dela racharam quando o sexto filho veio, e ela não sabia o que causou isso, até que uma amiga contou que ela tinha que hidratar,” Chika diz. Ela raramente mente, mas as poucas vezes que ela o faz, há sempre um propósito atrás da mentira. Ela se pergunta para qual propósito essa mentira serve, esta necessidade de recorrer a um passado ficcional parecido ao da mulher; ela e Nnedi são as únicas filhas de sua mãe. Além disso, a mãe dela sempre tinha o Dr. Igbokwe, com o seu treinamento e afetação britânicos, uma ligação à distância.</p> <p>“<i>O que a sua mãe está passando nos mamilos?</i>” A mulher pergunta.</p> <p>“Manteiga de cacau. As rachaduras curaram rápido.”</p> <p>“<i>Hã?</i>” a mulher observa Chika por um momento, como se esta revelação tivesse criado uma elo. “Tudo bem, vou arranjar e usar.” Ela brinca com o <i>véu/cachecol</i> por um momento e então diz, “Estou procurando minha filha. Nós foi no mercado junto de manhã. Ela tava vendendo amendoin perto da parada, porque tem muitos freguês. Então o motim começou e eu estou procurando por ela pra cima e para baixo no mercado.”</p> <p>“O bebê?” Chika pergunta, sabendo o quão estúpida ela parece enquanto ela pergunta.</p>
---	---

<p>stupid she sounds even as she asks.</p> <p>The woman shakes her head and there is a flash of impatience, even anger, in her eyes. “You have ear problem? You don’t hear what I am saying?”</p> <p>“Sorry,” Chika says.</p> <p>“Baby is at home! This one is first daughter. Halima.” The woman starts to cry. She cries quietly, her shoulders heaving up and down, not the kind of loud sobbing that the women Chika knows do, the kind that screams <i>Hold me and comfort me because I cannot deal with this alone</i>. The woman’s crying is private, as though she is carrying out a necessary ritual that involves no one else.</p> <p>Later, when Chika will wish that she and Nnedi had not decided to take a taxi to the market just to see a little of the ancient city of Kano outside their aunt’s neighborhood, she will wish also that the woman’s daughter, Halima, had been sick or tired or lazy that morning, so that she would not have sold groundnuts that day.</p> <p>The woman wipes her eyes with one end of her blouse. “Allah keep your sister and Halima in safe place,” she says. And because Chika is not sure what Muslims say to show agreement- it cannot be “amen”- she simply nods.</p> <p>The woman has discovered a rusted tap at a corner of the store, near the metal containers. Perhaps where the trader washed his or her hands, she says , telling Chika that the stores on the street were abandoned months ago, after the government declared them illegal structures to be demolished. The woman turns on the tap and they both watch - surprised- as water trickles out. Brownish,</p>	<p>A mulher sacode a cabeça e há um acesso de impaciência, até raiva, em seus olhos. “Você tem problema de ouvido? Você não ouve o que eu estou dizendo?”</p> <p>“Desculpe,” Chika diz.</p> <p>“O bebê está em casa! Esta é a primeira filha. Halima.” A mulher começa a chorar. Ela chora calmamente, seus ombros se agitando/movendo para cima e para baixo, não do tipo de choro escandaloso que as mulheres que Chika conhecem fazem, o do tipo que grita <i>Me abraçe e me conforte porque não posso lidar com isso sozinha</i>. O choro da mulher é privado, como se ela estivesse realizando um ritual necessário que não envolve ninguém mais.</p> <p>Mais tarde, quando Chika desejará que nem ela nem Nnedi tivessem decidido pegar um táxi para o mercado só para ver um pouquinho da antiga cidade de Cano fora da vizinhança de sua tia, ela também desejará que a filha da mulher, Halima, tivesse ficado doente ou cansada ou com preguiça aquela manhã, de maneira que ela não pudesse ter vendido amendoim aquele dia.</p> <p>A mulher enxuga os olhos com uma ponta de sua blusa. “Que Allah mantenha sua irmã e Halima em lugar seguro,” ela diz. E porque Chika não tem certeza o que muçulmanos dizem para mostrar concordância – não pode ser “amém”- ela simplesmente aceno.</p> <p>A mulher descobriu uma torneira enferrujada no canto da loja, perto dos recipientes de metal. Talvez onde o negociante lavava as mãos, ela diz, contando para Chika que as lojas na rua foram abandonadas meses atrás, depois que o governo as declarou estruturas ilegais a serem demolidas. A mulher liga a torneira e ambas observam-surpresas-enquanto a água escorre. Amarronzada e tão metálica que Chika pode já sentir o cheiro. Mesmo assim, escorre.</p>
---	--

and so metallic Chika can smell it already. Still, it runs.

“I wash and pray,” the woman says, her voice louder now, and she smiles for the first time to show even-sized teeth, the front ones stained brown. Her dimples sink into her cheeks, deep enough to swallow half a finger, and unusual in a face so lean. The woman clumsily washes her hands and face at the tap, then removes her *scarf* from her neck and places it down on the floor. Chika looks away. She knows the woman is on her knees, facing Mecca, but she does not look. It is like the woman’s tears, a private experience, and she wishes that she could leave the store. Or that she too, could pray, could believe in a god, see an omniscient presence in the *stale air* of the stole. She cannot remember when her idea of God has not been cloudy, like the reflection from a steamy bathroom mirror, and she cannot remember ever trying to clean the mirror.

She touches the finger rosary that she still wears, sometimes on her pinky or her forefinger, to please her mother. Nnedi no longer wears hers, once saying with that throaty laugh, “Rosaries are really magical potions, and I don’t need those, thank you.”

Later, the family will offer Masses over and over for Nnedi to be found safe, though never for the repose of Nnedi’s soul. And Chika will think about this woman, praying with her head to the dust floor, and she will change her mind about telling her mother that offering Masses is a waste of money, that it is just fund-raising for the church.

When the woman rises, Chika feels strangely energized. More than three hours have passed and she imagines that

“Eu lavo e oro,” a mulher diz, a sua voz mais lata agora, e ela sorri pela primeira vez para mostrar os dentes de tamanho uniforme, os da frente manchados de marrom. As suas covinhas se afundam em suas bochechas, fundas o suficiente para engolir a metade de um dedo, e incomum em um rosto tão simples. A mulher lava as mãos e o rosto desajeitadamente na torneira, então ela tira o *véu* do pescoço e coloca-o no chão. Chika desvia o olhar. Ela sabe que a mulher está de joelhos, voltada para a Meca, mas ela não olha. É como as lágrimas da mulher, uma experiência privada, e ela deseja que ela pudesse sair da loja. Ou que ela também pudesse orar, pudesse acreditar em um deus, ver a presença onisciente no ar *pesado/rarefeito* da loja. Ela não consegue lembrar quando a sua ideia de Deus não foi confusa, como o reflexo de um espelho de banheiro úmido, e ela nunca consegue lembrar de tentar limpar o espelho.

Ela toca o rosário de dedo que ela ainda usa, as vezes em seu dedo mindinho ou em seu indicador, para agradecer a sua mãe. Nnedi não usa mais o dela, uma vez dizendo com aquela risada gutural, “Rosários são realmente poções mágicas, e eu não preciso dessas, obrigada.”

Mais tarde, a família vai dar Missas repetidamente para Nnedi ser encontrada segura, apesar de nunca para o repouso da alma de Nnedi. E Chika lembrará desta mulher, orando com a cabeça no chão poeirento, e ela mudará a sua cabeça sobre contar para a sua mãe que oferecer missas é um desperdício de dinheiro, que é apenas angariação de fundos para a igreja.

Quando a mulher levanta, Chika sente-se estranhamente energizada. Mais de três horas tinham passado e ela imagina que o motim está acabado/aquietado, os amotinadores foram embora. Ela tem que sair, ela tem que ir para casa e verificar

<p>the riot is quieted, the rioters drifted away. She has to leave, she has to make her way home and make sure Nnedi and her Aunt are fine.</p> <p>“I must go,” Chika says.</p> <p>Again the look of impatience on the woman’s face. “<i>Outside is danger.</i>”</p> <p>“I think they have gone. I can’t even smell any more smoke.”</p> <p>The woman says nothing, seats herself back down on the wrapper. Chika watches her for a while, disappointed without knowing why. Maybe she wants a blessing from the woman, something. “<i>How far away is your house?</i>” she asks.</p> <p>“Far. I’m taking two buses.”</p> <p>“Then I will come back with my aunt’s driver and take you home,” Chika says.</p> <p>The woman looks away. Chika walks slowly to the window and opens it. She expects to hear the woman ask her to stop, to come back, not to be rash. But the woman says nothing and Chika feels the quiet eyes on her back as she climbs out of the window.</p> <p>The streets are silent. The sun is falling, and in the evening dimness Chika looks around, unsure which way to go. She prays that a taxi will appear, by magic, by luck, by God’s hand. Then she prays that Nnedi will be inside the taxi, asking her where the hell she has been, they have been so worried about her. Chika has not reached the end of the second street, toward the market, when she sees the body. She almost doesn’t see it, walks so close to it that she feels its heat. The body must have been very recently burned. The smell is sickening of roasted flesh, unlike that of any she has ever smelled.</p> <p>Later, when Chika and her aunt go searching throughout Kano, a policeman in the front seat of her aunt’s air - conditioned car, she will see other bodies ,</p>	<p>que Nnedi e sua tia estão bem.</p> <p>“Eu devo ir,” Chika diz.</p> <p>De novo o olhar de impaciência no rosto da mulher, “<i>Lá fora é perigo.</i>”</p> <p>“Eu penso que eles se foram. Não posso nem sentir mais o cheiro de fumaça”</p> <p>A mulher não diz nada, se senta de volta na <i>capa</i>. Chika a observa por um momento, desapontada sem saber o por quê. Talvez ela quer uma benção da mulher, alguma coisa. “<i>Qual a distância da sua casa?</i>” ela pergunta.</p> <p>“Longe. Estou pegando dois ônibus.”</p> <p>“Então eu voltarei com o motorista da minha tia e te levo para casa,” Chika diz.</p> <p>A mulher desvia o olhar. Chika anda lentamente para a janela e a abre. Ela espera ouvir a mulher pedir para ela parar, para voltar, para não ser imprudente. Mas a mulher não diz nada e Chika sente olhos calmos em suas costas enquanto ela sai pela janela.</p> <p>As ruas estão silenciosas. O sol está se pondo, e na escuridão da noite Chika olha envolta, insegura de qual caminho ir. Ela ora para que um táxi apareça, por mágica, por sorte, pela mão de Deus. Então ela ora para que Nnedi esteja dentro do Táxi, a perguntando em que diabos ela estava , elas estavam tão preocupadas com ela. Chika não chegou ao final da segunda rua, de frente para o mercado, quando ela vê o corpo. Ela quase não o vê, caminha tão próxima que consegue sentir o calor. O corpo deve ter sido queimado recentemente. O cheiro é repugnante de corpo carbonizado, diferente de qualquer um que ela já sentiu.</p> <p>Depois, quando Chika e sua tia forem procurar em toda Cano, um policial no assento da frente do carro com ar-condicionado, ela verá outros corpos, muitos queimados, deitados longitudinalmente pelos lados da rua como se alguém os colocasse/ empurrasse lá, os</p>
--	--

<p>many burned, lying lengthwise along the sides of the street, as though someone carefully pushed them there, straightening them. She will look at only one of the corpses, naked, stiff, facedown, and it will strike her that she cannot tell if the partially burned man is Igbo or Hausa, Christian or Muslim, from looking at that charred flesh.</p>	<p>estirando lá. Ela olhará apenas para um dos corpos, pelados, duros, virado para baixo, e isso a atacará de maneira que ela não consegue contar se o homem parcialmente queimado é Igbo ou Hauçá, cristão ou muçulmano ao olhar para aquela carne carbonizada.</p>
<p>She will listen to BBC radio and hear the accounts of the deaths and the riots- “religious with undertones of ethnic tension” the voice will say. And she will fling the radio to the wall and a <i>fierce red rage</i> will run through her at how it has all been packaged and sanitized and made to fit into so few words, all those bodies. But now, the heat from the burned body is so close to her, so present and warm that she turns and dashes back toward the store. She feels a sharp pain along her longer leg as she runs. She gets to the store and raps on the window, and she keeps rapping until the woman opens it.</p>	<p>Ela escutará a rádio BBC e ouvirá o total/valor dos mortos e dos motins - “religiosos com indicações de tensões étnicas” a voz dirá. E ela atirará o rádio na parede e uma <i>cólera selvagem</i> passará por ela como se isso tudo tivesse sido embrulhado e higienizado e tivesse feito caber em tão poucas palavras, todos aqueles corpos. Mas agora, o calor do corpo queimado está tão próximo dela, tão presente e quente que ela se vira e corre de novo para frente da loja. Ela sente uma dor aguda em sua perna enquanto corre. Ela chega na loja e bate na janela, e continua batendo até que a mulher abra.</p>
<p>Chika sits on the floor and looks closely, in the failing light, at the line of blood <i>crawling down</i> her leg. Her eyes swim restlessly in her head. It looks alien, the blood, as though someone had squirted tomato paste on her.</p>	<p>Chika senta no chão e olha atentamente, na luz enfraquecida, para a linha de sangue se <i>rastejando/ marcando</i> em sua perna. Os olhos dela flutuam inquietamente em sua cabeça. Parece alienígena, o sangue, como se alguém tivesse esguichado massa de tomate nela.</p>
<p>“Your leg. There is blood,” the woman says, a little wearily. She wets one end of her <i>scarf</i> at the tap and cleans the cut on Chika’s leg, then ties the wet scarf around it, knotting it at the calf.</p>	<p>“Sua perna. Tem sangue,” a mulher diz, um pouco exaustivamente. Ela molha uma ponta de seu <i>véu</i> na torneira e limpa o corte na perna de Chika, então ela amarra o <i>véu</i> em volta da perna, dando um nó na batata da perna.</p>
<p>“Thank you,” Chika says. “<i>You want toilet?</i>” “Toilet? No”</p>	<p>“Obrigada,” Chika diz</p>
<p>“The containers there, we are using for toilet,” the woman says. She takes one of the containers to the back of the store, and soon the smell <i>fills</i> Chika’s nose, mixes</p>	<p>“<i>Quer ir no banheiro?</i>” “banheiro? Não” “Os recipiente lá, tamo usando como vaso,”a mulher diz. Ela pega um dos recipientes atrás da loja, e logo o cheiro <i>enche/chega</i> ao nariz de Chika, e se mistura com os cheiros de poeira e de <i>água enferrujada</i>, e a faz sentir tonta e enjoada. Ela fecha os olhos.</p>

<p>with the smells of dust and <i>metallic water</i>, makes her feel light-headed and queasy. She closes her eyes.</p> <p>“Sorry, oh! My stomach is bad. Everything happening today,” the woman says from behind her. Afterwards, the woman opens the window and places the container outside, she washes her hands at the tap. She comes back and she and Chika sit side by side in silence; after a while they hear raucous chanting in the distance, words Chika cannot make out. The store is almost completely dark when the woman stretches out on the floor, her upper body on the wrapper and the rest of her not.</p> <p>Later, Chika will read in <i>The Guardian</i> that “reactionary Hausa-speaking Muslims in the North have a history of violence against non-Muslims,” and in the middle of her grief, she will stop to remember that she examined the nipples and experienced the gentleness of a woman who is Hausa and Muslim.</p> <p>Chika hardly sleeps all night. The window is shut tight; the air is stuffy, and the dust, thick and gritty, crawls up her nose. She keeps seeing the blackened corpse floating in a halo by the window, pointing accusingly at her. Finally she hears the woman get up and open the window, letting in the dull blue of early dawn. The woman stands there for a while before climbing out. Chika can hear footsteps, people walking past. She hears the woman call out, voice raised in recognition, followed by rapid Hausa that Chika does not understand.</p> <p>The woman climbs back into the store. “Danger is finished. It is Abu. He is selling provisions. He is going to see his store. <i>Everywhere policeman with tear gas</i>. Soldier-man is coming. I go now before soldier-man will begin to harass</p>	<p>“Desculpe, ah! Meu estômago está mal. Tudo acontecendo hoje,” a mulher diz atrás dela. Depois, a mulher abre a janela e coloca o recipiente lá fora, e lava as mãos na torneira. Ela volta e ela e Chika sentam lado a lado em silêncio; depois de um tempo elas escutam um canto estridente na distância, palavras que Chika não consegue compreender. A loja está quase escura completamente quando a mulher se estica no chão, a parte superior do corpo dela na capa e o restante fora.</p> <p>Mais tarde, Chika lerá no <i>The Guardian</i> que “ Muçulmanos reacionários falantes de Hauçá no norte tem uma história de violência contra os não-muçulmanos,” e no meio de sua aflição, ela parará para lembrar que examinou os mamilos e sentiu a ternura de uma mulher que é Hauçá e muçulmana.</p> <p>Chika dificilmente dorme a noite toda. A janela está firmemente fechada; o ar está abafado, e a poeira, densa e arenosa, arrasta-se em seu nariz. Ela continua vendo os corpos enegrecidos flutuando em uma auréola perto da janela, apontando acusadoramente para ela. Finalmente ela ouve a mulher se levanta e abre a janela, deixando entrar o azul desbotado do amanhecer. A mulher fica lá por enquanto antes de sair. Chika pode ouvir passos, de pessoas andando. Ela ouve a mulher chamar, uma voz elevada em reconhecimento, seguido por um ligeiro hauçá que Chika não entende.</p> <p>A mulher entra de novo na loja. “O perigo está acabado. É Abu. Ele está vendendo mantimentos. Ele está indo ver sua loja. <i>Todo lugar policial com gás lacrimogêneo</i>. O soldado está vindo. Eu vou agora antes que o soldado vá começar a atormentar alguém.”</p> <p>Chika se levanta lentamente e se estica; suas juntas doem. Ela andarรก todo o</p>
---	---

<p>somebody.”</p> <p>Chika stands slowly and stretches; her joints ache. She will walk all the way back to her aunty’s home in the gated estate, because there are no taxis on the street, there are only army Jeeps and battered police station wagons. She will find her aunty, wandering from one room to the next with a glass of water in her hand, muttering in Igbo, over and over, “Why did I ask you and Nnedi to visit? Why did my chi deceive me like this?” And Chika will grasp her aunty’s shoulders tightly and lead her to a sofa.</p> <p>Now, Chika unties the scarf from her leg, shakes it as though to shake the bloodstains out, and hands it to the woman. “Thank you.”</p> <p>“Wash your leg well-well. Greet your sister, greet your people,” the woman says, tightening her wrapper around her waist.</p> <p>“ Greet your people also. Greet your baby and Halima,” Chika says. Later, as she walks home, she will pick up a stone stained the copper of dried blood and hold the ghoulish souvenir to her chest. And she will suspect right then, in a strange flash while clutching the stone, that she will never find Nnedi, that her sister is gone. But now she turns to the woman and adds, “ May I keep your scarf? The bleeding might start again.”</p> <p>The woman looks for a moment as if she does not understand ; then she nods. There is perhaps the beginning of future grief on her face, but she smiles a slight, distracted smile before she hands the scarf back to Chika and turns to climb out of the window.</p>	<p>caminho de volta para a casa de sua tia nas propriedades fechadas, porque não há táxis na rua, há apenas jipes do exército e caminhões surrados da estação de polícia. Ela encontrará a sua tia, se perguntando de um quarto para a próxima com um copo de água em sua mão, resmungando em Igbo, repetidas vezes, “Porque eu pedi para você e para Nnedi me visitarem? Porque meu chi me engana desse jeito?” e Chika apertará os ombros de sua tia firmemente e ela levará ao sofá.</p> <p>Agora, Chika desamarra o véu de sua perna , o sacode como para tirar as manchas de sangue, e o entrega a mulher. “Obrigada.”</p> <p>“ Lave sua perna bem-bem. Cumprimente sua irmã, cumprimente o seu povo,” a mulher diz, apertando a sua capa envolta de sua cintura.</p> <p>“Cumprimente seu povo também. Cumprimente seu bebê e Halima,” Chika diz. Mais tarde, enquanto ela anda para casa, ela pegará uma pedra manchada avermelhada de sangue seco e segurará a lembrança macabra no peito. E ela suspeitará logo então, em um estranho clarão enquanto <i>estava</i> segurando a pedra, que ela nunca encontrará Nnedi, que a sua irmã se foi. Mas agora ela se vira para a mulher e acrescenta, “Posso ficar com o seu véu? O sangramento pode começar de novo.”</p> <p>A mulher olha por um instante como se ela não entendesse; então ela acena. Talvez há o começo de uma futura tristeza em seu rosto, mas ela sorri um sorriso leve e distraído antes que ela entregue de volta o véu para Chika e vira-se para sair da janela.</p>
--	---

ANEXO B

2ª VERSÃO DE TRADUÇÃO - A PRIVATE EXPERIENCE

<p>Chika climbs in through the store window first and then holds the shutter as the woman climbs in after her. Then store looks as if it was deserted long before the riots started; the empty rows of wooden shelves are covered in yellow dust, as are the metal containers stacked in a corner. The store is small, smaller than Chika's walk-in closet back home. The woman climbs in and the window shutters squeak as Chika lets go of them. Chika's hands are trembling, her calves burning after the unsteady run from the market in her high- heels sandals. She wants to thank the woman, for stopping her as she dashed past, for saying "No run that way!" and for leading her, instead, to this empty store where they could hide. But before she can say thank you, the woman says reaching out to touch her bare neck, "My necklace lost when I'm running".</p>	<p>Chika entra pela janela da loja primeiro e então segura a veneziana enquanto a mulher entra depois dela. Então, a loja parece que estivera deserta muito antes que as revoltas começassem; as fileiras vazias das prateleiras de madeira estão cobertas de poeira amarela assim como os recipientes de metal empilhados em um canto. A loja é pequena, menor que o guarda-roupa que Chika tem em casa. A mulher entra e as venezianas da janela rangem enquanto Chika as solta. As mãos de Chika estão tremendo, suas panturrilhas ardendo depois da corrida instável do mercado em suas sandálias de salto alto. Chika quer agradecer a mulher, por tê-la parado quando ela passou correndo, por dizer "Corre por aí não" e por guiá-la, em vez disso, para esta loja vazia onde elas poderiam se esconder. Mas antes que ela possa agradecer, a mulher diz esticando-se para tocar seu pescoço descoberto. "Quando eu estou correndo meu colar perdeu"</p>
<p>"I dropped everything", Chika says. "I was buying oranges and I dropped the oranges and my handbag." She does not add that the handbag was a <i>Burberry</i>, an original one that her mother had bought on a recent trip to London.</p>	<p>"Eu perdi tudo" Chika diz "Eu estava comprando laranjas e eu perdi as laranjas e minha bolsa" Ela não acrescenta que a bolsa era uma <i>Burberry</i>, uma original que sua mãe trouxe de uma viagem recente a Londres.</p>
<p>The woman sighs and Chika imagines that she is thinking of her necklace, probably plastic beads threaded on a piece of string. Even without the woman's strong Hausa accent, Chika can tell she is a Northerner, from the narrowness of her face, the unfamiliar rise of her cheekbones, and that she is Muslim, because of the scarf.</p>	<p>A mulher suspira e Chika imagina que ela está pensando no colar dela, provavelmente miçangas de plástico enfiadas num pedaço de corda. Mesmo sem o forte sotaque Hauçá, da mulher, Chika pode notar que a mulher é do Norte, pela finura de sua face, pela sua forma estranha de levantar as bochechas, e que ela é muçulmana, por causa do lenço.</p>
<p>It hangs around the woman's neck now, but it was probably wound loosely round her face before, covering her ears. A long flimsy pink and black scarf, with the garish prettiness of cheap things. Chika wonders if the woman is looking at her as well, if the woman can tell,</p>	<p>Está pendurado em volta do pescoço da mulher agora, mas, estava enrolado provavelmente em torno de sua face antes de modo folgado, cobrindo as suas orelhas. Um comprido e leve lenço preto e rosa, com a beleza espalhafatosa das coisas baratas. Chika se pergunta se a</p>

from her light complexion and the silver finger rosary her mother insists she wear, that is Igbo and Christian. Later, Chika will learn that as she and the woman are speaking, Hausa Muslims are hacking down Igbo Christians with machetes, clubbing them with stones.	mulher está olhando para ela também, se a mulher pode observar, do seu <i>aspecto suave</i> ao <i>rosário de dedos prateado</i> que sua mãe insiste que ela use, que é Igbo e Cristão. Mais tarde, Chika saberá que enquanto ela e a mulher estão falando, muçulmanos <i>Hauçás</i> estão <i>golpeando Cristãos Igbos</i> com <i>facões e</i> os <i>apedrejando</i> .
But now she says , “Thank you for calling me. Everything happened so fast and everybody ran and I was suddenly alone and I didn’t know what I was doing. Thank you.”	Mas agora <i>ela diz</i> , “Obrigada por me chamar. Tudo aconteceu tão rápido <i>e</i> todo mundo correu e de repente eu estava sozinha e não sabia o que estava fazendo. Obrigada.”
“ This place safe ,” the woman says, in a voice that is so soft it sounds like a whisper. “ Them got going to small-small shop, only big-big shop and market. ”	“ <i>Seguro este lugar</i> ,” a mulher diz com uma voz tão suave <i>que parece</i> um sussurro. “ <i>Pequena pequena loja não, só grande-grande loja e mercado eles foi indo.</i> ”
“Yes,” Chika says. But she has no reason to agree or disagree, she knows nothing about riots: the closest she has come is the pro-democracy rally at the university a few weeks ago, where she had held a bright green branch and joined in chanting “The military must go! Democracy now! ”	“Sim” Chika diz. Mas ela não tem razão para concordar ou discordar, ela não sabe nada sobre revoltas: O mais próximo que <i>ela chegou foi</i> o comício <i>a favor da democracia</i> na universidade poucas semanas atrás, onde ela tinha segurado um <i>galho verde brilhante</i> e se unido <i>ao coro</i> “As forças armadas devem sair! <i>Democracia Já!</i> ”
Besides, she would not even have participated in that rally if her sister Nnedi had not been one of the organizers who had gone from hostel to hostel to hand out fliers and talk to students about the importance of “ having our voices heard. ”	Além disso, ela não teria nem participado do comício se sua irmã Nnedi não fosse uma das organizadoras que foi de albergue em albergue para entregar <i>panfletos</i> e falar aos estudantes sobre a importância de “ <i>ter as nossas vozes ouvidas.</i> ”
Chikas’s hands are still trembling, Just half an hour ago, she was in the market with Nnedi. She was buying oranges and Nnedi has walked farther down to buy groundnuts and then there was shouting in English, in pidgin, in Hausa, in Igbo.	As mãos de Chika ainda estão tremendo, apenas meia hora atrás, ela estava no mercado com Nnedi. Ela estava comprando laranjas e Nnedi tinha andado um pouco <i>mais longe</i> para comprar amendoim e então houve gritaria em inglês, em pidgin, em Hauçá, em Igbo.
“ Riot! Trouble is coming, oh! They have killed a man!” The people around her were running, pushing against one another, overturning wheelbarrows full of yams, leaving behind bruised vegetables they had just bargained hard for.	“ <i>Revolta! Confusão vem aí, oh!</i> Eles mataram um homem!” As pessoas ao redor dela estavam correndo, empurrando uns aos outros, derrubando carrinhos de mão cheios de batatas-doce, deixando para trás as <i>verduras maduras</i> que eles tinham acabado de <i>pechinchar</i> .
Chika smelled the sweat and fear and she ran, too, across wide streets, into this narrow one, which she feared – felt – was dangerous , until she saw the woman.	Chika fedia a suor e medo e ela correu, também, através das ruas largas, para esta rua estreita, na qual ela <i>temia e sentia que - era perigosa</i> , até que ela viu a mulher.
She and the woman stand silently in the store	Ela e a mulher <i>ficaram de pé</i> silenciosamente

<p>for a while, looking out of the window they have just climbed through, its squeaky wooden shutters swinging in the air. The street is quiet at first, and then they hear the sound of running feet. They both move away from the window, instinctively, although Chika can still see a man and a woman walking past, the woman holding her wrapper up above her knees, a baby tied to her back. The man is speaking swiftly in Igbo and all Chika hears is “She may have run to Uncle’s house”.</p>	<p>na loja por um tempo, olhando pela janela em que acabaram de entrar, suas estridentes venezianas de madeira balançando no ar. A princípio, a rua está calma, e então elas escutam o som de pés correndo. Ambas se afastam da janela, instintivamente, embora Chika ainda consiga ver um homem e uma mulher andando, a mulher segurando seu embrulho acima dos joelhos, um bebê amarrado em suas costas. O homem está falando em Igbo rapidamente e tudo que Chika escuta é “Ela pode ter corrido para casa do tio.”</p>
<p>“Close window,” the woman says.</p>	<p>“Janela fecha,” a mulher diz.</p>
<p>Chika shuts the windows and without the air from the street flowing in, the dust in the room is suddenly so thick she can see it, billowing above her. The room is stuffy and smells nothing like the streets outside, which smell like the kind of sky-colored smoke that wafts around during Christmas when people throw goat carcasses into fires to burn the hair off the skin. The streets where she ran blindly, not sure in which direction Nhedi had run, not sure if the man running beside her was a friend or an enemy, not sure if she should stop and pick up one of the bewildered-looking children separated from their mothers in the rush, not even sure who was who or who was killing whom.</p>	<p>Chika fecha as janelas e sem o ar da rua circulando, a poeira na sala está tão densa que ela consegue enxergar, crescendo acima dela. A sala está sufocante e não fedem nada como as ruas lá fora, que fedem como a fumaça cor de céu que paira durante o natal quando as pessoas jogam as carcaças de cabra no fogo para queimar o cabelo da pele. As ruas por onde ela correu cegamente, sem saber em qual direção Nhedi tinha corrido, sem saber se o homem correndo ao lado dela era um amigo ou um inimigo, sem saber se ela deveria parar e pegar uma das crianças que pareciam perplexas separadas de suas mães na correria, sem mesmo saber quem era quem ou quem estava matando quem.</p>
<p>Later she will see the hulks of burned cars, jagged holes in place of their windows and windshields, and she will imagine the burning cars dotting the city like picnic bonfires, silent witnesses to so much. She will find out it had all started at the motor park, when a man drove over a copy of the Holy Koran that lay on the roadside, a man who happened to be Igbo and Christian. The men nearby, men who sat around all day playing draughts, men who happened to be Muslim, pulled him out of his pickup truck, cut his head off with one flash of a machete, and carried it to the market, asking others to join in; the infidel had desecrated the Holy Book. Chika will imagine the man's head, his skin ashen in death, and she will throw up and</p>	<p>Mais tarde ela verá as carcaças dos carros queimados, buracos pontiagudos no lugar das suas janelas e dos pára-brisas, e ela imaginará os carros queimando pontilhando a cidade como fogueiras de piquenique, testemunhas silenciosas para tanto. Ela descobrirá que tudo tinha começado no estacionamento de veículos quando um homem passou por cima de uma cópia do sagrado Alcorão que estava no acostamento, um homem que por acaso era Igbo e Cristão. Os homens próximos, homens que se reuniam o dia todo jogando damas, homens que por acaso eram muçulmanos, o tiraram de sua caminhonete picafe, cortaram sua cabeça com um golpe de um facão e o carregou para o mercado pedindo aos outros para participarem;</p>

retch until her stomach is sore. But now, she asks the woman, "Can you still smell the smoke?"	o traidor tinha profanado o Livro Sagrado. Chika imaginará a cabeça do homem, sua pele cinzenta e morta, e ela vomitará e terá ânsia até que o seu estômago fique inflamado. Mas agora, ela pergunta a mulher, "Você ainda consegue sentir o cheiro da fumaça?"
"Yes," the woman says. She unties her green wrapper and spreads it on the dusty floor. She has on only a blouse and a shimmery black slip torn at the seams. " Come and sit. "	"Sim," a mulher diz. Ela desamarra a sua capa verde e a espalha no chão empoeirado. Ela tem apenas uma blusa e uma coberta preta vistosa e rasgada na costura. " Vem e senta. "
Chika looks at the threadbare wrapper on the floor; it is probably one of the two the woman owns. She looks down at her own denim skirt and red T-shirt embossed with a picture of the Statue of Liberty , both of which she bought when she and Nnedi spent a few summer weeks with relatives in New York. " No, your wrapper will get dirty," she says.	Chika olha para a capa surrada no chão; provavelmente é uma das duas que pertencem à mulher. Ela olha para baixo, para a sua saia jeans e camiseta vermelha com uma imagem da Estátua da Liberdade ambas nas quais ela comprou quando ela e Nnedi passaram algumas semanas de verão com parentes em Nova Iorque. "Não, a sua capa vai sujar," ela diz.
" <i>Sit</i> ," the woman says. " <i>We are waiting here long time.</i> "	" <i>Senta</i> " a mulher diz. " <i> muito tempo aqui nós estamos esperando.</i> "
" Do you know how long...?"	"Você sabe quanto tempo....?"
"This night or tomorrow morning."	"Esta noite ou amanhã de manhã."
Chika raises her hand to her forehead, as though checking for a malaria fever. The touch of her cool palm usually calms her, but this time her palm is moist and sweaty. "I left my sister buying groundnuts. I don't know where she is."	Chika põe a mão na testa como se examinasse uma febre de malária. O toque de sua palma fria normalmente a acalma, mas desta vez a palma dela está úmida e suada. "Eu deixei minha irmã comprando amendoim. Eu não sei onde ela está."
" She is going safe place. "	" <i>Lugar seguro ela está indo</i> "
" Nnedi."	" Nnedi."
" <i>Eh?</i> "	" <i>Hã?</i> "
"My sister. Her name is Nnedi."	"Minha irmã. O nome dela é Nnedi."
"Nnedi," the woman repeats, and her Hausa accent sheaths the Igbo name in a feathery gentleness.	"Nnedi," a mulher repete, e o seu sotaque Hauçá envolve o nome Igbo em uma suave doçura.
Later, Chika will comb the hospital mortuaries looking for Nnedi; she will go to newspaper offices clutching the photo of herself and Nnedi	Depois, Chika vasculhará os necrotérios dos hospitais procurando por Nnedi; ela irá aos escritórios dos jornais segurando a foto dela e

<p>taken at a wedding just the week before, the one where she was a stupid half smile on her face because Nnedi pinched her just before the photo was taken, the two of them wearing matching off-the-shoulder Ankara gowns. She will tape copies of the photo on the walls of the market and the nearby stores. She will not find Nnedi. She will never find Nnedi. But now she says to the woman, "Nnedi and I came up here last week to visit our aunty. We are on vacation from school."</p>	<p>Nnedi tirada em um casamento justo na semana anterior, aquela onde ela estava com um sorriso meio estúpido na cara porque Nnedi a beliscou um pouco antes de que a foto fosse tirada, as duas combinando, usando vestidos de Ancara de um ombro só. Ela colará cópias da foto nas paredes do mercado e das lojas próximas. Ela não encontrará Nnedi. Ela nunca encontrará Nnedi mas agora ela diz à mulher, "Nnedi e eu chegamos aqui semana passada para visitar nossa tia. Nós estamos de férias da faculdade.</p>
<p>" Where you go school?" The woman asks.</p>	<p>"<i>Onde escola você vai?</i>" A mulher pergunta.</p>
<p>" We are at the University of Lagos. I am reading medicine. Nnedi is in political science." Chika wonders if the woman even knows what going to university means. And she wonders, too, if she mentioned school only to feed herself the reality she needs now-that Nnedi is not lost in a riot, that Nnedi is safe somewhere, probably laughing in her easy, mouth-all-open way, probably making one of her political arguments. Like how the government of General Abacha was using its foreign policy to legitimize itself in the eyes of other African countries. Or how the huge popularity in blond hair attachments was a direct result of British colonialism</p>	<p>"Nós estamos na Universidade de Lagos. Eu estou consultando aulas de medicina. Nnedi está em ciência política." Chika se pergunta se a mulher ao menos sabe o que ir para a universidade significa. E ela se pergunta também, se ela mencionou faculdade apenas para se nutrir da realidade que ela precisa agora -que Nnedi não está perdida em uma revolta, que Nnedi está segura em algum lugar, provavelmente sorrindo com seu jeito relaxado e com a boca toda aberta, provavelmente fazendo um dos seus debates políticos. De como o governo do General Abacha estava usando a sua política exterior para se legitimar aos olhos de outros países africanos. Ou de como a grande popularidade de apliques de cabelo loiro era um resultado direto do colonialismo britânico.</p>
<p>"We have only spent a week here with our aunty, we have never even been to Kano before," Chika says, and she realizes that what she feel is this: she and her sister should not be affected by the riot. Riots like this were what she read about in newspapers. Riots like this were what happened to other people.</p>	<p>"Nós passamos apenas uma semana aqui com a nossa tia, nós nunca tínhamos ido a Cano antes," Chika diz, e ela percebe que o que ela sente é isto: Ela e sua irmã não deveriam ser afetadas pela revolta. Revoltas assim estavam no que ela lia nos jornais. Revoltas assim eram o que aconteciam com outras pessoas.</p>
<p>" Your aunty is in market?" the woman asks.</p>	<p>"<i>No mercado está sua tia?</i>" a mulher pergunta</p>
<p>" No, she's at work . She is the director at the secretariat."</p>	<p>"Não, ela está no trabalho. Ela é a diretora no secretariado."</p>
<p>Chika raises her hand to her forehead again. She lowers herself and sits, much closer to the</p>	<p>Chika põe a mão na testa de novo. Ela se abaixa e senta, muito mais perto da mulher do que</p>

woman than she ordinarily would have, so as to rest her body entirely on the wrapper. She smells something on the woman, something harsh like the bar soap their housegirl uses to wash the bed linen.	normalmente ela teria feito, de maneira a repousar o corpo todo na capa . Ela sente o cheiro de alguma coisa na mulher, alguma coisa forte como o sabonete do bar em que a empregada costuma lavar a roupa de cama.
" Your aunty is going safe place. "	" Lugar seguro está indo sua tia. "
" Yes," Chika says. The conversation seems surreal; she feels as if she is watching herself. " I still can't believe this is happening this riot."	"Sim," Chika diz. A conversa parece surreal; ela sente como se ela estivesse se observando." Eu ainda não consigo acreditar que está acontecendo esta revolta."
The woman is staring straight ahead. Everything about her is long and slender, her legs stretched out in front of her, her fingers with henna-stained nails, her feet. " It is work of evil, " she says finally.	A mulher está olhando fixadamente para frente. Tudo nela é longo e esbelto, suas pernas esticadas em sua frente, seus dedos com unhas pintadas de hena, seus pés. " Do mal é obra, " ela diz finalmente.
Chika wonders if that is all the woman thinks of the riots, if that is all she sees them as-evil. She wishes Nnedi were here. She imagines the cocoa brown of Nnedi's eyes lighting up , her lips moving quickly, explaining that riots do not happen in a vaccum, that religion and ethnicity are often politicized because the ruler is safe if the hungry ruled are killing one another. Then Chika feels a prick of guilt for wondering if this woman's mind is large enough to grasp any of that.	Chika se pergunta se isso é tudo que a mulher pensa das revoltas, se isso é tudo que ela vê neles como – mal. Ela deseja que Nnedi estivesse lá. Ela imagina o marrom chocolate dos olhos de Nnedi reluzindo , seus lábios se movendo rapidamente, explicando que revoltas não acontecem em um vácuo, que religião e a etnicidade são frequentemente politizadas porque o governante está seguro se a fome regulamentada está matando um ao outro. Então Chika sente uma pontada de culpa por se perguntar se a mente da mulher é grande o suficiente para entender algo disso.
" In school you are seeing sick people now? " the woman asks.	" Na faculdade pessoas doentes você está vendo agora? " a mulher pergunta.
Chika averts her gaze quickly so that the woman will not see the surprise. " My clinicals? Yes, we started last year. We see patients at the Teaching Hospital." She does not add that she often feels attacks of uncertainty, that she slouches at the back of the group of six or seven students, avoiding the senior registrar's eyes, hoping she would not be asked to examine a patient and give her differential diagnosis.	Chika desvia o olhar rapidamente de maneira que a mulher não verá a surpresa. " Meus pacientes? Sim, nós começamos ano passado. Nós vemos pacientes no Hospital Universitário." Ela não acrescenta que ela frequentemente sente crises de incerteza, que ela fica desleixada atrás do grupo de seis ou sete estudantes, evitando o olhar do secretário sênior da universidade, esperando que não fosse solicitada para examinar um paciente e dar a ela um dia gnóstico diferencial.
" I am trader, " the woman says. " I'm selling onions, "	" Negociante sou eu " a mulher diz. " Cebolas estou vendendo. "
Chika listens for sarcasm or reproach in the	Chika espera pelo sarcasmo ou repreensão no

tone, but there is none. The voice is as steady and as low, a woman simply telling what she does.	tom, mas não há. A voz está tão firme e tão baixa, uma mulher simplesmente contando o que faz.
“I hope they will not destroy market stalls,” Chika replies; she does not know what else to say.	“Espero que eles não destruam as fileiras do mercado,” Chika responde; ela não sabe o que mais falar.
“ Every time when they are rioting, they break market, ” the woman says.	“ <i>Quando a revolta eles faz, mercado eles quebra</i> ” a mulher diz.
Chika wants to ask the woman how many riots she has witnessed but she does not. She has read about the others in the past: Hausa Muslim zealots attacking Igbo Christians, and sometimes Igbo Christians going on murderous missions of revenge. She does not want a conversation of naming names .	Chika quer perguntar a mulher quantas revoltas a mulher testemunhou mas ela nunca o fez. Ela leu sobre as outras no passado: Zelotes muçulmanos Hauçás atacando cristãos Igbos e as vezes, Cristãos Igbo indo em missões assassinas de vingança. Ela não quer uma conversa de mencionar nomes .
“ <i>My nipple is burning like pepper,</i> ” the woman says.	“ <i>Está ardendo meu mamilo como pimenta,</i> ” a mulher diz.
“What?”	“O que?”
“ <i>My nipple is burning like pepper.</i> ”	“ <i>Está ardendo meu mamilo como pimenta,</i> ”
Before Chika can swallow the bubble of surprise in her throat and say anything, the woman pulls up her blouse and unhooks the front clasp of a worn black bra. She brings out the money, ten- and twenty- naira notes, folded inside her bra before freeing her full breasts.	Antes que Chika consiga engolir a bolha de surpresa em sua garganta e dizer qualquer coisa, a mulher levanta a blusa e desprende o fecho da frente de um sutiã preto e surrado. Ela tira o dinheiro, notas de dez – e vinte – naira, enroladas dentro do seu sutiã antes de soltar os peitos cheios.
“ <i>Burning-burning like pepper,</i> ” she says, cupping her breasts and leaning toward Chika as though in an offering. Chika shifts . She remembers the pediatrics rotation only a week ago: the senior registrar, Dr Olunloyo, wanted all the students to feel the stage 4 heart murmur of a little boy, who was watching them with curious eyes. The doctor asked her to go first and she became sweaty, her mind blank, no longer sure where the heart was. She had finally placed a shaky hand on the left side of the boy’s nipple, and the <i>brrr-brrr-brrr</i> vibration of swishing blood going the wrong way, pulsing against her fingers, made her stutter and say	“ <i>como pimenta arde - arde,</i> ” ela diz, segurando os peitos e inclinando para Chika como se estivesse numa oferenda. Chika desvia . Ela lembra do revezamento da pediatria há apenas uma semana atrás: o secretário sênior da universidade, Dr Olunloyo, queria que todos os estudantes sentissem a 4º fase do sopro cardíaco de um pequeno garoto, que os estava observando com olhos curiosos. O doutor pediu para ela ir primeiro e ela ficou suada, com a mente vazia, não mais segura de onde o coração estava. Ela finalmente colocou uma mão trêmula no lado esquerdo do mamilo do garoto, e a vibração do sangue sibilante indo na direção

<p>“Sorry, sorry” to the boy, even though he was smiling at her.</p>	<p>errada <i>brr-brrr-brrr</i>, pulsando contra os seus dedos, a fez gaguejar e dizer “Desculpe, desculpe” ao garoto, embora ele estivesse sorrindo para ela.</p>
<p>The woman’s nipples are nothing like that boy’s. They are cracked, taut and dark brown, the areolas lighter-toned. Chika looks carefully at them, reaches out and feels them. “Do you have a baby?” she asks.</p>	<p>Os mamilos da mulher não são nada parecidos com os do garoto. Eles estão rachados, retesados e marrom escuros, e as auréolas com um tom mais claro. Chika os olha cuidadosamente, se aproxima e os apalpa. “Você tem um bebê?” ela pergunta.</p>
<p>“Yes. One year.”</p>	<p>“Sim. Um ano.”</p>
<p>“Your nipples are dry, but they don’t look infected. After you feed the baby, you have to use some lotion. And while you are feeding, you have to make sure the nipple and also this other part, the areola fit inside the baby’s mouth.”</p>	<p>“Seus mamilos estão secos, mas não parecem infectados. Depois de você amamentar o bebê, você tem que usar alguma loção. E enquanto você está amamentando, precisa verificar se o mamilo e também esta outra parte, a auréola, cabem dentro da boca do bebê.”</p>
<p>The woman gives Chika a long look. “First time of this. I’m having five children.”</p>	<p>A mulher dá uma olhada demorada para Chika. “Cinco filhos estou tendo. Que isso acontece, primeira vez.”</p>
<p>“It was the same with my mother. Her nipples cracked when the sixth child came, and she didn’t know what caused it, until a friend told her that she had to moisturize,” Chika says. She hardly ever lies, but the few times she does, there is always a purpose behind the lie. She wonders what purpose this lie serves, this need to draw on a fictional past similar to the woman’s; she and Nnedi are her mother’s only children. Besides, her mother always had Dr. Igbokwe, with his British training and affectation, a phone call away.</p>	<p>“Foi a mesma coisa com a minha mãe. Os mamilos dela racharam quando o sexto filho veio, e ela não sabia o que causou isso, até que uma amiga a contou que ela tinha que hidratar,” Chika diz. Ela raramente mente, mas as poucas vezes que ela o faz, há sempre um propósito atrás da mentira. Ela se pergunta para qual propósito essa mentira serve, esta necessidade de recorrer a um passado ficcional parecido ao da mulher; ela e Nnedi são as únicas filhas de sua mãe. Além disso, a mãe dela sempre tinha o Dr. Igbokwe, com o seu treinamento e pretensão britânicos, uma ligação à distância.</p>
<p>“What is your mother rubbing on her nipple?” the woman asks.</p>	<p>“O que a sua mãe está passando nos mamilos?” A mulher pergunta.</p>
<p>“Cocoa butter. The cracks healed fast.”</p>	<p>“Manteiga de cacau. As rachaduras curaram rápido.”</p>
<p>“Eh?” The woman watches Chika for a while, as if this disclosure has created a bond. “All right, I get it and use.” She plays with her scarf for a moment and then says, “I am looking for</p>	<p>“Hã?” a mulher observa Chika por um momento, como se esta revelação tivesse criado um elo. “Tudo bem, vou arranjar e usar.” Ela brinca com o lenço por um momento e então</p>

<p><i>my daughter. We go market together this morning. She is selling groundnut near bus stop, because there are many customers. Then riot begin and I am looking up and down market for her.”</i></p>	<p>diz, “<i>Estou procurando minha filha. Mercado junto nós vamos esta manhã. Ela está vendendo amendoim perto da parada, porque tem muitos fregueses. Então revolta começa e por ela pra cima e para baixo mercado eu estou procurando.</i>”</p>
<p>“The baby?” Chika asks, knowing how stupid she sounds even as she asks.</p>	<p>“O bebê?” Chika pergunta, sabendo o quão estúpida ela soa enquanto pergunta.</p>
<p>The woman shakes her head and there is a flash of impatience, even anger, in her eyes. “<i>You have ear problem? You don’t hear what I am saying?</i>”</p>	<p>A mulher sacode a cabeça e há um acesso de impaciência, até raiva, em seus olhos. “<i>Problema de ouvido você tem?</i>” <i>Ouve não você o que eu estou dizendo?</i>”</p>
<p>“Sorry,” Chika says.</p>	<p>“Desculpe,” Chika diz.</p>
<p>“<i>Baby is at home! This one is first daughter. Halima.</i>” The woman starts to cry. She cries quietly, her shoulders heaving up and down, not the kind of loud sobbing that the women Chika knows do, the kind that screams <i>Hold me and comfort me because I cannot deal with this alone.</i> The woman’s crying is private, as though she is carrying out a necessary ritual that involves no one else.</p>	<p>“<i>Em casa o bebê está! Primeira filha é esta. Halima.</i>” A mulher começa a chorar. Ela chora calmamente, seus ombros movendo para cima e para baixo, não do tipo de choro escandaloso que as mulheres que Chika conhecem fazem, o do tipo que grita <i>Me abraçe e me conforte porque não posso lidar com isso sozinha.</i> O choro da mulher é privado, como se ela estivesse realizando um ritual necessário que não envolve ninguém mais.</p>
<p>Later, when Chika will wish that she and Nnedi had not decided to take a taxi to the market just to see a little of the ancient city of Kano outside their aunt’s neighborhood, she will wish also that the woman’s daughter, Halima, had been sick or tired or lazy that morning, so that she would not have sold groundnuts that day.</p>	<p>Mais tarde, quando Chika desejará que nem ela nem Nnedi tivessem decidido pegar um táxi para o mercado só para ver um pouquinho da antiga cidade de Cano fora da vizinhança de sua tia, ela também desejará que a filha da mulher, Halima, tivesse ficado doente ou cansada ou com preguiça aquela manhã, de maneira que ela não pudesse ter vendido amendoim aquele dia.</p>
<p>The woman wipes her eyes with one end of her blouse. “<i>Allah keep your sister and Halima in safe place,</i>” she says. And because Chika is not sure what Muslims say to show agreement-it cannot be “amen”- she simply nods.</p>	<p>A mulher enxuga os olhos com uma ponta de sua blusa. “<i>Que em seguro lugar, Allah mantenha sua irmã e Halima,</i>” ela diz. E porque Chika não tem certeza o que muçulmanos dizem para mostrar concordância – não pode ser “amém”- ela simplesmente acena.</p>
<p>The woman has discovered a rusted tap at a corner of the store, near the metal containers. Perhaps where the trader washed his or her hands, she says , telling Chika that the stores on the street were abandoned months ago, after the</p>	<p>A mulher descobriu uma torneira enferrujada no canto da loja, perto dos recipientes de metal. Talvez onde o negociante lavava as mãos, ela diz, contando para Chika que as lojas na rua foram abandonadas meses atrás, depois que o</p>

<p>government declared them illegal structures to be demolished. The woman turns on the tap and they both watch -surprised- as water trickles out. Brownish, and so metallic Chika can smell it already. Still, it runs.</p>	<p>governo as declarou estruturas ilegais a serem demolidas. A mulher liga a torneira e ambas observam- surpresas - enquanto a água pinga. Amarronzada e tão metálica que Chika pode já sentir o cheiro. Mesmo assim, escorre.</p>
<p>“<i>I wash and pray</i>,” the woman says, her voice louder now, and she smiles for the first time to show even-sized teeth, the front ones stained brown. Her dimples sink into her cheeks, deep enough to swallow half a finger, and unusual in a face so lean. The woman clumsily washes her hands and face at the tap, then removes her <i>scarf</i> from her neck and places it down on the floor. Chika looks away. She knows the woman is on her knees, facing Mecca, but she does not look. It is like the woman’s tears, a private experience, and she wishes that she could leave the store. Or that she too, could pray, could believe in a god, see an omniscient presence in the <i>stale air</i> of the store. She cannot remember when her idea of God has not been cloudy, like the reflection from a steamy bathroom mirror, and she cannot remember ever trying to clean the mirror</p>	<p>“<i>Eu lavo e oro</i>,” a mulher diz, sua voz mais alta agora, e ela sorri pela primeira vez para mostrar os dentes de tamanho uniforme, os da frente manchados de marrom. As suas covinhas se aprofundam em suas bochechas, profundas o suficiente para engolir a metade de um dedo, e incomuns em um rosto tão simples. A mulher lava as mãos e o rosto desajeitadamente na torneira, então ela tira o <i>lenço</i> do pescoço e coloca-o no chão. Chika desvia o olhar. Ela sabe que a mulher está de joelhos, voltada para a Meca, mas ela não olha. É como as lágrimas da mulher, uma experiência privada, e ela deseja que ela pudesse sair da loja. Ou que ela também pudesse orar, pudesse acreditar em um deus, ver a presença onisciente no ar <i>rarefeito</i> da loja. Ela não consegue lembrar quando a sua ideia de Deus não foi confusa, como o reflexo de um espelho de banheiro úmido, e ela não consegue lembrar de mesmo tentar limpar o espelho.</p>
<p>She touches the finger rosary that she still wears, sometimes on her pinky or her forefinger, to please her mother. Nnedi no longer wears hers, once saying with that throaty laugh, “Rosaries are really magical potions, and I don’t need those, thank you.”</p>	<p>Ela toca o rosário de dedo que ela ainda usa, às vezes em seu dedo mindinho ou em seu indicador, para agradar a sua mãe. Nnedi não usa mais o dela, uma vez dizendo com aquela risada gutural, “Rosários são realmente poções mágicas, e eu não preciso dessas, obrigada,”</p>
<p>Later, the family will offer Masses over and over for Nnedi to be found safe, though never for the repose of Nnedi’s soul. And Chika will think about this woman, praying with her head to the dust floor, and she will change her mind about telling her mother that offering Masses is a waste of money, that it is just fund-raising for the church.</p>	<p>Mais tarde, a família vai oferecer Missas repetidamente para Nnedi ser encontrada em segurança, mas nunca para o repouso da alma de Nnedi. E Chika pensará nesta mulher, orando com a cabeça no chão poeirento, e ela mudará de ideia sobre contar para a sua mãe que oferecer missas é um desperdício de dinheiro, que é apenas angariação de fundos para a igreja.</p>
<p>When the woman rises, Chika feels strangely energized. More than three hours have passed and she imagines that the riot is quieted, the rioters drifted away. She has to leave, she has to</p>	<p>Quando a mulher levanta, Chika se sente estranhamente energizada. Mais de três horas tinham passado e ela imagina que a revolta está acabada, os revoltados foram embora. Ela tem</p>

make her way home and make sure Nnedi and her Auntie are fine.	que sair, ela tem que ir para casa e verificar que Nnedi e sua tia estão bem.
“I must go,” Chika says.	“Eu devo ir,” Chika diz.
Again the look of impatience on the woman’s face. <i>“Outside is danger.”</i>	De novo o olhar de impaciência no rosto da mulher, <i>“Perigo é la fora.”</i>
“I think they have gone. I can’t even smell any more smoke.”	“Eu acho que eles se foram. Não posso nem sentir mais o cheiro da fumaça”
The woman says nothing, seats herself back down on the wrapper. Chika watches her for a while, disappointed without knowing why. Maybe she wants a blessing from the woman, something. “How far away is your house?” she asks.	A mulher não diz nada, se senta de volta na <i>capa</i> . Chika a observa por um momento, desapontada sem saber o porquê. Talvez ela queira uma benção da mulher, alguma coisa. “Qual é a distância da sua casa?” ela pergunta.
<i>“Far. I’m taking two buses.”</i>	<i>“Longe. Dois ônibus estou pegando.”</i>
“Then I will come back with my auntie’s driver and take you home,” Chika says.	“Depois eu voltarei com o motorista da minha tia e te levo para casa,” Chika diz
The woman looks away. Chika walks slowly to the window and opens it. She expects to hear the woman ask her to stop, to come back, not to be rash. But the woman says nothing and Chika feels the quiet eyes on her back as she climbs out of the window.	A mulher desvia o olhar. Chika anda lentamente para a janela e a abre. Ela espera ouvir a mulher pedir para ela parar, para voltar, para não ser imprudente. Mas a mulher não diz nada e Chika sente os olhos calmos em suas costas enquanto ela sai pela janela.
The streets are silent. The sun is falling, and in the evening dimness Chika looks around, unsure which way to go. She prays that a taxi will appear, by magic, by luck, by God’s hand. Then she prays that Nnedi will be inside the taxi, asking her where the hell she has been, they have been so worried about her. Chika has not reached the end of the second street, toward the market, when she sees the body. She almost doesn’t see it, walks so close to it that she feels its heat. The body must have been very recently burned. The smell is sickening of roasted flesh , unlike that of any she has ever smelled.	As ruas estão silenciosas. O sol está se pondo, e na escuridão da noite Chika olha envolta, insegura de qual caminho ir. Ela ora para que um táxi apareça, por mágica, por sorte, pela mão de Deus. Então ela ora para que Nnedi esteja dentro do Táxi, a perguntando em que diabos ela estava, elas estavam tão preocupadas com ela. Chika não chegou ao final da segunda rua, de frente para o mercado, ela vê o corpo. Ela quase não o vê, caminha tão próximo que consegue sentir o calor. O corpo deve ter sido queimado recentemente. O cheiro é repugnante de carne humana assada, diferente de qualquer um que ela já sentiu.
Later, when Chika and her aunt go searching throughout Kano, a policeman in the front seat of her aunt’s air -conditioned car, she will see other bodies, many burned, lying lengthwise along the sides of the street, as though someone	Depois, quando Chika e sua tia forem procurar em toda Cano, um policial no assento da frente do carro de sua tia, com ar-condicionado, ela verá outros corpos, muitos queimados, deitados longitudinalmente pelos lados da rua como se

carefully pushed them there, straightening them. She will look at only one of the corpses, naked, stiff, facedown, and it will strike her that she cannot tell if the partially burned man is Igbo or Hausa, Christian or Muslim, from looking at that charred flesh.	alguém os colocasse lá, os estirando. Ela olhará apenas para um dos corpos, pelados, duros, virados para baixo, e isso a atacará de maneira que ela não conseguirá dizer se o homem parcialmente queimado é Igbo ou Hauçá, cristão ou muçulmano ao olhar para aquela carne humana carbonizada.
She will listen to BBC radio and hear the accounts of the deaths and the riots- “religious with undertones of ethnic tension” the voice will say. And she will fling the radio to the wall and a <i>fierce red rage</i> will run through her at how it has all been packaged and sanitized and made to fit into so few words, all those bodies. But now, the heat from the burned body is so close to her, so present and warm that she turns and dashes back toward the store. She feels a sharp pain along her longer leg as she runs. She gets to the store and raps on the window, and she keeps rapping until the woman opens it.	Ela escutará a rádio BBC e ouvirá o total dos mortos e das revoltas - “religiosos com indicações de tensões étnicas” a voz dirá. E ela atirá o rádio na parede e uma <i>cólera selvagem</i> passará por ela como se isso tudo tivesse sido embrulhado e higienizado e coubesse em tão poucas palavras, todos aqueles corpos. Mas agora, o calor do corpo queimado está tão próximo dela, tão presente e quente que ela se vira e corre de novo para frente da loja. Ela sente uma dor aguda em sua perna enquanto corre. Ela chega na loja e bate na janela, e continua batendo até que a mulher abra.
Chika sits on the floor and looks closely, in the failing light, at the line of blood <i>crawling down</i> her leg. Her eyes swim restlessly in her head. It looks alien, the blood, as though someone had squirted tomato paste on her.	Chika senta no chão e olha atentamente, na luz enfraquecida, para a linha de sangue <i>marcando</i> sua perna. Os olhos dela flutuam inquietamente em sua cabeça. Parece alienígena, o sangue, como se alguém tivesse esguichado massa de tomate nela.
“ <i>Your leg. There is blood,</i> ” the woman says, a little wearily. She wets one end of her <i>scarf</i> at the tap and cleans the cut on Chika’s leg, then ties the wet scarf around it, knotting it at the calf.	“ <i>Sua perna. Tem sangue,</i> ” a mulher diz, um pouco exaustivamente. Ela molha uma ponta de seu <i>lenço</i> na torneira e limpa o corte na perna de Chika, então ela amarra o <i>lenço molhado</i> em volta da perna, dando um nó na batata da perna.
“Thank you,” Chika says.	“Obrigada,” Chika diz
“ <i>You want toilet?</i> ”	“ <i>Banheiro quer ir ?</i> ”
“Toilet? No”	“Banheiro? Não”
“ <i>The containers there, we are using for toilet,</i> ” the woman says. She takes one of the containers to the back of the store, and soon the smell <i>fills</i> Chika’s nose, mixes with the smells of dust and <i>metallic water</i> , makes her feel light-headed and queasy. She closes her eyes.	“ <i>Lá os recipientes, para vaso estamos usando</i> ” a mulher diz. Ela pega um dos recipientes atrás da loja, e logo o cheiro <i>chega</i> ao nariz de Chika, e se mistura com os cheiros de poeira e de <i>água enferrujada</i> , e a faz sentir tonta e enjoada. Ela fecha os olhos.
“ <i>Sorry, oh! My stomach is bad. Everything happening today,</i> ” the woman says from behind	“ <i>Desculpa, ah! Está meu estômago mal. Hoje acontecendo tudo,</i> ” a mulher diz atrás dela.

<p>her. Afterwards, the woman opens the window and places the container outside, she washes her hands at the tap. She comes back and she and Chika sit side by side in silence; after a while they hear raucous chanting in the distance, words Chika cannot make out. The store is almost completely dark when the woman stretches out on the floor, her upper body on the wrapper and the rest of her not.</p>	<p>Depois, a mulher abre a janela e coloca o recipiente lá fora, e lava as mãos na torneira. Ela volta e ela e Chika sentam lado a lado em silêncio; depois de um tempo elas escutam um eco estridente na distância, palavras que Chika não consegue compreender. A loja está quase escura completamente quando a mulher se estica no chão, a parte superior do corpo dela na capa e o restante fora.</p>
<p>Later, Chika will read in <i>The Guardian</i> that “reactionary Hausa-speaking Muslims in the North have a history of violence against non-Muslims,” and in the middle of her grief, she will stop to remember that she examined the nipples and experienced the gentleness of a woman who is Hausa and Muslim.</p>	<p>Mais tarde, Chika lerá no <i>The Guardian</i> que “Muçulmanos reacionários falantes de Hauçá no norte tem uma história de violência contra os não-muçulmanos,” e no meio de sua aflição, ela parará para lembrar que examinou os mamilos e sentiu a ternura de uma mulher que é Hauçá e muçulmana.</p>
<p>Chika hardly sleeps all night. The window is shut tight; the air is stuffy, and the dust, thick and gritty, crawls up her nose. She keeps seeing the blackened corpse floating in a halo by the window, pointing accusingly at her. Finally she hears the woman get up and open the window, letting in the dull blue of early dawn. The woman stands there for a while before climbing out. Chika can hear footsteps, people walking past. She hears the woman call out, voice raised in recognition, followed by rapid Hausa that Chika does not understand.</p>	<p>Chika dificilmente dorme a noite toda. A janela está firmemente fechada; o ar está abafado, e a poeira, densa e arenosa, entra em seu nariz. Ela continua vendo os corpos enegrecidos flutuando em uma auréola perto da janela, apontando acusadoramente para ela. Finalmente ela ouve a mulher se levantar e abrir a janela, deixando entrar o azul desbotado do amanhecer. A mulher fica lá por enquanto antes de sair. Chika pode ouvir passos, de pessoas andando. Ela ouve a mulher chamar, uma voz elevada em reconhecimento, seguido por um ligeiro hauçá que Chika não entende.</p>
<p>The woman climbs back into the store. <i>“Danger is finished. It is Abu. He is selling provisions. He is going to see his store. Everywhere policeman with tear gas. Soldier-man is coming. I go now before soldier-man will begin to harass somebody.”</i></p>	<p>A mulher entra de novo na loja. <i>“Acabado perigo é. É Abu. Ele está vendendo mantimentos. Ele está indo ver sua loja. Todo lugar policial com gás lacrimogêneo. Está o soldado vindo. Eu vou agora antes soldado vá começar alguém atormentar.”</i></p>
<p>Chika stands slowly and stretches; her joints ache. She will walk all the way back to her aunty’s home in the gated estate, because there are no taxis on the street, there are only army Jeeps and battered police station wagons. She will find her aunty, wandering from one room to the next with a glass of water in her hand, muttering in Igbo, over and over, “Why did I ask you and Nnedi to visit? Why did my chi deceive me like this?” And Chika will grasp her</p>	<p>Chika se levanta lentamente e se estica; suas juntas doem. Ela andar­á todo o caminho de volta para a casa de sua tia nas propriedades fechadas, porque não há táxis na rua, há apenas jipes do exército e caminhões surrados da estação de polícia. Ela encontrará a sua tia, se perguntando de um quarto para o outro com um copo de água em sua mão, resmungando em Igbo, repetidas vezes, “Porque eu pedi para você e para Nnedi me visitarem? Porque meu</p>

<p>aunty's shoulders tightly and lead her to a sofa.</p>	<p>chi me engana desse jeito?" e Chika apertará os ombros de sua tia firmemente e a levará ao sofá.</p>
<p>Now, Chika unties the scarf from her leg, shakes it as though to shake the bloodstains out, and hands it to the woman. "Thank you."</p>	<p>Agora, Chika desamarra o lenço de sua perna, o sacode como para tirar as manchas de sangue, e o entrega a mulher. "Obrigada."</p>
<p><i>"Wash your leg well-well. Greet your sister, greet your people,"</i> the woman says, tightening her wrapper around her waist.</p>	<p><i>"Sua perna lava bem-bem. Cumprimente sua irmã, cumprimente seu povo,"</i> a mulher diz, apertando a sua capa envolta de sua cintura.</p>
<p>"Greet your people also. Greet your baby and Halima," Chika says. Later, as she walks home, she will pick up a stone stained the copper of dried blood and hold the ghoulis souvenir to her chest. And she will suspect right then, in a strange flash while clutching the stone, that she will never find Nnedi, that her sister is gone. But now she turns to the woman and adds, "May I keep your scarf? The bleeding might start again."</p>	<p>"Cumprimente seu povo também. Cumprimente seu bebê e Halima," Chika diz. Mais tarde, enquanto ela anda para casa, ela pegará uma pedra manchada avermelhada de sangue seco e segurará a lembrança macabra no peito. E ela suspeitará logo então, em um estranho clarão enquanto segura a pedra, que ela nunca encontrará Nnedi, que a sua irmã se foi. Mas agora ela se vira para a mulher e acrescenta, "Posso ficar com o seu lenço? O sangramento pode começar de novo."</p>
<p>The woman looks for a moment as if she does not understand ; then she nods. There is perhaps the beginning of future grief on her face, but she smiles a slight, distracted smile before she hands the scarf back to Chika and turns to climb out of the window.</p>	<p>A mulher olha por um instante como se ela não entendesse; então ela acena. Talvez há o começo de uma futura tristeza em seu rosto, mas ela sorri um sorriso leve e distraído antes que ela entregue de volta o véu para Chika e se vire para sair da janela.</p>

ANEXO C

1º VERSÃO DE TRADUÇÃO - *THE THING AROUND YOUR NECK*

Original	Tradução – 1º versão
<p>You thought everybody in America had a car and a gun; your uncles and aunts and cousins thought so, too. Right after you won the American visa lottery, they told you: In a month, you will have a big car. Soon, a big house. But don't buy a gun like those Americans.</p>	<p>Você pensava que todo mundo na América tivesse um carro e uma arma; seus tios e tias e primos pensavam assim, também. Logo depois que você ganhou a loteria do visto americano, eles te disseram: Em um mês você terá um carro grande. E logo, uma grande casa, mas não compre uma arma como esses Americanos.</p>
<p>They trooped into the room in Lagos where you lived with your father and mother and three siblings, leaning against the unpainted walls because there weren't enough chairs to go round, to say goodbye in loud voices and tell you with lowered voices what they wanted you to send them. In comparison to the big car and house (possibly gun), the things they wanted were minor-handbags and shoes and perfumes and clothes. You said okay, no problem.</p>	<p>Eles entraram na sala em Lagos onde você vivia com seu pai e mãe e três irmãos, encostando-se contra as paredes não pintadas porque não havia cadeiras suficientes para fazer um círculo, para dizer tchau com vozes berrantes e te contar com vozes baixas/sussurros o que eles queriam que você os enviasse. Em comparação com o grande carro e casa (e arma possivelmente), as coisas que eles queriam eram bolsas pequenas e sapatos e perfumes e roupas. Você disse okay/tudo bem sem problema.</p>
<p>Your uncle in America, who had put in the names of all your family members for the American visa lottery, said you could live with him until you got on your feet. He picked you up at the airport and bought you a big hot dog with yellow mustard that nauseated you. Introduction to America, he said with a laugh. He lived in a small white town in Maine, in a thirty – year-old house by a lake. He told you that the company he worked for had offered him a few thousand more than the average salary plus stock options because they were desperately trying to look diverse. They included a photo of him in every brochure, even</p>	<p>Seu tio na América, que tinha colocado os nomes de todos os membros de sua família para a loteria do visto americano, disse que você podia viver com ele até que você se estabeleça. Ele te buscou no aeroporto e comprou para você um grande cachorro quente com mostarda amarela que te enjoou. Introdução à América, ele disse com uma risada. Ele morava em uma pequena cidade de brancos em Maine, em uma casa de trinta anos perto de um lago. Ele te contou que a empresa na qual ele trabalhou o ofereceu uns poucos milhares a mais que a média salarial mais opções sobre ações/opções sobre compra de ações porque eles estavam tentando desesperadamente parecer diverso. Eles incluíram uma foto dele em cada panfleto, até mesmo naqueles que não tinha</p>

those that had nothing to do with his unit. He laughed and said the job was good, was worth living in an all white town even though his wife had to drive an hour to find a hair salon that did **black hair**. The trick was to understand America, to know that America was **give-and-take**. You gave up a lot but you gained a lot, too.

He showed you how to apply for a cashier job in the gas station on **Main Street** and he enrolled you in a community college, where the girls had thick thighs and wore bright-red nail polish, and self-tanner that made them look orange. They asked where you learned to speak English and if you had **real houses** back in Africa and if you'd seen a car before you came to America. They **gawped** at your hair. Does it stand up or fall down when you take the braids? They wanted to know. All of it stands up? How? Why? Do you use a comb? You smiled tightly when they asked those questions. Your uncle **told** you to **expect it**; a mixture of ignorance and arrogance, he called it. Then he told you how the neighbors said, a few months after he moved into his house, that the squirrels had started to disappear. They had heard that Africans ate all kinds of wild animals.

You laughed with your uncle and you felt at home in his house; his wife called you **nwanne**, sister, and his two school-age children called you Auntie. They spoke Igbo and ate **garri** lunch and it **was like home**. Until your uncle came into the cramped basement where you slept with old boxes and **cartons** and pulled you forcefully to him, squeezing your buttocks, moaning. He wasn't really your uncle; he was actually a brother of your father's sister's husband, not related by blood. After you pushed him away, he sat on your bed- it was his house, after all-

nada a ver com unidade dele. Ele riu e disse que o emprego era bom, valia à pena viver em um cidade toda de brancos apesar de a mulher dele ter que dirigir uma hora para encontrar um salão de beleza que arrumava **cabelos de negro**. O jeito era entender a América, saber que América era **dar e receber/ toma lá dá cá**. Você abria mão de muita coisa, mas conquistava muita coisa também.

Ele te mostrou como candidatar-se para um emprego de caixa no posto de gasolina na **Main Street** e ele te matriculou na faculdade comunitária, onde as meninas tinham coxas grossas e usavam um esmalte para as unhas vermelho vivo, e autobronzeador que as faziam parecer alaranjadas. Elas perguntaram onde você aprendeu a falar inglês e se você tinha casas **de verdade** na África e se você tinha visto um carro antes de ter ido para a América. Elas **ficavam boquiabertas** com seu cabelo. Levanta ou cai quando você tira as tranças? Elas queriam saber. Ele levanta todo? Como? Por que? Você usa um pente? Você sorria firmemente quando elas faziam aquelas perguntas. Seu tio te disse para **esperar por isso**, uma mistura de ignorância e arrogância ele chamava. Então ele te contou que os vizinhos disseram, poucos meses depois que ele mudou para esta casa, que os esquilos tinham começado a desaparecer. Eles tinham ouvido que os Africanos comiam todos os tipos de animais selvagens.

Você riu com o seu tio e você se sentiu a vontade em sua casa; a mulher dele te chamava de **nwanne**, irmã, e as suas duas crianças em idade escolar te chamavam de titia. Eles falavam em Igbo e comiam o almoço de **garri** e parecia **a cidade natal/ o lar**. Até que o seu tio entrou no porão abarrotado onde você dormia com caixas e **caixotes** velhos e puxou você forçosamente para ele, apertando suas nádegas, gemendo. Ele não era o seu tio de verdade; ele era, na verdade, um irmão do pai do marido da sua irmã, não relacionado por sangue. Depois que você o **rejeitou/ empurrou**, ele sentou na

and smiled and said you were no longer a child at twenty – two. If you let him, he would do many things for you. Smart women did it all the time. How did you think those women back home in Lagos with well-paying jobs made it? Even women in New York City?

You locked yourself in the bathroom until he went back upstairs, and the next morning, you left, walking the long windy road , **smelling the baby fish in the lake**. You saw him drive past – he had always **dropped you off** at **Main Street**- and he didn't honk. You wondered what he would tell his wife , why you had left. And you remembered what he said, that America was give- and- take.

You ended up in Connecticut, in another little town, because it was the last stop of the **Greyhound** bus you got on. You walked into the restaurant with the bright, clean awning and said you would work for two dollars less than the other waitresses. The manager, Juan, had **inky-black** hair and smiled to show a gold tooth. He said he had never had a Nigerian employee but all immigrants worked hard. He knew, he'd been there. He'd pay you a dollar less, but under the table; he didn't like all the taxes they were making him pay.

You could not afford to go to school , because now you paid rent for the tiny room with the stained carpet. Besides, the small Connecticut town didn't have a community college and credits at the state university cost too much. So you went to the public library , you looked up course syllabi on school Web sites and read some of the books. Sometimes you sat on the lumpy mattress of your twin bed and thought **about home** –your aunts who hawked dried fish and plantains, cajoling customers to buy and

sua cama- era a casa dele, afinal´- e sorriu e disse que você não era mais uma criança com vinte e dois. Se você o deixasse, ele poderia fazer muitas coisas por você. Mulheres inteligentes faziam isso o tempo todo. Como você pensa que aquelas mulheres na sua terra em Lagos com empregos bem remunerados **fizeram/faziam**? Até mesmo mulheres em Nova York?

Você se trancou no banheiro até que ele voltou para o andar de cima, e na manhã seguinte, você foi embora, andando a longa e tempestuosa estrada, **fedendo a peixinho no lago**. Você o viu passar, ele sempre te **deixava** na **Main Street** – e ele não buzinou. Você se perguntou o que ele contaria a sua esposa, por que você tinha indo embora. E você se lembrou do que ele disse, que América era **toma lá dá cá**.

Você acabou em Connecticut, em outra cidade pequena, porque era a última parada do ônibus da **Estação Rodoviária** que você subiu. Você entrou no restaurante **com/que possuía** o toldo brilhante e limpo e disse que você trabalharia por dois dólares a menos que as outras garçonetes. O gerente, Juan, tinha o cabelo **preto retinto** e sorriu para mostrar o dente de ouro. Ele disse que nunca tinha tido uma empregada nigeriana, mas todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia que se estivesse lá ele pagaria você um dólar a menos, mas por debaixo da mesa; ele não gostava de todas as taxas que eles o estavam fazendo pagar.

Você não podia pagar para ir á escola porque agora você pagava aluguel pelo quarto minúsculo com o tapete manchado. Além disso, a pequena cidade de Connecticut não tinha uma faculdade comunitária e os créditos na universidade estadual custam muito mais. Então você foi para a biblioteca pública, você procurou a ementa do curso nos web sites da escola e leu alguns dos livros. Às vezes você sentava no colchão irregular das suas camas de solteiro e pensava sobre **sua casa** – suas tias que

then shouting insults when they didn't; your uncles who drank local gin and crammed their families and lives into single rooms; your friends who had come out to say goodbye before you left, to rejoice because you won the American visa lottery, to confess their envy; your parents who often held hands as they walked to church on Sunday mornings, the neighbors from the next room laughing and teasing them; your father who brought back his boss's old newspapers from work and made your brothers read them; your mother whose salary was barely enough to pay your brothers' school fees at the secondary school where teachers gave an A when someone **slipped them** a brown envelope.

You had never needed to pay for an A, never slipped a brown envelope to a teacher in secondary school. Still, you chose long brown envelopes to send half of your month's earnings to your parents at the address of the **parastatal** where your mother was a cleaner; you always used the dollar notes that Juan gave you because those were crisp, unlike the tips. Every month. You wrapped the money carefully in white paper but you didn't write a letter. There was nothing to write about.

In later weeks, though, you wanted to write because you had stories to tell. You wanted to write about the surprising openness of people in America, how eargerly they told you about their mother fighting cancer, about their sister -in-law's preemie, the kinds of things that one should hide or should reveal only to the family members who wished them well. You wanted to write about the way people left so much food on their plates and crumpled a few dollar bills down, as though it was an offering, expiation for the wasted food. You wanted to write about the child who started to cry and pull at her

vendiam peixe seco e bananas da terra, bajulando/ convencendo os clientes a comprar e depois gritando insultos quando eles não compravam; seus tios que bebiam gim e amontoavam suas famílias e suas vidas dentro de quartos de solteiro; seus amigos que tinham vindo para dizer tchau antes de você ir embora, para se regozijar porque você ganhou a loteria do visto americano, para confessar que o invejavam; seus pais que geralmente se davam as mãos enquanto **caminhavam/ iam** para a igreja nas manhãs de domingo, os vizinhos da casa do lado sorrindo e os provocando; seu pai que trouxe de volta do trabalho os jornais velhos do chefe e fez os seus irmãos os leem; sua mãe cujo salário mal era suficiente para pagar as taxas da escola dos seus irmãos no ensino médio onde os professores davam um A/ 10 quando alguém **empurrava para eles** um envelope marrom.

Você nunca precisou pagar por um A/ 10, nunca empurrou um envelope marrom para o professor no ensino médio. Ainda assim, você escolhe longos envelopes marrons pra enviar metade do seu salário mensal para seus pais no endereço da **Parapúblico** onde sua mãe era uma **arrumadeira**; você sempre usou as notas em dólar que o Juan te dava porque aquelas eram **límpidas/ nítidas**, diferente das gorjetas. Todo mês. Você embrulhava o dinheiro cuidadosamente em um papel branco mas você não escrevia uma carta. Não havia nada para escrever.

Nas semanas posteriores, no entanto, você queria escrever porque você tinha histórias para contar. Você queria escrever sobre a surpreendente abertura das pessoas na América, quão euforicamente eles te falavam sobre suas mães que estão lutando contra o câncer, sobre o filho prematuro da sua cunhada, os tipos de coisas que uma pessoa deveria esconder ou revelar apenas para os membros da família que os desejava o bem. Você queria escrever sobre o

blond hair and push the menus off the table and instead of the parents making her shut up, they pleaded with her, a child of perhaps five years old, and then they all got up and left. You wanted to write about the rich people who wore shabby clothes and tattered sneakers, who looked like the night watchmen in front of the large **compounds** in Lagos. You wanted to write about that rich Americans were thin and poor Americans were fat and that many did not have a big house and car; you still were not sure about the guns, though, because the might like have them inside their pockets.

It wasn't just to your parents you wanted to write, it was also to your friends, and cousins and aunts and uncles. But you could never afford enough perfumes and clothes and handbags and shoes to go around and still pay your rent on what you earned at the **waitressing job**, so you wrote nobody.

Nobody knew where you were, because you told no one. Sometimes you felt invisible and tried to walk through your room wall into the hallway, and when you bumped into the wall, it left bruises on your arms. Once, Juan asked if you had a man that hit you because he **would take care of him** and you laughed a mysterious laugh.

At night, something would wrap itself around your neck, something that very nearly **choked** you before you fell asleep.

Many people at the restaurant asked when you had come from Jamaica, because they thought that every black person with a foreign accent was Jamaican. Or some who guessed that you were African told you that they loved elephants and wanted to go on a safari.

jeito que as pessoas deixavam tanta comida nos seus pratos e amassavam a conta de poucos dólares, como se isso fosse uma oferta, expiação pela comida desperdiçada. Você queria escrever sobre a criança que começou a chorar e puxar seu cabelo e derrubar os cardápios da mesa e ao invés dos pais fazerem ela calar a boca, eles a suplicaram uma criança de talvez cinco anos de idade, e então todos eles levantaram e foram embora. Você queria escrever sobre as pessoas ricas que vestiam roupas maltrapilhas e tênis esfarrapados, que pareciam os guardas noturnos dos grandes **complexos/ casas/ quintais** em Lagos. Você queria escrever que os americanos ricos eram magros e americanos pobres eram gordos e que muitos não tinham uma grande casa e carro; no entanto, você ainda não tinha certeza sobre as armas porque provavelmente as teria dentro de suas bolsas.

Não era apenas para os seus pais que você queria escrever, também era para os seus amigos, e primos e tias e tios. Mas você nunca poderia **pagar/comprar** perfumes e roupas e bolsas e sapatos para dar uma volta o suficiente e ainda pagar o seu aluguel com o que você ganhou no **emprego de garçanete**, então você não escreveu para ninguém.

Ninguém sabia onde você estava, porque você não contou para ninguém. As vezes você se sentia invisível e tentava atravessar a parede do seu quarto **no/ dentro** corredor, e quando você dava de cara com a parede, deixava arranhões nos seus braços. Uma vez, Juan perguntou se você tinha um homem que te bate porque ele **daria um jeito nele** e você sorriu com uma risada misteriosa.

De noite alguma coisa poderia se enrolar no seu pescoço, alguma coisa que quase te **asfixiasse** antes de você adormecer.

Muitas pessoas no restaurante perguntavam se você tinha vindo da Jamaica porque eles pensavam que toda pessoa negra com um acento de estrangeiro era Jamaicana. Ou alguns que

So when he asked you, in the dimness of the restaurant after you recited the daily specials, what African country you were from, you said Nigeria and expected him to say that he had donated money to fight AIDS in Botswana. But he asked if you were Yoruba or Igbo, because you didn't have a Fulani face. You were surprised – you thought he must be a professor of anthropology at the state university, a little young in his late twenties **or so**, but who was to say? Igbo you said. He asked your name and said **Akunna** was pretty. He did not ask what it meant, fortunately, because you were sick of how people said, " ' Father's Wealth'? You mean , like, your father will actually sell you to a husband?"

He told you he had been to Ghana and Uganda and Tanzania, loved the poetry of Okot p' Bitek and the novels of Amos Tutuola and had read a lot about sub-saharan African countries, their histories, their complexities. You wanted to feel disdain, to show it as you brought his order , because white people who liked Africa too much and those who liked Africa too little were the same- condescending. But he didn't shake his head in the superior way that Professor Cobbledick **back** in the Maine community college did during a class discussion on decolonization in Africa. He didn't have that expression of Professor Cobbledick's, that expression of a person who **thought** himself better than the people he knew about. He came in the next day and sat at the same table and when you asked if the chicken was okay, he asked if you had grown up in Lagos. He came in the third day and began talking before he ordered, about how he had visited Bombay and now wanted to visit Lagos, to see how real people lived, like in the shantytowns, because

achavam que você era africana te contavam que eles amavam elefantes e queriam ir em um safári.

Então quando ele te perguntou, na obscuridade do restaurante depois de que você recitou os pratos do dia, de que país da África você veio, você disse Nigéria e esperou ele dizer que ele tinha doado dinheiro para lutar contra a AIDS no Botsuana. Mas ele perguntou se você era Iorubá ou Igbo porque você não tinha cara de **Fulani**. Você estava surpresa – você pensou que ele deve ser um professor de antropologia na universidade estadual, um pouco jovem em seus vinte e poucos anos ou **algo assim**, mas quem diria ? Igbo você disse. Ele perguntou o seu nome e disse que **Akunna** era lindo. Ele não perguntou o que significava, felizmente, porque você estava cansada de como as pessoas diziam “A riqueza do pai? Você quer dizer, tipo, seu pai vai na verdade te vender para um marido?”

Ele te contou que tinha ido para Gana e Uganda e Tanzânia, amava a poesia de Okot p' Bitek e os romances de Amos Tutuola e tinha lido muito sobre os países da África subsaariana, suas histórias, suas complexidades. Você queria sentir desdém, mostrar isso quando você trouxesse o pedido dele porque pessoas brancas que gostavam muito da África e aqueles que gostavam muito pouco da África eram os mesmos – condescendentes. Mas ele não sacudiu a cabeça do jeito superior que o professor Cobbledick fazia **lá** na faculdade comunitária de Maine durante um debate em sala sobre a descolonização na África. Ele não tinha aquela expressão do professor Cobbledick, aquela expressão de uma pessoa que **julgava** a si mesmo melhor do que as pessoas que ele conhecia. Ele veio no outro dia e sentou na mesma mesa e quando você perguntou se o frango estava bom, ele perguntou se você tinha crescido em Lagos. Ele entrou no terceiro dia e começou a falar antes de fazer o pedido, sobre como ele tinha visitado Bombaim e que agora

he never did any of the silly tourist stuff when he was abroad. He talked and talked and you had to tell him it was against restaurant policy. He brushed your hand when you set the glass of water down. The fourth day, when you saw him arrive, you told Juan you didn't want that table anymore. After your shift that night, he was waiting outside, earphones stuck in his ears, asking you to go out with him because your name rhymed with *hakuna matata* and *The Lion King* was the only maudlin movie he'd ever liked. You didn't know what the *Lion King* was. You looked at him in the bright light and noticed that his eyes were the **color of extra - virgin olive oil**, a greenish gold. Extra-virgin olive oil was the only thing you loved, truly loved, in America.

He was a senior at the state university. He told you how old he was and you asked why he had not graduated yet. This was America, after, all, it was not like **back home**, where universities closed so often that people added three years to their normal course of study and lectures went on strike after strike and still were not paid. He said he had taken a couple of years off to discover himself and travel, mostly to Africa and Asia. You asked him where he ended up finding himself and he laughed. You did not laugh. You did not know that people could simply choose not to go to school, that people could dictate to life. You were used to accepting what life gave, writing down what life dictated.

You said no the following four days to going out with him, because you were uncomfortable with the way he looked at your face, that intense, consuming way he looked at your face that made you say goodbye to him but also made you reluctant to walk away. And then, the

queria visitar Lagos, para ver como as pessoas viviam de verdade, como nas favelas, porque ele nunca fez nenhuma loucura nessa coisa de turista quando ele estava fora. Ele falou, falou e você teve que dizer para ele que era contra a política do restaurante. Ele acariciou a sua mão quando você colocou o copo de água (na mesa). No quarto dia, quando você o viu chegar, você disse a Juan que não queria aquela mesa mais. Após o seu turno aquela noite, ele estava esperando lá fora, fones de ouvido enfiados em suas orelhas, perguntando para você se você sairia com ele porque o seu nome rimava com *hakuna matata* e *O Rei Leão* era o único filme piegas que ele já gostou. Você não sabia o que o Rei Leão era. Você olhou para ele na luz forte e notou que os olhos dele eram da cor do azeite de oliva extravirgem, um esverdeado dourado. **O azeite de oliva extravirgem** era a única coisa que você amou, realmente, amou na América.

Ele era veterano na universidade estadual. Ele te contou quantos anos ele tinha e você o perguntou o porquê ele ainda não tinha graduado. Esta era a América, afinal de contas, não era como **na sua terra**, onde as universidades fechavam tantas vezes que as pessoas adicionavam três anos ao curso normal de estudos e palestras que iam greve após greve e ainda assim não eram pagos. Ele disse que tinha ido embora por uns anos para se descobrir e viajar, principalmente para a África e Ásia. Você o perguntou onde ele terminava de se descobrir e ele sorriu. Você não sorriu. Você não sabia que as pessoas podiam simplesmente escolher não ir à escola, que as pessoas podiam ditar à vida. Você estava habituada a aceitar o que a vida te dava, tomar nota do que a vida ditava.

Você disse não para sair com ele nos quatro dias

fifth night, you panicked when he was not standing at the door after your shift. You prayed for the first time in a long time and when he came up behind you and said hey, you said yes, you would go out with him, even before he asked. You were scared he would not ask again.

The next day, he took you to dinner at Chang's and your fortune cookie had two strips of paper. Both of them were blank.

You knew you had become comfortable when you told him that you watched *Jeopardy* on the restaurant TV and that you **rooted for** the following, in this order: women of color, black men, and white women, before, finally, white men-which meant you never rooted for white men. He laughed and told you he was used to not being rooted for, his mother taught **women's studies**.

And you knew you had become close when you told him that your father was really not a schoolteacher in Lagos, that he was a junior driver for a construction company. And you told him about that day in Lagos traffic in the rickety Peugeot 504 your father drove; it was raining and your seat was wet because of the **rust-eaten** hole in the roof. The traffic was heavy, the traffic was always heavy in Lagos, and when it rained it was chaos. The roads became muddy ponds and cars got stuck and some of your cousins went out and made some money pushing the cars out. The rain, the swampiness, you thought, made your father step on the brakes too late that day . You heard the bump before you felt it. The car your father rammed into was **wide foreign** , and dark green , with golden headlights like the eyes of a leopard. Your father started to cry and beg even

seguintes porque você estava desconfortável com a forma que ele olhava para o seu rosto, aquele jeito intenso e consumidor que ele olhava para o seu rosto aquilo te fazia dizer tchau para ele mas também te fazia relutante de ir embora. E então, a quinta noite, você ficou apavorada quando ele não estava de pé na porta depois do seu turno. Você orou pela primeira vez em muito tempo e quando ele apareceu atrás de você e disse oi, você disse sim, você sairia com ele, até antes que ele perguntasse. Você estava com medo que ele não te perguntasse novamente.

No outro dia, ele te levou para jantar no Chang e o seu biscoito da sorte tinha duas tiras de papel. Ambas estavam em branco.

Você sabia que tinha ficado confortável quando você o contou que você assistia *Jeopardy* na TV do restaurante e que você **apoiava** o seguinte, nesta ordem: mulheres de cor, homens negros, e mulheres brancas, antes e finalmente, homens brancos o que significava que você nunca apoiou homens brancos. Ele sorriu e te contou que ele era acostumado a não ser apoiado, sua mãe ensinava **Estudos sobre Mulheres**

E você sabia que vocês tinham ficados mais próximos quando você o contou que seu pai não era realmente um professor em Lagos, que ele era um motorista primário em uma empresa de construção. E você contou para ele sobre aquele dia no trânsito de Lagos em um Peugeot 504 vacilante que o seu pai dirigia, estava chovendo e o seu assento estava molhado por causa do buraco **carcomido** de ferrugem no teto. O tráfego estava pesado, era sempre pesado em Lagos, e quando chovia era um caos. As estradas viravam poças lamacentas e os carros ficavam emperrados e alguns dos seus primos saiam e ganhavam algum dinheiro tirando os carros para fora. A chuva, a pantanosidade, você pensava, fazia o seu pai pisar nos freios **muito tarde/**

before he got out of the car and laid himself flat on the road, causing much **blowing of horns**. Sorry sir, sorry sir, he chanted. If you sell me and my family, you cannot buy even one tire on your car. Sorry sir.

The **Big Man** seated at the back did not come out, but his driver did, examining the damage, looking at your father's sprawled form from the corner of his eyes as though the pleading was like pornography, a performance he was ashamed to admit he enjoyed. At last he let your father go. Waved him away. The other cars' horns blew and drivers cursed. When your father came back into the car, you refused to look at him because he was just like the pigs that wallowed in the **marshes** around the market. Your father looked like *nsi*. Shit.

After you told him this, he pursed his lips and held your hand and said he understood how you felt. You shook your hand free; suddenly annoyed, because he thought the world was, or ought to be, full of people like him. You told him there was nothing to understand, it was just the way it was.

He found the African store in the Hartford yellow pages and drove you there. Because of the way he walked around with familiarity, tilting the bottle of **palm wine** to see how much sediment it had, the Ghanaian store owner asked him if he was African, like the white Kenyans or South Africans, and he said yes, but he'd been in America for a long time. He looked pleased that the store owner had believed him. You cooked that evening with the things you had bought, and after he ate *garri* and *onugbu* soup, he threw up in your sink. You didn't mind, though, because now you would be able to cook *onugbu* soup with meat.

atrasado naquele dia. Você ouviu a batida antes de senti-la. O carro que o seu pai bateu era **internacional**, e verde escuro, com faróis dianteiros dourados como os olhos de um leopardo. Seu pai começou a chorar e implorar antes mesmo de ter saído do carro e se deitou estirado na estrada, causando **muitas buzinas**. Desculpe senhor. Desculpe senhor ele entoava. Se você vender eu e minha família, você não pode comprar nem mesmo um pneu do seu carro. Desculpe senhor.

O homem **grande/gordo** sentado de costas não saiu, mas o motorista sim, examinando o dano, olhando de canto para a forma esparramada do seu pai como se a súplica fosse como pornografia, uma atuação que ele estava com vergonha de admitir que se divertiu. Por fim ele deixou seu pai ir. O dispensou. As buzinas dos outros carros soavam e os motoristas praguejavam. Quando seu pai voltou para o carro, você se recusou a olhá-lo porque ele estava como os porcos que chafurdavam nos **chiqueiros** ao redor do mercado. Seu pai parecia um *nsi*. Merda.

Depois que você o contou isso, ele apertou os lábios e segurou sua mão e disse que entendia como você se sentia. Você sacudiu e tirou sua mão; de repente irritada, porque ele pensava que o mundo era, ou devia ser, cheio de pessoas como ele. Você disse que não havia nada para entender, era apenas o que era.

Ele encontrou uma loja africana nas páginas amarelas do Hartford e te levou lá. Por causa da forma com que ele passeava com familiaridade, inclinando a garrafa de **vinho de palmeira** para ver quanto sedimento tinha, o dono da loja ganense perguntou se ele era africano, como os quenianos e sul-africanos brancos, e ele disse sim, ele estava na América por muito tempo. Ele pareceu satisfeito que o dono da loja tinha acreditado nele. Você cozinhou naquela noite com as coisas que você tinha comprado, e

He didn't eat meat because he thought it was wrong the way they killed animals; he said they released fear toxins into the animals and the fear toxins made people paranoid. **Back home**, the meat pieces you ate, when there was meat, were the size of half your finger . But you did not tell him that. You did not tell him that the *dawadawa* cubes your mother cooked everything with, because curry and thyme were too expensive, had **MSG**, were MSG. He said MSG caused cancer, it was the reason he liked Chang's Chang didn't cook with MSG.

Once, at Chang's, he told the waiter he had recently visited Shanghai, that he spoke some Mandarin. The waiter warmed up and told him what soup was best and then asked him. "You have girlfriend in Shanghai now? And he smiled and said nothing.

You lost your appetite, the region deep in your chest **felt** clogged. That night, you didn't moan when he was inside you, you bit your lips and pretended that you didn't come because you knew he would worry. Later you told him why you were upset, that even though you went to Chang's so often together, even though you had kissed just before the menus came, the Chinese man had assumed you could not possibly be his girlfriend, and he smiled and said nothing. Before he apologized, he gazed at you blankly and you knew that he did not understand.

He bought you presents and when you objected about the cost, he said his grandfather in Boston had been wealthy but hastily added that the old man had given a lot away and so the trust fund he had wasn't huge. His presents mystified you.

A fist-size glass ball that you shook to watch a

depois que ele comeu a sopa de *garri* e *onugbu*, ele vomitou na sua pia. Você não ligou, no entanto, porque agora você poderia cozinhar sopa de *onugbu* com carne.

Ele não comeu carne porque ele pensava que era errada a forma com que eles matavam os animais; ele disse que eles liberavam toxinas do medo nos animais essas faziam as pessoas paranóicas. **Na minha terra**, os pedaços de carne que você comia, quando havia carne, eram do tamanho da metade do seu dedo. Mas você não contou isso para ele. Você não contou para ele que sua mãe cozinhava os cubos de *dawadawa* com tudo, porque curry e tomilho eram muito caros, tinham **GMS**, eram esses. Ele disse GMS causava câncer, essa era a razão pela qual ele gostava do Chang, ele não cozinhava com GMS.(*Glutamato Monossódico*)

Uma vez, no Chang, ele contou para o garçom que ele tinha visitado Changai recentemente, e que ele falava um pouco de mandarim. O garçom se preparou e disse qual era a melhor sopa então o perguntou “ Você tem uma namorada em Changai agora? E ele sorriu e não disse nada.

Você perdeu o seu apetite, a região no fundo do seu peito **estava/ sentia-se** obstruída. Naquela noite, você não gemeu quando ele estava dentro de você, você mordeu seus lábios e fingiu que não gozou porque você sabia ele se preocuparia. Depois você contou para ele porque você estava chateada, que embora vocês iam juntos ao Chang frequentemente, embora vocês tinham se beijado justo antes de que os cardápios viessem, o homem chinês supôs que você possivelmente não poderia ser a namorada dele, e ele sorriu e não disse nada. Antes que ele se desculpasse, ele olhou para você vagamente e você sabia que ele não entendeu.

Ele comprou presentes para você e quando você

tiny, shapely doll in pink spin around. A shiny rock whose surface took on the color of whatever touched it. An expensive scarf hand-painted in Mexico. Finally you told him, your voice **stretched in irony**, that in your life presents were always useful. The rock, for instance, would work if you could grind things with it. He laughed long and hard but you did not laugh. You realized that in his life, he could buy presents that were just presents and nothing else, nothing useful. When he started to buy you shoes and clothes and books, you asked him not to, you didn't want any presents at all. He bought them anyway and you kept them for your cousins and uncles and aunts, for when you would one day be able to visit home, even though you did not know how you could ever afford a ticket *and* your rent. He said he really wanted to see Nigeria and he could pay for you both to go. You did not want him to go to Nigeria, to add it to the list of countries where he went to gawk at the lives of poor people who could never gawk back at *his* life. You told him this on a sunny day, when he took you to see **Long Island Sound**, and the two of you argued, your voices raised as you walked along the calm water.

He said you were wrong to call him self-righteous. You said he was wrong to call only the poor Indians in Bombay the real Indians. Did it mean he wasn't a real American, since he was not like the poor fat people you and he had seen in Hartford ? He hurried ahead of you, his upper body bare **and pal**, his flip-flops raising bits of sand, but then he came back and held out his hand for yours. You made up and made love and ran your hands through each other's hair, his soft and yellow like the swinging tassels of

reclamava por causa do preço, ele disse que o avô dele em Boston tinha sido rico mais rapidamente adicionou que o velho homem tinha doado muito e então o fundo de garantia que ele tinha não era vasto. Os presentes dele deixavam perplexa.

Uma bola de vidro do tamanho de um punho que você sacudia para observar uma pequena, boneca formosa rosada rodar. Uma pedra brilhosa cuja superfície apropriava-se da cor de qualquer coisa que encosta. Um cachecol caro pintado à mão no México. Finalmente você o contou, sua voz **carregada em ironia**, que em sua vida, presentes eram sempre úteis. A pedra, por exemplo, poderia funcionar se você pudesse amolar coisas. Ele sorriu longamente e duramente mas você não sorriu. Você percebeu que na vida dele, ele podia comprar presentes que eram apenas presentes e nada mais, nada útil. Quando ele começou a comprar para você sapatos e roupas e livros, você o pediu para não fazê-lo, você não queria nenhum presente. Ele os comprou mesmo assim e você os guardou para os seus primos e tios e tias, para quando um dia você pudesse visitar sua terra, apesar de que você não sabia como poderia conseguir pagar uma passagem e seu aluguel alguma vez. Ele disse que realmente queria ver a Nigéria e que ele poderia pagar para vocês irem. Você não queria que ele fosse à Nigéria, para adicionar isso a lista de países onde ele foi para olhar estupidamente as vidas das pessoas pobres que nunca poderiam encarar de volta a vida *dele*. Você o contou isso em um dia ensolarado, quando ele te levou para ver o **Estuário de Long Island**, e vocês dois brigaram, as suas vozes se elevaram enquanto vocês passeavam no mar calmo.

Ele disse que você estava errada de chamá-lo de presunçoso. Você disse que ele estava errado de chamar apenas os indianos pobres em Bombaim de indianos verdadeiros. Isso significava que ele não era um americano verdadeiro, uma vez que

growing corn, yours dark and bouncy like the filling of a pillow. He had got too much sun and his skin turned the color of a ripe watermelon and you kissed his back before you rubbed lotion on it.

The thing that wrapped itself around your neck, that nearly choked you before you fell asleep, started to loosen, to let go.

You knew by people's reactions that you two were abnormal – the way the nasty ones were too nasty and the nice ones too nice. The old white men and women who muttered and glared at him, the black men who shook their heads at you, the black women whose pitying eyes bemoaned your lack of self-esteem, your self – loathing. Or the black women who smiled swift solidarity smiles; the black men who tried too hard to forgive you, saying a too-obvious hi to him; the white men and women who said "what a good-looking pair" to brightly, too loudly, as though to prove their own **open-mindedness** to themselves.

But his parents were different; they almost made you think it was all normal. His mother told you that he had never brought a girl to meet them, except for his high school prom date, and he grinned stiffly and held your hand. The tablecloth shielded your clasped hands. He squeezed your hand and you squeezed back and wondered why he was so **stiff**, why his extra-virgin-olive-oil-colored eyes darkened as he spoke to his parents. His mother was delighted when she asked if you'd read **Nawal el Saadawi** and you said yes. His father asked how similar Indian food was to Nigerian food and **teased** you about paying when the check came. You looked at them and felt grateful that they did not examine you like an exotic trophy, an ivory

ele não era como as pessoas gordas e pobres que você tinha visto em Hartford? Ele passou na sua frente, com a parte de cima nua, seus chinelos levantando uns bocados de areia, mas depois ele voltou e estendeu a mão dele para a sua. Vocês fizeram as pazes e fizeram amor e passaram suas mãos nos cabelos um do outro, o dele macio e amarelo como as franjas oscilantes do milho em cultivo, os seus escuros e elásticos como o enchimento de um travesseiro. Ele tomou muito sol e a sua pele ficou da cor de uma melancia madura e você beijou as costas dele antes que você passasse a loção.

A coisa que se enrolou em volta do seu pescoço, que quase te estrangulou antes que você adormecesse começou a afrouxar, a sair.

Você sabia pela reação das pessoas que vocês dois era anormais – a o jeito dos maus era muito maldosa e o jeito dos bons era boa demais. Os homens e mulheres brancos e velhos que resmungavam e o encaravam, os homens negros que balançavam suas cabeças para você, as mulheres negras cujos olhos de pena lamentavam a sua falta de autoestima, a sua auto aversão. Ou as mulheres negras que sorriam ligeiramente sorrisos solidários; os homens negros que tentavam dificilmente te perdoar, dizendo um oi muito óbvio para ele; os homens e mulheres brancos que diziam “que casal bonito” muito claramente, altamente, como se para provar a sua própria **receptividade** a si mesmos.

Mas os pais dele eram diferentes; eles quase te fizeram achar que tudo era normal. A mãe dele te contou que ele nunca trouxe uma garota para conhecê-los, exceto o par do baile de formatura, e ele sorriu forçadamente e segurou a sua mão. A toalha de mesa cobriu as suas mãos apertadas. Ele apertou a sua mão e você apertou de volta e se perguntou porque ele estava tão **tenso**, por que os olhos dele de cor de azeite de oliva extravirgem escureceram enquanto ele falava com seus pais. A mãe dele estava

tusk.

Afterwards, he told you about his issues with his parents, how they portioned out love like a birthday cake, how they would give him a bigger slice if only he'd agree to go to law school. You wanted to sympathize. But instead you were angry.

You were angrier when he told you he had refused to go up to Canada with them for a week or two, to their summer cottage in the Quebec countryside. They had even asked him to bring you. He showed you pictures of the cottage and you wondered why it was called a cottage because the buildings that big around your neighborhood back home were banks and churches. You dropped a glass and it shattered on the hardwood of his apartment floor and he asked what was wrong and you said nothing, although you thought a lot was wrong. Later, in the shower, you started to cry. You watched the water dilute your tears and you didn't know why you were crying.

You wrote home finally. A short letter to your parents, slipped in between the crisp dollar bills, and you included your address. You got a reply only days later, by courier. Your mother wrote the letter herself; you knew from the spidery penmanship, from the misspelled words.

Your father was dead; he had **slumped** over the steering wheel of his company car. Five months now, she wrote. They had used some of the money you sent to give him a good funeral: they killed a goat for the guests and buried him in a good coffin. You curled up in bed, pressed your knees to your chest, and tried to remember what you had been doing when your father died,

satisfeita quando ela perguntou se você tinha lido **Nawal el Saadawi** e você disse sim. O pai dele perguntou quão parecida a comida indiana era com a nigeriana e **te provocou** sobre pagar quando a conta chegasse. Você os olhou e se sentiu agradecida que eles não te examinaram como um troféu exótico, uma presa de elefante.

Mais tarde, ele te contou sobre os problemas com os pais, como eles repartiam o amor como um bolo de aniversário, como eles o dariam o maior pedaço se ele aceitasse is para a faculdade de direito. Você queria simpatizar. Mas pelo contrário você estava com raiva.

Você ficou com mais raiva quando ele te contou que ele tinha se recusado a ir ao Canadá com eles por uma semana ou duas, para o chalé de verão que eles possuíam na região rural do Quebec. Eles tinham até pedido ele para trazer você. Ele te mostrou fotos da casa de campo e você se perguntou por que o era assim chamado porque os prédios tão grandes ao redor da sua vizinhança na sua terra eram bancos e igrejas. Você deixou o copo cair e se despedaçou no piso de madeira do apartamento dele e ele perguntou o que havia de errado e você não disse nada, embora você achava que muita coisa estava errada. Depois, no banho, você começou a chorar. Você observou a água diluir as suas lágrimas e você não sabia o porquê você estava chorando.

Você escreveu para casa finalmente. Uma carta pequena para os seus pais, colocada discretamente entre as **novas/ frescas** notas de dólares, e você colocou o seu endereço. Você teve resposta apenas dias depois, por correio. Sua mãe mesmo escreveu a carta, você sabia pela caligrafia emaranhada, pelas palavras erradas.

Seu pai estava morto; **bateu/caiu bruscamente**

what you had been doing for all the months when he was already dead. Perhaps your father died on the day your whole body had been covered in goosebumps, hard as uncooked rice, that you could not explain, Juan teasing you about taking over from the chef so that the heat in the kitchen would warm you up . Perhaps your father died on one of the days you took a drive to **Mystic** or watched a play in Manchester or had dinner at Chang's.

He held you while you cried, smoothed your hair, and offered to buy your ticket, to go with you to see your family. You said no, you needed to go alone. He asked if you would come back and you reminded him that you had a green card and you would lose it if you did not come back in one year. He said you knew what he meant, would you come back, come back?

You turned away and said nothing, and when he drove you to the airport, you hugged him tight for a long, long moment, and then you let **go**.

sobre o volante do carro da empresa. Cinco meses agora, ela escreveu. Eles tinham usado um pouco do dinheiro que você enviou para dar a ele um bom funeral: eles mataram um bode para os convidados e o enterraram em um bom caixão. Você se enrolou na cama, apertou seus joelhos no seu peito, e tentou lembrar o que você estava fazendo quando o seu pai morreu, o que você estava fazendo por todos os meses em que ele já estava morto. Talvez seu pai morreu no dia em que todo o seu corpo **estava arrepiado**, duro como arroz cru, que você não podia explicar, Juan provocando você **assumir a posição de cozinheira** para que o calor da cozinha pudesse te aquecer. Talvez o seu pai morreu em um daqueles dias que você dirigiu até o **Místico** ou assistiu um jogo em Manchester ou jantou no Chang.

Ele te segurou enquanto você chorava, alisou/acariciou seu cabelo, e se ofereceu para comprar a sua passagem para ir com você e ver a sua família. Você disse não, você precisava ir sozinha. Ele perguntou se você voltaria e você o relembrou que você tinha a carta verde e você a perderia se não voltasse em um ano. Ele disse que você sabia o que ele queria dizer, você voltaria, voltaria?

Você desviou o olhar e não disse nada, e quando ele te deixou no aeroporto, você o abraçou apertado por um longo, longo momento, e então **você se foi/ deixou ir/ abandonou**.

ANEXO D

2º VERSÃO DE TRADUÇÃO - *THE THING AROUND YOUR NECK*

You **thought** everybody in America had a car and a gun; your uncles and aunts and cousins thought so, too. Right after you won the American visa lottery, they **told you**: In a month, you will have a big car. Soon, a big **house**. But don't buy a gun like those Americans.

They **trooped into** the room in Lagos where you lived with your father **and** mother **and** three siblings, leaning against the unpainted walls because there weren't enough chairs to go round, to say goodbye **in loud voices** and tell you with **lowered voices** what they wanted you to send them. In comparison to the big car and house (possibly gun), the things they wanted were minor-handbags and shoes and perfumes and clothes. You said okay, no problem.

Your uncle in America, who had put in the names of all your family members for the American visa lottery, said you could live with him until you got on your feet. He picked you up at the airport and bought you a **big** hot dog with yellow mustard that nauseated you. Introduction to America, he said with a laugh. He lived in a small white town in Maine, in a thirty – year-old house by a lake. He told you that the company he **worked for** had offered him a few thousand more than the **average salary** plus **stock options** because they were desperately trying to look diverse. They included a photo of him in every brochure, even those that had nothing to do with his unit. He laughed and said the job was good, was worth living in an all white town even though his wife

Você **pensava** que todo mundo na América tivesse um carro e uma arma; seus tios e tias e primos pensaram assim também. Logo depois que você ganhou a loteria do visto americano, eles te **disseram**: Em um mês você terá um grande carro. E logo, uma **grande** casa, mas não compre uma arma como **esses** Americanos.

Eles **irromperam** no **cômodo** em Lagos onde você vivia com **seu** pai **e** **sua** mãe **e** **seus** três irmãos, encostando contra as paredes não pintadas porque não havia cadeiras suficientes para fazer um círculo, para dizer adeus com **altas** vozes e te contar com **baixas vozes** o que eles queriam que você os enviasse. Em comparação com o grande carro e casa (e possivelmente arma), as coisas que eles queriam eram pequenas bolsas **e** sapatos **e** perfumes **e** roupas. Você disse **tudo bem**, sem problema.

Seu tio na América, que tinha colocado os nomes de todos os membros de sua família para a loteria do visto americano, disse que você podia viver com ele até que você se estabelecesse. Ele te buscou no aeroporto e comprou para você um **grande cachorro quente** com mostarda amarela que te enjoou. Introdução à América, ele disse com uma risada. Ele morava em uma pequena cidade de **brancos** em Maine, em uma casa de trinta anos perto de um lago. Ele te contou que a empresa que ele **trabalhava tinha oferecido a ele** uns poucos mil a mais que a **média salarial** mais **opções sobre compra de ações** porque eles estavam tentando desesperadamente parecer diverso. Eles incluíram uma foto dele em cada panfleto, até mesmo naqueles que não tinham nada a ver com unidade dele. Ele riu e disse que o emprego era bom, valia à pena viver em uma cidade toda de brancos apesar de sua mulher ter que dirigir uma hora para encontrar um salão de

had to drive an hour to find a hair salon that did **black hair**. The trick was to understand America, to know that America was **give-and-take**. You gave up a lot but you gained a lot, too.

He showed you how to apply for a cashier job in the gas station on **Main Street** and he enrolled you in a community college, where the girls had thick thighs and wore bright-red nail polish, and self-tanner that made them look orange. They asked where you learned to speak English and if you had **real houses** back in Africa and if you'd seen a car before you came to America. They **gawped** at your hair. Does it stand up or fall down when you take the braids? They wanted to know. All of it stands up? How? Why? Do you use a comb? You smiled tightly when they asked those questions. Your uncle **told** you to **expect it**; a mixture of ignorance and arrogance, he called it. Then he told you how the neighbors said, a few months after he moved into his house, that the squirrels had started to disappear. They had heard that Africans ate all kinds of wild animals.

You laughed with your uncle and you felt at home in his house; his wife called you **nwanne**, sister, and his two school-age children called you Aunty. They spoke Igbo and ate **garri** lunch and **it was like home**. Until your uncle came into the cramped basement where you slept with old boxes and **cartons** and pulled you forcefully to him, squeezing your buttocks, moaning. He wasn't really your uncle ; he was actually a brother of your father's sister's husband, not related by blood. After you pushed him away, he sat on your bed- it was his house, after all-

beleza que arrumasse **cabelos de negro**. O jeito era entender a América, saber que América era **toma lá dá cá**. Você desistia de muita coisa, mas conquistava muita coisa também.

Ele te mostrou como candidatar-se para um emprego de caixa no posto de gasolina na **Main Street** e ele te matriculou na faculdade comunitária, onde as meninas tinham coxas grossas e usavam um esmalte para as unhas vermelho vivo, e autobronzeador que as faziam parecer alaranjadas. Elas perguntaram onde você aprendeu a falar inglês e se você tinha casas **de verdade** na África e se você tinha visto um carro antes de ter ido para a América. Elas **ficavam boquiabertas** com seu cabelo. Levanta ou cai quando você tira as tranças? Elas queriam saber. Ele levanta todo? Como? Por que? Você usa um pente? Você sorria firmemente quando elas faziam aquelas perguntas. Seu tio te disse para **esperar por isso**, uma mistura de ignorância e arrogância ele chamava. Então ele te contou **como** os vizinhos disseram, poucos meses depois que ele mudou para esta casa, que os esquilos tinham começado a desaparecer. Eles tinham ouvido que os Africanos comiam todos os tipos de animais selvagens.

Você riu com o seu tio e você se sentiu a vontade na casa **dele**; a mulher **dele** te chamava de **nwanne**, irmã, e as suas duas crianças em idade escolar te chamavam de titia. Eles falavam em Igbo e comiam o almoço de **garri** e parecia **sua casa**. Até que o seu tio entrou no porão abarrotado onde você dormia com caixas e **caixotes** velhos e puxou você forçosamente para ele, apertando suas nádegas, gemendo. Ele não era o seu tio **de fato**; ele era, na verdade, um irmão do pai do marido da sua irmã, não relacionado por sangue. Depois que você o **rejeitou**, ele sentou na sua cama- era a casa dele, afinal'- e sorriu e disse que você não era mais uma criança com vinte e dois **anos**. Se você deixasse, ele poderia fazer muitas coisas por você. Mulheres inteligentes faziam isso o

and smiled and said you were no longer a child at twenty – two. If you let him, he would do many things for you. Smart women did it all the time. How did you think those women back home in Lagos with well-paying jobs made it? Even women in New York City?

You locked yourself in the bathroom until he went back upstairs, and the next morning, you left, walking the long windy road, **smelling the baby fish in the lake**. You saw him drive past – he had always **dropped you off** at **Main Street** – and he didn't honk. You wondered what he would tell his wife, why you had left. And you remembered what he said, that America was give- and- take.

You ended up in Connecticut, in another little town, because it was the last stop of the **Greyhound** bus you got on. You walked into the restaurant with the bright, clean awning and said you would work for two dollars less than the other waitresses. The manager, Juan, had **inky-black** hair and smiled to show a gold tooth. He said he had never had a Nigerian employee but all immigrants worked hard. He knew, he'd been there. He'd pay you a dollar less, but under the table; he didn't like all the taxes they were making him pay.

You could not afford to go to school, because now you paid rent for the tiny room with the stained carpet. Besides, the small Connecticut town didn't have a community college and credits at the state university cost too much. So you went to the public library, you looked up course syllabi on school Web sites and read some of the books.

Sometimes you sat on the lumpy mattress of your twin bed and thought **about home** – your aunts who hawked dried fish and plantains,

tempo todo. Como você pensa que aquelas mulheres na sua terra com empregos bem remunerados **faziam**? Até mesmo mulheres em Nova York?

Você se trancou no banheiro até que ele **voltasse** para o andar de cima, e na manhã seguinte, você foi embora, andando a longa e vazia estrada, **sentindo o cheiro de peixe no lago**. Você o viu passar, ele sempre tinha te deixado na **Main Street** – e ele não buzinou. Você se perguntou o que ele contaria a sua esposa, por que você tinha indo embora. E você se lembrou do que ele disse, que América era **toma lá dá cá**.

Você acabou em Connecticut, em outra cidade pequena, porque era a última parada do ônibus da **Greyhound** que você subiu. Você entrou no restaurante **que possuía** o toldo brilhante e limpo e disse que você trabalharia por dois dólares a menos que as outras garçonetes. O gerente, Juan, tinha o cabelo **preto retinto** e sorriu para mostrar o dente de ouro. Ele disse que nunca tinha tido uma empregada nigeriana, mas que todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia que se estivesse lá ele pagaria você um dólar a menos, mas por debaixo da mesa; ele não gostava de todas as taxas que eles o estavam fazendo pagar.

Você não podia pagar para ir à escola porque agora você pagava aluguel pelo quarto minúsculo com o tapete manchado. Além disso, a pequena cidade de Connecticut não tinha uma faculdade comunitária e os créditos na universidade estadual custam muito mais. Então você foi para a biblioteca pública, você **olhou** a ementa do curso nos web sites da **faculdade** e leu alguns dos livros.

Às vezes você sentava no colchão irregular das suas **duas** camas de solteiro e pensava sobre **sua casa** – suas tias que vendiam peixe seco e bananas da terra, **bajulando** os clientes para comprar e depois gritando insultos quando eles

cajoling customers to buy and then shouting insults when they didn't; your uncles who drank local gin and crammed their families and lives into single rooms; your friends who had come out to say goodbye before you left, to rejoice because you won the American visa lottery, to confess their envy; your parents who often held hands as they walked to church on Sunday mornings, the neighbors from the next room laughing and teasing them; your father who brought back his boss's old newspapers from work and made your brothers read them; your mother whose salary was barely enough to pay your brothers' school fees at the secondary school where teachers gave an A when someone **slipped them** a brown envelope.

You had never needed to pay for an A, never slipped a brown envelope to a teacher in secondary school. Still, you chose long brown envelopes to send half of your month's earnings to your parents at the address of the **parastatal** where your mother was a cleaner; you always used the dollar notes that Juan gave you because those were crisp, unlike the tips. Every month. You wrapped the money carefully in white paper but you didn't write a letter. There was nothing to write about.

In later weeks, though, you wanted to write because you had stories to tell. You wanted to write about the surprising openness of people in America, how eagerly they told you about their mother fighting cancer, about their sister –in-law's preemie, the kinds of things that one should hide or should reveal only to the family members who **wished** them well. You wanted to write about **the way** people left so much food on their plates and crumpled a few dollar bills down, as though it was an offering, expiation for the wasted food. You wanted to write about the child who started to cry and pull at her blond hair and push the menus off the table and instead of the parents making her shut up, they

não compravam; seus tios que bebiam gim e amontoavam suas famílias e suas vidas dentro de quartos de solteiro; seus amigos que tinham vindo para dizer **adeus** antes de você ir embora, para se regozijar porque você ganhou a loteria do visto americano, para confessar que a invejavam; seus pais que geralmente se davam as mãos enquanto **caminhavam** para a igreja nas manhãs de domingo, os vizinhos da casa do lado sorrindo e os provocando; seu pai que trouxe **novamente**, do trabalho, os jornais velhos do seu chefe e fez os seus irmãos os leem; sua mãe cujo salário mal era suficiente para pagar as taxas da escola dos seus irmãos no ensino médio onde os professores davam um **A** quando alguém **empurrava** um envelope marrom **para eles**.

Você nunca precisou pagar por um **A**, nunca empurrou um envelope marrom para o professor no ensino médio. Ainda assim, você escolhe longos envelopes marrons pra enviar metade do seu salário mensal para seus pais no endereço da **Paraestatal** onde sua mãe era uma **faxineira**; você sempre usou as notas em dólar que o Juan te dava porque aquelas eram **novas**, diferente das gorjetas. Todo mês. Você embrulhava o dinheiro cuidadosamente em um papel branco mas você não escrevia uma carta. Não havia nada para escrever.

Nas semanas posteriores, no entanto, você queria escrever porque você tinha histórias para contar. Você queria escrever sobre a surpreendente abertura das pessoas na América, o quão euforicamente eles te falavam sobre suas mães lutando contra o câncer, sobre o filho prematuro da sua cunhada, os tipos de coisas que uma pessoa deveria esconder ou revelar apenas para os membros da família que os **desejasse** o bem. Você queria escrever sobre **a maneira com** que as pessoas deixavam tanta comida em seus pratos e amassavam a conta de poucos dólares, como se isso fosse uma oferta, expiação pela comida desperdiçada. Você queria escrever sobre a criança que começou a chorar e puxar seu cabelo **loiro** e derrubar os

pleaded with her, a child of perhaps five years old, and then they all got up and left. You wanted to write about the rich people who wore shabby clothes and tattered sneakers, who looked like the night watchmen in front of the large **compounds** in Lagos. You wanted to write about that rich Americans were thin and poor Americans were fat and that many did not have a big house and car; you still were not sure about the guns, though, because the might like have them inside their pockets.

It wasn't just to your parents you wanted to write, it was also to your friends, and cousins and aunts and uncles. But you could never afford enough perfumes and clothes and handbags and shoes to go around and still pay your rent on what you earned at the **waitressing job**, so you wrote nobody.

Nobody knew where you were, because you told no one. Sometimes you felt invisible and tried to walk through your room wall into the hallway, and when you bumped into the wall, it left bruises on your arms. Once, Juan asked if you had a man that hit you because he **would take care of him** and you laughed a mysterious laugh.

At night, something would wrap itself around your neck, something that very nearly **choked** you before you fell asleep.

Many people at the restaurant asked when you had come from Jamaica, because they thought that every black person with a foreign **accent** was Jamaican. Or some who **guessed** that you were African told you that they loved elephants and wanted to go on a safari.

cardápios da mesa, e ao invés dos pais fazerem ela calar a boca, eles a suplicaram, uma criança de talvez cinco anos de idade, e então todos eles levantaram e foram embora. Você queria escrever sobre as pessoas ricas que vestiam roupas maltrapilhas e tênis esfarrapados, que pareciam os guardas-noturnos dos grandes **complexos** em Lagos. Você queria escrever que os americanos ricos eram magros e americanos pobres eram gordos e que muitos não tinham uma **grande** casa e carro; no entanto, você ainda não tinha certeza sobre as armas porque provavelmente as teria dentro de suas bolsas.

Não era apenas para os seus pais que você queria escrever, era também para os seus amigos, e primos e tias e tios. Mas você nunca poderia **pagar** perfumes e roupas e bolsas e sapatos o suficiente para dar uma volta e ainda pagar o seu aluguel com o que você ganhou no **emprego de garçõete**, então você não escreveu para ninguém.

Ninguém sabia onde você estava, porque você não contou para ninguém. As vezes você se sentia invisível e tentava atravessar a parede do seu quarto **no** corredor, e quando você dava de cara com a parede, deixava arranhões nos seus braços. Uma vez, Juan perguntou se você tinha um homem que te **batia** porque ele **daria um jeito nele** e você sorriu com uma risada misteriosa.

De noite, alguma coisa poderia se enrolar no seu pescoço, alguma coisa que quase te **asfixiasse** antes de você adormecer.

Muitas pessoas no restaurante perguntavam se você tinha vindo da Jamaica, porque elas pensavam que toda pessoa negra com um **sotaque** estrangeiro era Jamaicana. Ou algumas que **adivinhavam** que você era africana te contavam que elas amavam elefantes e queriam ir em um safári.

So when he asked you, in the dimness of the restaurant after you recited the daily specials, what African country you **were** from, you said Nigeria and expected him to say that he had donated money to fight AIDS in Botswana. But he asked if you were Yoruba or Igbo, because you didn't have a **Fulani** face. You were surprised – you thought he must be a professor of anthropology at the state university, a little young in his late twenties **or so**, but who was to say? Igbo you said. He asked your name and said **Akunna** was pretty. He did not ask what it meant, fortunately, because you were sick of how people said, " ' Father's Wealth'? You mean, like, your father will actually sell you to a husband?"

He told you he had been to Ghana and Uganda and Tanzania, **loved** the poetry of Okot p' Bitek and the novels of Amos Tutuola and had read a lot about sub-Saharan African countries, their histories, their complexities. You wanted to feel disdain, to show it as you brought his order, because white people who liked Africa too much and those who liked Africa too little were the same- condescending. But he didn't shake his head in the superior way that Professor Cobbledick **back** in the Maine community college did during a class discussion on decolonization in Africa. He didn't have that expression of Professor Cobbledick's, that expression of a person who **thought** himself better than the people he knew about. He came in the next day and sat at the same table and when you asked if the chicken was okay, he asked if you had grown up in Lagos. He **came in** the third day and began talking before he ordered, about how he had visited Bombay and now wanted to visit Lagos, to see how real people lived, like in the shantytowns, because

Por isso quando ele te perguntou, na obscuridade do restaurante depois que você recitou os pratos do dia, de que país da África você **era**, você disse Nigéria e esperou ele dizer que ele tinha doado dinheiro para lutar contra a AIDS no Botsuana. Mas ele perguntou se você era Iorubá ou Igbo porque você não tinha cara de **Fulani**. Você estava surpresa – você pensou que ele deve ser um professor de antropologia na universidade estadual, um pouco jovem em seus vinte e poucos anos ou **algo assim**, mas quem diria? Igbo você disse. Ele perguntou o seu nome e disse que **Akunna** era lindo. Ele não perguntou o que significava, felizmente, porque você estava cansada de como as pessoas diziam “A riqueza do pai? Você quer dizer, tipo, seu pai vai na verdade te vender para um marido?”

Ele te contou que ele tinha ido para Gana e Uganda e Tanzânia, **amou** a poesia de Okot p' Bitek e os romances de Amos Tutuola e tinha lido muito sobre os países da África subsaariana, suas histórias, suas complexidades. Você queria sentir desdém, mostrar isso enquanto você trouxesse o pedido dele porque pessoas brancas que gostavam muito da África e aqueles que gostavam muito pouco da África eram **os mesmos** – condescendentes. Mas ele não sacudiu a cabeça do jeito superior que o professor Cobbledick fazia **lá** na faculdade comunitária de Maine durante um debate em sala sobre a descolonização na África. Ele não tinha aquela expressão do professor Cobbledick, aquela expressão de uma pessoa que **se achava** melhor do que as pessoas que ele conhecia. Ele veio no outro dia e sentou na mesma mesa e quando você perguntou se o frango estava bom, ele perguntou se você tinha crescido em Lagos. Ele **chegou** no terceiro dia e começou a falar antes de fazer o pedido, sobre como ele tinha visitado Bombaim e agora queria visitar Lagos, para ver como as pessoas viviam de verdade, como nas favelas, porque ele nunca fez nenhuma dessas loucuras **nessa coisa** de turista quando ele estava fora. Ele falou, falou e você

he never did any of the silly tourist stuff when he was abroad. He talked and talked and you had to *tell* him it was against restaurant policy. He brushed your hand when you set the glass of water down. The fourth day, when you saw him arrive, you told Juan you didn't want that table anymore. After your shift that night, he was waiting outside, earphones stuck in his ears, asking you to go out with him because your name rhymed with *hakuna matata* and *The Lion King* was the only maudlin movie he'd ever liked. You didn't know what the *Lion King* was. You looked at him in the bright light and noticed that his eyes were the **color of extra - virgin olive oil**, a greenish gold. Extra-virgin olive oil was the only thing you loved, truly loved, in America.

He was a senior at the state university. He told you how old he was and you asked why he had not graduated yet. This was America, after, all, it was not like **back home**, where universities closed so often that people added three years to their normal course of study and lectures went on strike after strike and still were not paid. He said he had taken a couple of years off to discover himself and travel, mostly to Africa and Asia. You asked him where he ended up finding himself and he laughed. You did not laugh. You did not know that people could simply choose not to go to school, that people could dictate to life. You were used to accepting what life gave, writing down what life dictated.

You said no the following four days to going out with him, because you were uncomfortable with the way he looked at your face, that intense, consuming way he looked at your face that made you say goodbye to him but also made you reluctant to walk away. And then, the

teve que *dizer* para ele que era contra a política do restaurante. Ele acariciou a sua mão quando você colocou o copo de água na mesa. No quarto dia, quando você o viu chegar, você disse a Juan que não queria aquela mesa mais. Após o seu turno aquela noite, ele estava esperando lá fora, fones enfiados nos ouvidos, pedindo para você sair com ele porque o seu nome rimava com *hakuna matata* e *O Rei Leão* era o único filme piegas que ele já gostou. Você não sabia o que o *Rei Leão* era. Você olhou para ele na luz forte e notou que os olhos dele eram **da cor do azeite de oliva extravirgem**, um esverdeado dourado. O azeite de oliva extravirgem era a única coisa que você amou, realmente amou, na América.

Ele era um veterano na universidade estadual. Ele te contou quantos anos ele tinha e você o perguntou porque ele ainda não tinha graduado. Esta era América, afinal de contas, não era como **na sua terra**, onde as universidades fechavam tantas vezes que as pessoas adicionavam três anos ao curso normal de estudos e palestras que iam greve após greve e ainda assim não eram pagos. Ele disse que tinha ido embora por uns anos para se descobrir e viajar, principalmente para a África e Ásia. Você o perguntou onde ele terminava de se descobrir e ele sorriu. Você não sorriu. Você não sabia que as pessoas podiam simplesmente escolher não ir à escola, que as pessoas podiam ditar à vida. Você estava habituada a aceitar o que a vida te dava, tomar nota do que a vida ditava.

Você disse não nos quatro dias seguintes porque você estava desconfortável com a forma que ele olhava para o seu rosto, aquele jeito intenso e consumidor que ele olhava para o seu rosto aquilo te fazia dizer adeus para ele mas também te fazia relutante **ao** ir embora. E então, na quinta noite, você ficou apavorada quando ele

fifth night, you panicked when he was not standing at the door after your shift. You prayed for the first time in a long time and when he came up behind you and said hey, you said yes, you would go out with him, even before he asked. You were scared he would not ask again.

The next day, he took you to dinner at Chang's and your fortune cookie had two strips of paper. Both of them were blank.

You knew you had become comfortable when you told him that you watched *Jeopardy* on the restaurant TV and that you **rooted for** the following, in this order: women of color, black men, and white women, before, finally, white men-which meant you never rooted for white men. He laughed and told you he was used to not being rooted for, his mother taught **women's studies**.

And you knew you had become close when you told him that your father was really not a schoolteacher in Lagos, that he was a junior driver for a construction company. And you told him about that day in Lagos traffic in the **rickety** Peugeot 504 your father drove; it was raining and your seat was wet because of the **rust-eaten** hole in the roof. The traffic was heavy, the traffic was always heavy in Lagos, and when it rained it was chaos.

The roads became muddy ponds and cars got stuck and some of your cousins went out and made some money pushing the cars out. The rain, the **swampiness**, you thought, made your father step on the brakes too late that day . You heard the bump before you felt it. The car your father rammed into was **wide foreign**, and dark green, with golden headlights like the eyes of a leopard. Your father started to cry and beg even

não estava de pé na porta depois do seu turno. Você orou pela primeira vez em muito tempo e quando ele apareceu atrás de você e disse oi, você disse sim, você sairia com ele, antes mesmo que ele perguntasse. Você estava com medo que ele não te perguntasse novamente.

No outro dia, ele te levou para jantar no Chang e o seu biscoito da sorte tinha duas tiras de papel. Ambas estavam em branco.

Você sabia que tinha ficado confortável quando você o contou que você assistia *Jeopardy* na TV do restaurante e que você **apoiava** o seguinte, nesta ordem: mulheres de cor, homens negros, e mulheres brancas, antes e finalmente, homens brancos o que significava que você nunca apoiou homens brancos. Ele sorriu e te contou que ele estava acostumado a não ser apoiado, sua mãe ensinava **Estudos da Mulher**.

E você sabia que vocês tinham ficado mais próximos quando você o contou que seu pai não era realmente um professor em Lagos, que ele era um motorista primário em uma empresa de construção. E você contou para ele sobre aquele dia no trânsito de Lagos em um Peugeot 504 **enferrujado** que o seu pai dirigia, estava chovendo e o seu assento estava molhado por causa do buraco carcomido de ferrugem no teto. O tráfego estava pesado, era sempre pesado em Lagos, e quando chovia era um caos.

As estradas viravam poças lamacentas e os carros ficavam emperrados e alguns dos seus primos saíam e ganhavam algum dinheiro empurrando os carros para fora. A chuva, o **lamaçal**, você pensava, fazia o seu pai pisar nos freios tardiamente naquele dia. Você ouviu a batida antes de senti-la. O carro que o seu pai bateu era **importado**, e verde-escuro, com faróis dianteiros dourados como os olhos de um leopardo. Seu pai começou a chorar e implorar antes mesmo de ter saído do carro e se deitou

before he got out of the car and laid himself flat on the road, causing much **blowing of horns**. Sorry sir, sorry sir, he chanted. If you sell me and my family, you cannot buy even one tire on your car. Sorry sir.

The **Big Man** seated at the back did not come out, but his driver did, examining the damage, looking at your father's sprawled form from the corner of his eyes as though the pleading was like pornography, a performance he was ashamed to admit he enjoyed. At last he let your father go. Waved him away. The other cars' horns blew and drivers cursed. When your father came back into the car, you refused to look at him because he was just like the pigs that wallowed in the **marshes** around the market. Your father looked like *nsi*. Shit.

After you told him this, he pursed his lips and held your hand and said he understood how you felt. You shook your hand free; suddenly annoyed, because he thought the world was, or ought to be, full of people like him. You told him there was nothing to understand, it was just the way it was.

He found the African store in the Hartford yellow pages and drove you there. Because of the way he walked around with familiarity, tilting the bottle of **palm wine** to see how much sediment it had, the Ghanaian store owner asked him if he was African, like the white Kenyans or South Africans, and he said yes, but he'd been in America for a long time. He looked pleased that the store owner had believed him. You cooked that evening with the things you had bought, and after he ate *garri* and *onugbu* soup, he threw up in your sink. You didn't mind, though, because now you would be able

estirado na estrada, causando muitas buzinas. Desculpe senhor. Desculpe senhor ele dizia. Se você vender eu e minha família, você não pode comprar nem mesmo um pneu do seu carro. Desculpe senhor.

O **grande** homem sentado de costas não saiu, mas o motorista dele sim, examinando o dano, olhando de canto para a forma esparramada do seu pai como se a súplica fosse como pornografia, uma atuação que ele estava com vergonha de admitir que se divertiu. Por fim ele deixou seu pai ir. O dispensou. As buzinas dos outros carros soavam e os motoristas praguejavam. Quando seu pai voltou para o carro, você se recusou a olhá-lo porque ele estava como os porcos que chafurdavam nos **chiqueiros** ao redor do mercado. Seu pai parecia *nsi*. Merda.

Depois que você o contou isso, ele apertou os lábios e segurou sua mão e disse que entendia como você se sentia. Você sacudiu e tirou sua mão; de repente irritada, porque ele pensava que o mundo era, ou devia ser, cheio de pessoas como ele. Você disse que não havia nada para entender, esse era apenas **o jeito** que era.

Ele encontrou a loja africana nas páginas amarelas do Hartford e te levou lá. Por causa da forma com que ele passeava com familiaridade, inclinando a garrafa de **vinho de palmeira** para ver quanto sedimento tinha, o dono da loja ganense perguntou se ele era africano, como os quenianos e sul-africanos brancos, e ele disse sim, mas que estava na América por muito tempo. Ele pareceu satisfeito que o dono da loja tinha acreditado nele. Você cozinhou naquela noite com as coisas que você tinha comprado, e depois que ele comeu a sopa de *garri* e *onugbu*, ele vomitou na sua pia. Você não ligou, no entanto, porque agora você poderia cozinhar sopa de *onugbu* com carne.

to cook *onugbu* soup with meat.

He didn't eat meat because he thought it was wrong the way they killed animals; he said they released fear toxins into the animals and the fear toxins made people paranoid. **Back home**, the meat pieces you ate, when there was meat, were the size of half your finger. But you did not tell him that. You did not tell him that the *dawadawa* cubes your mother cooked everything with, because curry and thyme were too expensive, had **MSG**, were MSG. He said MSG caused cancer, it was the reason he liked Chang's, Chang didn't cook with MSG.

Once, at Chang's, he told the waiter he had recently visited Shanghai, that he spoke some Mandarin. The waiter warmed up and told him what soup was best and then asked him. "You have girlfriend in Shanghai now? And he smiled and said nothing.

You lost your appetite, the region deep in your chest **felt** clogged. That night, you didn't moan when he was inside you, you bit your lips and pretended that you didn't come because you knew he would worry. Later you told him why you were upset, that even though you went to Chang's so often together, even though you had kissed just before the menus came, the Chinese man had assumed you could not possibly be his girlfriend, and he smiled and said nothing. Before he apologized, he gazed at you blankly and you knew that he did not understand.

He bought you presents and when you objected about the cost, he said his grandfather in Boston had been wealthy but hastily added that the old man had given a lot away and so the trust fund he had wasn't huge. His presents mystified you.

Ele não **comia** carne porque ele pensava que estava errada a forma com que eles matavam os animais; ele disse que eles liberavam toxinas do medo nos animais e essas faziam as pessoas paranoicas. **Na minha terra**, os pedaços de carne que você comia, quando havia carne, eram do tamanho da metade do seu dedo. Mas você não contou isso para ele. Você não contou para ele que sua mãe cozinhava os cubos de *dawadawa* com tudo, porque curry e tomilho eram muito caros, tinham **GMS**, eram **GMS**. Ele disse que GMS causava câncer, essa era a razão pela qual ele gostava do Chang, ele não cozinhava com GMS. (*Glutamato Monossódico*)

Uma vez, no Chang, ele contou para o garçom que ele tinha visitado Changai recentemente, e que ele falava um pouco de mandarim. O garçom se preparou e disse qual era a melhor sopa então o perguntou "Agora, você tem uma namorada em Changai? E ele sorriu e não disse nada.

Você perdeu o seu apetite, a região no fundo do seu peito **estava** obstruída. Naquela noite, você não gemeu quando ele estava dentro de você, você mordeu seus lábios e fingiu que não gozou porque você sabia que ele se preocuparia. Depois você contou para ele porque você estava chateada, que embora vocês **fossem** juntos ao Chang frequentemente, embora vocês **tivessem** se beijado justo antes de que os cardápios viessem, o homem chinês supôs que você possivelmente não poderia ser a namorada dele, e ele sorriu e não disse nada. Antes que ele se desculpasse, ele olhou para você vagamente e você **soube** que ele não entendeu.

Ele **comprou** presentes para você e quando você reclamou do preço, ele disse que o avô dele em Boston tinha sido rico mas rapidamente acrescentou que o velho homem tinha doado muito e então o fundo de garantia que ele tinha não era vasto. Os presentes dele te deixavam perplexa.

A fist-size glass ball that you shook to watch a tiny, shapely doll in pink spin around. A shiny rock whose surface took on the color of whatever touched it. An expensive scarf hand-painted in Mexico. Finally you told him, your voice **stretched in irony**, that in your life presents were always useful. The rock, for instance, would work if you could grind things with it. He laughed long and hard but you did not laugh. You realized that in his life, he could buy presents that were just presents and nothing else, nothing useful. When he started to buy you shoes and clothes and books, you asked him not to, you didn't want any presents at all. He bought them anyway and you kept them for your cousins and uncles and aunts, for when you would one day be able to visit home, even though you did not know how you could ever afford a ticket *and* your rent. He said he really wanted to see Nigeria and he could pay for you both to go. You did not want him to go to Nigeria, to add it to the list of countries where he went to gawk at the lives of poor people who could never gawk back at *his* life. You told him this on a sunny day, when he took you to see **Long Island Sound**, and the two of you argued, your voices **raised** as you walked along the calm water.

He said you were wrong to call him **self-righteous**. You said he was wrong to call only the poor Indians in Bombay the real Indians. Did it mean he wasn't a real American, since he was not like the poor fat people you and he had seen in Hartford? He hurried ahead of you, his upper body bare **and pal**, his flip-flops raising bits of sand, but then he came back and held out his hand for yours. You made up and made love and ran your hands through each other's hair,

Uma bola de vidro do tamanho de um punho que você sacudia para observar uma pequena, formosa boneca rosada **girar**. Uma pedra brilhosa cuja superfície **apropriava** se da cor de qualquer coisa em que **encostava**. Um cachecol caro pintado à mão no México. Finalmente você o contou, sua voz **carregada em ironia**, que em sua vida, presentes eram sempre úteis. A pedra, por exemplo, poderia funcionar se você pudesse amolar coisas. Ele sorriu longamente e duramente mas você não sorriu. Você percebeu que na vida dele, ele podia comprar presentes que eram apenas presentes e nada mais, nada útil. Quando ele começou a comprar para você sapatos e roupas e livros, você o pediu para não fazê-lo, você não queria nenhum presente. Ele os comprou mesmo assim e você os guardou para os seus primos e tios e tias, para quando um dia você pudesse visitar sua terra, apesar de que você não sabia como você poderia conseguir pagar uma passagem e seu aluguel. Ele disse que realmente queria ver a Nigéria e que ele poderia pagar para vocês irem. Você não queria que ele fosse à Nigéria, para **acrescentar** isso a lista de países onde ele foi para olhar estupidamente as vidas das pessoas pobres que nunca poderiam encarar de volta a vida *dele*. Você o contou isso em um dia ensolarado, quando ele te levou para ver o **Estuário de Long Island**, e vocês dois brigaram, as suas vozes se **alteraram** enquanto vocês passeavam no mar calmo.

Ele disse que você estava errada de chamá-lo de **hipócrita**. Você disse que ele estava errado de chamar apenas os indianos pobres em Bombaim de indianos verdadeiros. Isso significava que ele não era um americano verdadeiro, uma vez que ele não era como as pessoas gordas e pobres que **ele** tinha visto em Hartford? Ele passou **apressadamente** na sua frente, com a parte de cima **do corpo** nua, seus chinelos levantando uns bocados de areia, mas **então** ele voltou e estendeu a mão dele. Vocês fizeram as pazes e fizeram amor e passaram suas mãos nos cabelos

his soft and yellow like the swinging tassels of growing corn, yours dark and bouncy like the filling of a pillow. He had got too much sun and his skin turned the color of a ripe watermelon and you kissed his back before you rubbed lotion on it.

The thing that wrapped itself around your neck, that nearly choked you before you fell asleep, started to loosen, to let go.

You knew by people's reactions that you two were abnormal – the way the nasty ones were too nasty and the nice ones too nice. The old white men and women who muttered and glared at him, the black men who shook their heads at you, the black women whose pitying eyes bemoaned your lack of self-esteem, your self – loathing. Or the black women who smiled swift solidarity smiles; the black men who tried too hard to forgive you, saying a too-obvious hi to him; the white men and women who said "what a good-looking pair" to brightly, too loudly, as though to prove their own **open-mindedness** to themselves.

But his parents were different; they almost made you think it was all normal. His mother told you that he had never brought a girl to meet them, except for his high school prom date, and he grinned stiffly and held your hand. The tablecloth shielded your clasped hands. He squeezed your hand and you squeezed back and wondered why he was so **stiff**, why his extra-virgin-olive-oil-colored eyes darkened as he spoke to his parents. His mother was delighted when she asked if you'd read **Nawal el Saadawi** and you said yes. His father asked how similar Indian food was to Nigerian food and **teased** you about paying when the check came. You

um do outro, o dele macio e amarelo como as franjas oscilantes do milho em cultivo, os seus escuros e elásticos como o enchimento de um travesseiro. Ele **tinha tomado** muito sol e a pele **dele** ficou da cor de uma melancia madura e você beijou as costas dele antes que você passasse a loção.

A coisa que se **enrolava** em volta do teu pescoço, que quase te **asfixiava** antes que você adormecesse começou a afrouxar, **a soltar**.

Você sabia pela reação das pessoas que vocês dois eram anormais – e o jeito das **peessoas** maldosas era muito mal e o jeito das **peessoas** bondosas era bom demais. Os homens e mulheres brancos e velhos que resmungavam e o encaravam, os homens negros que balançavam suas cabeças para você, as mulheres negras cujos olhos de pena lamentavam a sua falta de autoestima, a sua auto-aversão. Ou as mulheres negras que sorriam sorrisos solidários ligeiramente; os homens negros que tentavam dificilmente te perdoar, dizendo um oi muito óbvio para ele; os homens e mulheres brancos que diziam “que casal bonito” claramente, **fortemente**, como se para provar a sua própria **receptividade** a si mesmos.

Mas os pais dele eram diferentes; eles quase te fizeram achar que tudo era normal. A mãe dele te contou que ele nunca trouxe uma garota para conhecê-los, exceto o par do baile de formatura, e ele sorriu forçadamente e segurou a sua mão. A toalha de mesa cobriu as suas mãos apertadas. Ele apertou a sua mão e você apertou de volta e se perguntou porque ele estava tão **tenso**, por que os olhos dele de cor de azeite de oliva extravirgem escureceram enquanto ele falava com os pais. A mãe dele estava satisfeita quando perguntou se você tinha lido **Nawal el Saadawi** e você disse sim. O pai dele perguntou quão parecida a comida indiana era com a nigeriana e **te provocou** sobre pagar quando a conta chegasse. Você os olhou e se sentiu agradecida **por** eles não te examinarem como

<p>looked at them and felt grateful that they did not examine you like an exotic trophy, an ivory tusk.</p> <p>Afterwards, he told you about his issues with his parents, how they portioned out love like a birthday cake, how they would give him a bigger slice if only he'd agree to go to law school. You wanted to sympathize. But instead you were angry.</p> <p>You were angrier when he told you he had refused to go up to Canada with them for a week or two, to their summer cottage in the Quebec countryside. They had even asked him to bring you. He showed you pictures of the cottage and you wondered why it was called a cottage because the buildings that big around your neighborhood back home were banks and churches. You dropped a glass and it shattered on the hardwood of his apartment floor and he asked what was wrong and you said nothing, although you thought a lot was wrong. Later, in the shower, you started to cry. You watched the water dilute your tears and you didn't know why you were crying.</p> <p>You wrote home finally. A short letter to your parents, slipped in between the crisp dollar bills, and you included your address. You got a reply only days later, by courier. Your mother wrote the letter herself; you knew from the spidery penmanship, from the misspelled words.</p> <p>Your father was dead; he had slumped over the steering wheel of his company car. Five months now, she wrote. They had used some of the money you sent to give him a good funeral: they killed a goat for the guests and buried him in a good coffin. You curled up in bed, pressed your knees to your chest, and tried to remember what you had been doing when your father died,</p>	<p>um troféu exótico, uma presa de elefante.</p> <p>Mais tarde, ele te contou sobre os problemas dele com os pais, como eles repartiam o amor como um bolo de aniversário, como eles o dariam o maior pedaço se ele aceitasse ir para a faculdade de direito. Você queria simpatizar. Mas pelo contrário você estava com raiva.</p> <p>Você ficou com mais raiva quando ele te contou que ele tinha se recusado a ir ao Canadá com eles por uma semana ou duas, para o chalé de verão que eles possuíam na região rural do Quebec. Eles tinham até pedido para ele trazer você. Ele te mostrou fotos da casa de campo e você se perguntou por que era assim chamada porque os prédios tão grandes ao redor da sua vizinhança na sua terra eram bancos e igrejas. Você deixou o copo cair e se despedaçou no piso de madeira do apartamento dele e ele perguntou o que havia de errado e você não disse nada, apesar de você achar que muita coisa estava errada. Mais tarde, no banho, você começou a chorar. Você observou a água diluir as suas lágrimas e você não sabia o porquê você estava chorando.</p> <p>Você escreveu para casa finalmente. Uma carta pequena para os seus pais, colocada discretamente entre as novas notas de dólar, e você colocou o seu endereço. Você teve resposta apenas dias depois, por correio. Sua mãe mesmo escreveu a carta, você sabia pela caligrafia emaranhada, pelas palavras erradas.</p> <p>Seu pai estava morto; bateu sobre o volante do carro da empresa. Cinco meses agora, ela escreveu. Eles tinham usado um pouco do dinheiro que você enviou para dar a ele um bom funeral: eles mataram um bode para os convidados e o enterraram em um bom caixão. Você se enrolou na cama, apertou seus joelhos no seu peito, e tentou lembrar o que você estava fazendo quando o seu pai morreu, o que você estava fazendo durante todos os meses em que</p>
---	---

<p>what you had been doing for all the months when he was already dead. Perhaps your father died on the day your whole body had been covered in goosebumps, hard as uncooked rice, that you could not explain, Juan teasing you about taking over from the chef so that the heat in the kitchen would warm you up. Perhaps your father died on one of the days you took a drive to Mystic or watched a play in Manchester or had dinner at Chang's.</p> <p>He held you while you cried, smoothed your hair, and offered to buy your ticket, to go with you to see your family. You said no, you needed to go alone. He asked if you would come back and you reminded him that you had a green card and you would lose it if you did not come back in one year. He said you knew what he meant, would you come back, come back.</p> <p>You turned away and said nothing, and when he drove you to the airport, you hugged him tight for a long, long moment, and then you let go.</p>	<p>ele já estava morto. Talvez seu pai morreu no dia em que todo o seu corpo estava arrepiado, duro como arroz cru, que você não podia explicar, Juan provocando você sobre assumir a posição de cozinheira para que o calor da cozinha pudesse te aquecer. Talvez o seu pai morreu em um daqueles dias que você deu um passeio no Místico ou assistiu um jogo em Manchester ou jantou no Chang.</p> <p>Ele te segurou enquanto você chorava, alisou seu cabelo, e se ofereceu para comprar a sua passagem para ir com você para ver a sua família. Você disse não, você precisava ir sozinha. Ele perguntou se você voltaria e você o lembrou que você tinha um greencard e você o perderia se não voltasse em um ano. Ele disse que você sabia o que ele queria dizer, você voltaria, voltaria?</p> <p>Você desviou o olhar e não disse nada, e quando ele te deixou no aeroporto, você o abraçou apertado por um longo, longo momento, e então você se despediu.</p>
--	---

